



Marco N° 1 - Cevide



Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel



Taxa Paga Portugal Linda a Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXIV - N.º 1438 | 1 de Maio de 2020 | Preço Avulso Euros 1,50  
Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário



## Para o Dia da Mãe

Mãe: são três letras apenas  
As desse nome bendito  
Também CÉU tem três letras  
E nelas cabe o Infinito!

Para louvar a nossa mãe,  
Todo o bem que se disser  
Nunca há-de ser tão grande  
Como o bem que ela nos quer.

Tão doce aos lábios meus  
Dizer teu nome querido!  
Agora que estás em Deus  
Mais ainda é repetido!

*De Mário Quintana,  
com adaptações*

## Peneda, elevada a Santuário Diocesano P.3



O MOSTEIRO DE FIÃES, VISTO ATRAVÉS DO INVENTÁRIO DA EXTINÇÃO - 1834

P.6-7

A PROPÓSITO DAS "MAIAS" OU "MAIOS"

P.12-13

UMA HISTÓRIA DO MAIS PURO AMOR

P.16

QUE APOIOS HÁ PARA OS SECTORES DA ECONOMIA MAIS AFECTADOS?

P.18

COVID-19 - DADOS DE MELGAÇO ATÉ 30 DE ABRIL

P.21

CÂMARA E ESSÊNCIA DO VINHO PROMOVEM PRODUTOS E TERRITÓRIO EM PERÍODO DE RETOMA

P.25

ENTREVISTA A ANSELMO BORGES

P.30-32

25 ANOS DA FESTA DO ALVARINHO E DO FUMEIRO

P.36

VIAGENS: EM TERRAS ALPINAS

SUL DE FRANÇA E LYON

INDONÉSIA

## Municípios pedem reabertura controlada das fronteiras do Minho P.10



## Economia nas nossas vidas depois do Covid P.2

## Turismo de Natureza vai ser uma das apostas da retoma da economia P.11

## Que nos ensinam os grandes romances sobre as pandemias? P.24

# Quinta do Regueiro

## Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo  
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542  
comercial@quintadoregueiro.com





# Economia em nossas vidas: impacto depois da Covid-19

Costa Guimarães

Economistas da Universidade Católica desenharam cenários para os impactos da pandemia na economia portuguesa. Se a fase crítica durar apenas três meses, o PIB cai 10%. Se durar seis meses, economia contrai 20%. Desemprego subirá, nestes cenários, para 10,4% ou 13,5%, respetivamente.

Outra pergunta que se faz agora é: quanto custa o Covid à economia? INE dá exemplo: se o turismo perder 25%, PIB recua 2,9%.

O Instituto Nacional de Estatísticas (INE) divulgou dia 29/04 um instrumento que permite estimar os impactos “significativos e transversais” que a pandemia do Covid-19 poderá ter na economia portuguesa. Partindo de um modelo de input-output (entrada e saída de fluxos) o INE apresentou uma simulação para o rasto que as perdas no turismo pode ter no Produto. E concluiu que uma diminuição de 25% na atividade turística levará a uma contração de 2,9% no PIB”. Este cenário que não corresponde a uma previsão de queda para a economia portuguesa, resulta do cruzamento de uma avaliação setorial com o seu peso no produto, bem como o efeito de cadeia que terá em outras atividades que são também fornecedoras de bens e serviços ao turismo.

A economia portuguesa vai sofrer uma recessão em 2020, provavelmente superior à verificada no pior ano do ajustamento económico. Mas ainda não é possível prever com alguma sustentação qual será a dimensão da queda. O Banco de Portugal divulgou a 26 de março duas projeções: uma mais otimista que aponta para 3,7% de queda do Produto Interno Bruto e um cenário adverso onde a economia pode encolher 5,7% este ano.

Na simulação divulgada em 22 de Abril e que tem por base matrizes relativas ao ano de 2017, o INE assume que o setor do turismo terá representado 11,5% do Produto em 2018. Como é reconhecidamente um dos setores mais afetados pela crise, com a maioria das unidades fechadas, é “expetável uma contração significativa da sua atividade”.

Resta saber o efeito positivo que as medidas do Governo podem ter na recuperação.

O que pode a Europa fazer para contrariar a crise que se avizinha em resultado da pandemia covid-19, em Portugal? Pode uma pequena economia aberta, integrada nesse espaço económico e monetário, fazer algo para melhorar o processo de recuperação da crise?

No curto prazo, há que pensar no relançamento da economia no momento imediatamente a seguir ao alívio das restrições ao funcionamento dos mercados. Esteve bem o governo português quando elegeu o sector do turismo, restauração e viagens como os prioritários a apoiar (agora os apoios são já alargados a todos os setores de atividade). O sector do turismo não é apenas prioritário para a manutenção da capacidade instalada e dos postos de trabalho durante a crise, mas é-o também pelo facto de previsivelmente o fim

da pandemia coincidir com o início da época alta do turismo em Portugal. Neste esforço de curto prazo para minimizar os danos em 2020, talvez seja de equacionar um maior apoio a este setor. A criação de condições que dêem confiança aos potenciais turistas será crucial.

É necessário tornar a justiça mais eficiente, não obstante a melhoria dos indicadores nos últimos anos. Cerca de 250 dias para resolver um caso cível ou comercial na primeira instância (segundo o The 2019 EU Justice Scoreboard) dá ainda muita margem para melhoria. Se queremos recuperar da crise e também sair de forma sustentada da trajetória de estagnação em que Portugal tem estado desde 2000 (em média), então temos que fazer muito melhor que os outros, não basta sermos medianos.

É preciso que o país tenha um quadro fiscal estável, muito mais longo que as legislaturas de 4 anos. Não é benéfico para suportar uma estratégia de crescimento de longo-prazo que cada governo altere o IRC, pior ainda que o faça até em cada Orçamento do Estado.

Sendo o capital humano, como o investimento em capital físico, um motor de crescimento económico, é também necessário que a sociedade portuguesa assente um (ou vários) modelo(s) de escola e que o(s) mantenha estáveis ao longo do tempo.

Por outro lado, este impacto contém efeitos diretos no turismo, mas também em outros setores que dependem em parte desta atividade, como o aluguer de veículos, os transportes, os restaurantes e até os produtos agrícolas, agro-industriais e as bebidas que são produzidos ou importados para satisfazer a procura turística. E ainda no caso dos produtos agrícolas os fertilizantes, sementes, pesticidas, etc.

## O que tem de mudar na nossa vida pessoal

Aos poucos vamos voltando às nossas rotinas mas, depois deste confinamento, nada será como dantes.

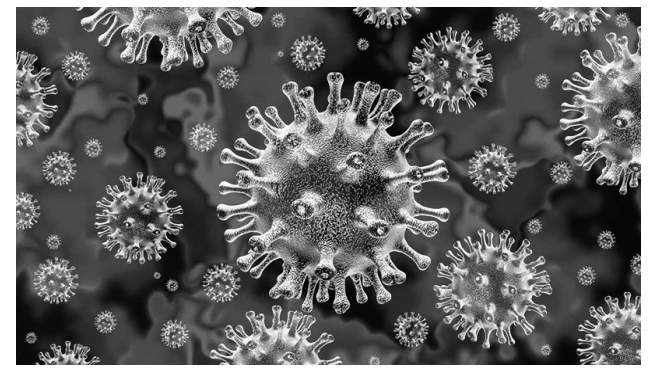
Ainda persiste o medo do contágio e o receio da crise económica. No entanto, a vontade de dar o nosso melhor é maior e, como tal, sugerimos algumas mudanças para que o seu dia-a-dia e a sua vida sejam mais plenos do que nunca.

### 1. Gerir bem o seu dinheiro

Continue a fazer uma poupança e reponha, aos poucos, o que tem gasto a mais. Faça um novo orçamento, mais adaptado à nova realidade que aí vem. Mas invista em si, faça pequenos cursos que sinta que o podem valorizar profissional e pessoalmente e viaje para fora cá dentro. Viajar faz bem e enriquece-nos.

### 2. Gerir bem o seu tempo

Assim que possível, troque as redes sociais pelo contato pessoal. Com segurança, reveja amigos e famili-



ares. As redes sociais podem proporcionar momentos de diversão mas não substituem o que é real e poluem a comunicação com notícias falsas ou meias-verdades. Escolha meios seguros para recolher informação.

### 3. Realize os seus sonhos

Crises são oportunidades de mudança. Este pode ser o momento ideal para apostar num objetivo com que sempre sonhou. Torne-se um empreendedor e arrisque num projecto em que sempre acreditou e que o realize.

### 4. Seja mais tolerante

Seja mais tolerante e flexível com os outros. Todos passamos por momentos difíceis. Hoje é o outro, amanhã pode ser você. A entre-ajuda é fundamental em momentos difíceis.

### 5. Não se prive do que é importante para si

Já diz o ditado: não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Aproveite a vida, divirta-se, porque esses momentos são o combustível para as dificuldades do dia-a-dia.

### 6. Adopte um estilo de vida saudável

Faça exercício físico regularmente. Escolha uma atividade que realmente goste para que não venha a desistir com facilidade. Alimente-se bem, coma comida saudável e com níveis baixos de açúcares, sal e gorduras. Com a idade, o corpo tem mais dificuldade em metabolizar os alimentos rapidamente. Durma bem, tentando respeitar sempre os mesmos horários, para que tenha rotinas e a sua vida não seja afectada no futuro. Quando sairmos do confinamento, os horários habituais regressam e é importante adaptar o corpo a eles.

### 7. Valorize-se e preocupe-se mais consigo

Dê valor ao que faz e ao que tem. Seja uma prioridade para si próprio. Muitas vezes, a tristeza e a frustração vêm de uma expectativa irreal aonde queremos chegar. Isso gera frustração. Por outro lado, ser-se grato pelo que se tem e pelo que se vai conquistando é a chave para a felicidade.

Esteja sempre atento: este site é um bom auxiliar para estar a par de tudo.

<https://www.publico.pt/interactivo/como-esta-evoluir-pandemia-covid19-onde-vivo/#/>

## A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
redacao@vozemelgaco.pt  
Site: www.vozdemelgaco.pt.la  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

Director  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257  
João Martinho Silva

Editor  
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção  
Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

Correspondente  
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:  
Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
António Costa Guimarães – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Armanda Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues – Áncora

Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
P.º Manuel Domingues – Viana  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa  
Rui Ribeiro – Melgaço

## PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»  
Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Telef. 253 214 284  
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:  
Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,  
António Luís Vergara Vaz  
e Manuel Luís Vergara Vaz,  
20% cada.

Pré-Impressão:  
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:  
Empresa Diário do Minho, Lda.  
Rua de S. Brás, n.º 1  
4710-073 Gualtar Braga  
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:  
Portugal – 20 Euros  
Estrangeiro – 25 Euros



# Peneda erigida como Santuário Diocesano

Com data de 25 de Março, dia da celebração da Solenidade da Anunciação do Senhor, foi publicado no «Notícias de Viana» de 23 de Abril o «Decreto» assinado pelo bispo Dom Anacleto e pelo chanceler, padre Daniel Rodrigues, que erige «a igreja e todo o seu complexo e espaços sagrados como Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Peneda».

Para esta decisão, aduz-se a especial antiguidade da invocação 'Senhora da Peneda', desde o recuado dia 05 de Agosto de 1220 – ocorrendo por isso o 8º centenário -; a presença assídua de peregrinos, entre eles, alguns notáveis, como: Rainha Santa Isabel, São Pedro Gonçalves Telmo, Beato Gonçalo de Amarante e São Bartolomeu dos Mártires. Este santo arcebispo invocou nesse local a especial protecção de Maria contra a terrível peste que assolava a Arquidiocese de Braga em meados do século XVI, a que Viana pertencia.

É realçado ainda o facto de que o local da Peneda proporciona estruturas que muito podem favorecer uma pastoral mais dinâmica, sobretudo para as camadas mais jovens e todos quantos buscam um encontro pessoal com Deus através da contemplação e fruição das maravilhas da Natureza. A Peneda é um local que se tem afirmado como especial foco evangelizador do povo mais simples que, «nesta 'Escola de Maria', aprende a conhecer e viver o Mistério de Cristo, particularmente na sua Paixão, elemento presente na vida espiritual e expresso na arte que o envolve,

pioneiro da devoção da Via-Sacra».

Por todas estas razões, o Templo, suas Capelas da Paixão de Cristo e seus espaços sagrados respeitadores das condições exigidas pela legislação canónica são reconhecidos como Santuário Diocesano.

O Decreto nomeia ainda como primeiro Reitor, o Padre César Maciel, e como Vice-reitor, o padre Raúl Fernandes. Entre outros encargos, terão de proceder à revisão e actualização dos Estatutos da Confraria de Nossa Senhora da Peneda.

Naturalmente que sentimos um especial regozijo por esta erecção da Peneda como Santuário Diocesano de Viana do Castelo. Sempre Melgaço teve para com a Peneda um carinho e devoção muito especiais. E um tio avô meu foi pároco da Gavieira e encarregado da Peneda. Foi o padre Matias Vaz. Meu tio padre Carlos gostava de celebrar



lá o seu aniversário natalício em 5 de Setembro. Meus pais e avós para lá acorreram com fé e devoção e nos incutiram desde crianças esta doce devoção. «A Voz de Melgaço» já lá esteve várias vezes em acção de graças. E da Peneda noticia o mais que pode e chegue ao seu conhecimento.

## Cardeal George Pell

Carlos de Lemos

Ainda sobre o Cardeal Pell, a mim vieram-me lágrimas aos olhos quando foi absolvido. A razão é que o conheci pessoalmente quando foi Arcebispo de Melbourne e acompanhei de perto as acusações e a maneira como foi julgado e condenado.

Foi acusado de ter violado dois jovens, na sacristia, após ter celebrado uma missa solene, com Bispos e vários sacerdotes acólitos.

Um dos jovens faleceu já adulto, mas nunca mencionou, nem à família, que tinha sido violado

Portanto, toda a acusação foi baseada na palavra de uma pessoa sem testemunhas ou prova de delito.

A defesa argumentou, com testemunhas, que teria sido impossível o Cardeal estar sozinho na sacristia, após uma missa solene, e que também não seria prático ele violar os jovens com toda a indumentária da posição. Tudo isto foi rejeitado.

A imprensa e a opinião pública regozijou-se em ver pessoa do topo da hierarquia cristã em apuros e ele foi, simplesmente, o bode expiatório a pagar por inúmeros padres que pecaram.

O Cardeal está agora a viver em Sydney. Mas a polícia e autoridades judiciais no Estado de Victoria, onde ele foi julgado, estão a preparar mais acusações e há o perigo de ele ser novamente julgado e, como vingança, voltar à cadeia.



É minha opinião logo que seja possível, ele deveria regressar ao Vaticano, mesmo sem funções oficiais, e não mais regressar à Austrália. A decisão unânime de sete juízes do Supremo Tribunal Federal da Austrália não foi bem aceite por grande maioria e ele será sempre vítima da opinião pública que poderá ser refletida na justiça, como aconteceu no primeiro julgamento, mas agora com mais intensidade de vingança, considerando que tanto a polícia como os juízes de Victoria não ficaram satisfeitos com a decisão do Supremo em revogar as suas deliberações.

## Novo Amanhã

Hoje, em que o medo paira no ar  
E o Mundo parece perdido,  
Começemos por acreditar  
Na Esperança, como porto de abrigo.

Hoje, em que sentimos desilusão  
Num tempo de difícil viver,  
Sejamos conscientes na nossa visão,  
Tentando cumprir e compreender...

Hoje também brilha o sol  
E chilreia alegre o rouxinol,  
Alheios... ao nosso penar!

Hoje também cantam as fontes,  
A Natureza renova campos e montes  
E a tempestade... amanhã irá amainar!

Armanda Urze, Vila  
24 de abril de 2020

Na Esthetic Smile temos à sua disposição a **Terapia de Ozono**.  
Marque a sua Consulta.

**Ozonoterapia**

INDICAÇÕES CLÍNICAS DO OZONO NA MEDICINA DENTÁRIA:

- NO TRATAMENTO DE CÁRIES
- NA DESINFECÇÃO CIRÚRGICA
- NA PERIODONTITE
- NO TRATAMENTO DE AFTAS
- NA SENSIBILIDADE DENTINÁRIA
- NA ENDODONTIA
- DE SALIENTAR QUE A MAIORIA DOS TRATAMENTOS COM OZONO NÃO NECESSITA ANESTESIA.

Saiba mais na **EstheticSmile**  
Tlf. +351251404002  
808215415

Largo da feira - Melgaço

Terapia con Ozono  
Generación de O<sub>3</sub> y métodos de aplicación

**OZONO**  
La Odontología del Futuro  
Incorpórese a la Odontología Biológica

Utilización del Ozono  
en Odontología  
Beneficios y Ventajas

Saiba mais na **EstheticSmile**  
Tlf. +351251404002  
808215415

Largo da feira - Melgaço



# Santolina, a guarda roupa

Teresa Tábuas

A santolina, *Santolina chamaecyparissus*, é uma planta arbustiva, que forma touceiras e popularmente é conhecida pelo seu aroma delicioso. Apresenta porte baixo, alcançando de 30 a 90 cm de altura, com ramagem ramificada, formando moitas muito densas. As folhas de cor acinzentada são finamente divididas, aromáticas e pontiagudas, lembrando as folhas de cipreste e parecendo prateadas ao sol. As inflorescências, comumente chamadas flores, assemelham-se a pequenos pompons de cor amarelo brilhante e perfumados.

O florescimento costuma acontecer no verão, mas a planta é cultivada mais pela beleza da cor da folhagem do que propriamente pelas flores.

Esta planta também denominada de guarda-roupa, nome atribuído porque, pendurada em ramos nos roupeiros e armários, protege a roupa e o vestuário das traças. Também é eficaz no tratamento das picadas de insetos, bastando para isso esfregar as folhas esmagadas na zona afetada.

A planta é muito difundida na medicina popular, sendo as suas folhas e flores, usadas como infusão, para alívio de problemas estomacais, na melhoria da digestão e para ajudar na boa qualidade do sono. Em forma de banho, é usada para a saúde da pele e limpeza de feridas.

Por via externa usa-se em conjuntivites e inflamações orofaríngeas, bem como cicatrizante. Em fitoterapia, como já referido, é usada para problemas digestivos tais como espasmos gastrointestinais, gastrites, dispepsias hipossecretoras e flatulência. Tem atividade anti-inflamatória e antiespasmódica. Possui também propriedades antimicrobianas e antifúngicas.

É amplamente usada em projetos paisagísticos para a formação de maciços e bordaduras, demarcando canteiros e caminhos e formando interessante contraste com plantas de cor verde. As suas flores são comercializadas sendo empregues em variadas formas e tamanhos de arranjos.

Por conter boa quantidade de tanino, em algumas regiões, é usada para o beneficiamento do couro.



Originada no Mediterrâneo esta planta pode ser encontrada em diversos países do mundo, porém tem maior facilidade em crescer em terreno continental, mediterrânico.

Atualmente é usada em muitos dos jardins das nossas cidades.

# Vamos todos derrotar o medo de viver

Helena Matos

Queremos de volta tudo o que é nosso por direito!...  
Como é possível termos chegado a este confinamento que limita as liberdades, fere de morte os doentes, causa pânico aos velhinhos, desolação aos mais novos, apreensão nos jovens, desespero na população?!...

Queremos caminhar de mãos dadas!...  
Temos de ultrapassar as barreiras que nos impedem de dar e receber abraços estando atentos ao gesto e abertos às palavras e melodias daqueles que fazem parte de nós.

Queremos agradecer a quem não nos deixou ficar sós!...

Não se poupamos a esforços a maioria das nossas "forças vivas" dando o seu melhor em prol do bem comum.

Queremos fazer ouvir a nossa voz!...  
Fomos criativos na hora de partilhar os nossos hinos e canções com todos aqueles que viviam no nosso quarteirão.

Queremos tocar e acarinhar os nossos!...  
Os nossos velhos não se podem sentir abandonados, entregues a si próprios.

Queremos abraçar e beijar!...  
O carinho e amor para com as crianças exige que se tomem as melhores medidas para que elas se sintam protegidas.

Queremos educar sem receios!...  
Os pais não podem sentir a ameaça do desemprego sobre as suas cabeças.

Queremos que respeitem os vivos e nos deixem honrar os nossos mortos!...  
É inadmissível que os doentes sintam medo de ir aos hospitais. Inacreditável não podermos fazer o luto dos que partem para o Além.

Queremos um arco-íris que nos agregue!...  
O Sol continua a brilhar para todos e a dar o ar de sua graça a uma Natureza que se renova em cada ciclo convidando o Homem a fazer suas sementeiras e colheitas de forma responsável.

Queremos que a vida nos sorria sem máscaras!...  
Melhores tempos hão-de vir com toda a certeza. Mas quando?!... Se não morremos com a doença não podemos perecer com a cura.

Queremos um Portugal uno e indivisível!...  
Sabemos o que queremos e o que valemos em cada cantinho deste nosso torrão lusitano.

Queremos honrar as nossas raízes!...  
*A Oeste da Europa  
Bem juntinho ao oceano  
Está o nosso Portugal  
Querido torrão lusitano*

*Em continente é pequeno  
No ultramar o terceiro  
O mais valente na guerra  
Na descoberta o primeiro*

*Dos valentes portugueses  
Ouçamos a sua história  
Aos mouros e castelhanos  
Alcançam sempre a vitória*

*Nos mares abrem caminhos  
Em todas as direcções  
E assim abrem novos mundos  
Às conhecidas nações*

*Tenho orgulho em ser filho  
De tão formosa nação  
Tão bonita tão bonita  
Que a guardo no coração*

*Eu adoro a minha Pátria  
Não como coisa mesquinha  
Eu adoro a minha Pátria  
Porque é minha muito minha"*

# Os nossos Amigos

Carlos Nuno

## Como começar este texto?

Acaba alguém de me dizer que tendo um negócio de venda de jornais, revistas e jogos, facturando uma média de 7 a 8.000€ por semana, agora factura 700 a 800 euros.

Em situações normais, havia uma média de cerca de 100 assinantes ao mês que pagavam as suas assinaturas do jornal. É certo que «O Encanto das Flores», onde agora os assinantes podem pagar a assinatura do jornal, está fechado, como todos os comércios não alimentares ou quiosques de venda de jornais. Mas mesmo no Superquiosque, na Calçada, que está aberto, não houve praticamente movimento nenhum. Para Braga, sobretudo por transferência multibanco, pagaram 16.

Não admira que estejam vários jornais a fechar e que o mesmo aconteça com certas rádios locais, sem falar nas dificuldades nas de âmbito nacional.

Todavia, sem bom jornalismo, a democracia não é plena.

Enquanto pudermos aguentar e Deus nos der saúde, tudo faremos para manter a edição regular do jornal. Tanto mais que no próximo mês fazemos 74 anos. E ao menos queríamos poder chegar aos 75.

Neste último mês, pagaram 2020 como amigos: João da Costa Gomes, do Porto; Manuel Lobato Afonso, de Braga, e Margarida Augusta de Castro, de Paçô, Rouças, que já adiantou o pagamento de 2021.

Mas há flores que lançam no nosso caminho e amenizam a dureza da caminhada. Palavras como as que extraio de uma carta onde se pede desculpa dos anos em atraso, e se diz: «É no Nosso Jornal que eu vejo as notícias da Nossa Terra, e até de meus familiares... Os meus cumprimentos para o padre Carlos, que graças a Deus bem conheço, e a todos os que trabalham para o bem do jornal A Voz de Melgaço».

Destaco que este leitor escreve: «Nosso Jornal» com letras maiúsculas. Assinala bem que o jornal é de todos «Nosso», e acrescenta que merece ser escrito com maiúscula, o que deveras nos apraz.

Outra carta diz: «Já era meu desejo ter pago a assinatura, mas as circunstâncias actuais não têm permitido. Peço desculpa.

Votos de muita saúde para todos, da muito amiga». À hora em que escrevo estas notas espera-se que o confinamento seja mitigado e que a vida possa recomeçar, embora com todas as cautelas.

Aos nossos amigos sugerimos façam o pagamento por transferência multibanco. É muito fácil e prático. Se o nome da pessoa de cuja conta é feita a transferência for o mesmo do nome da pessoa em que está escrita a etiqueta com a direcção, nem é preciso mais nada. Se houver diferença, digam-me por email: [jornal.vozmelgaco@gmail.com](mailto:jornal.vozmelgaco@gmail.com)

**NIB = 0018 0000 28639224 00105**  
**IBAN= PT50 0018 0000 28639224 00105**

**Contamos com os nossos assinantes, porque sabem bem como são importantes para garantir a sustentação do jornal.**







# O Mosteiro de Fiães, visto através do inventário da extinção - 1834

## Novos aspectos

José Marques\*

Prosseguindo o projecto iniciado no passado mês de Janeiro, pretendemos, agora, divulgar alguns aspectos ignorados pelos autores que se têm debruçado sobre a história deste mosteiro cisterciense, a que Melgaço e o Alto Minho tanto devem. Com os elementos já revelados e com os que agora apresentamos, gostaríamos de introduzir os leitores no interior desta comunidade e, de algum modo, pô-los em contacto com pormenores da sua vida privada, geralmente preteridos pelos investigadores. Em relação ao mosteiro de Fiães, a realização deste percurso é, deveras, complexa, pois desapareceram completamente as instalações conventuais e os espaços mais abaixo mencionados, que nos poderíamos orientar.

Numa tentativa de proporcionarmos, de algum modo - virtual, essa realidade aos leitores e aos naturais de Fiães, nascidos após os primeiros anos da década de 1960, apresentamos, mais uma vez, o resto da fachada poente das construções conventuais, que os Monumentos Nacionais ainda conseguiram fotografar e, assim, perpetuar em imagem. Ainda a conhecemos, na íntegra, unida à parede sul da igreja, com a porta de arco perfeito, que dava acesso às zonas residenciais dos monges e dos conversos, conjunto situado a nascente desta antiga fachada.



Foto 1 - Fachada poente do conjunto conventual.

Para quem não tiver conhecimento da estrutura arquitectónica destes conjuntos monásticos cistercienses, será difícil localizar os espaços a que se reportam as várias secções ou classes do inventário, que continuamos a utilizar, como guia, no interior da extinta residência conventual, porque era aqui que, verdadeiramente, se encontrava o "convento" do Mosteiro de Fiães, isto é, o conjunto dos monges com o prior claustral, sob a direcção do Dom Abade.

A fim de facilitarmos esse percurso e antes de expormos o essencial deste artigo, permitimo-nos apresentar a *planta tipo* de uma abadia cisterciense, que, de acordo com as circunstâncias locais, na sua implantação reproduziria as partes nela mencionadas ou, se necessário, poderia sofrer algumas adaptações. Em princípio, a parte conventual deveria situar-se do lado sul da igreja, para gozar da exposição ao sol - como se verificava em Fiães -, mas há casos, em que as instalações conventuais tiveram de ser construídas do lado norte da igreja - assim tendo acontecido com o Mosteiro de Alcobça -, distribuindo no espaço disponível as partes previstas na *planta tipo*, aqui reproduzida.

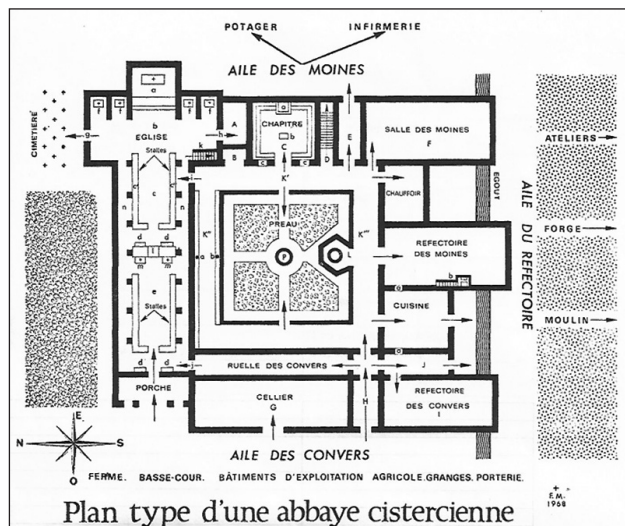


Foto 2 - Planta tipo de uma abadia cisterciense.

Este desenho foi retirado da obra do monge cisterciense, Dom Maur Cocheril, *Notes sur l' Architecture et le Décor dans les Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1972, pp. 24-25, ao qual a Cultura Portuguesa, no tocante aos estudos sobre a Ordem de Cister entre nós, muito deve, e que tivemos a oportunidade de conhecer e com ele contactar, no Congresso Internacional, realizado, em Guimarães, em 1979.

Dispensamo-nos das referências concretas à totalidade dos vários espaços desta *planta tipo* das abadias cistercienses e, em particular, aos das construções conventuais, mas não poderíamos omitir a alusão à cozinha, comum aos refeitórios dos monges e dos conversos, sites do lado direito, e ao claustro central, ponto de convergência de todos os residentes: monges e conversos.

Quanto a Fiães, excepto a igreja, tudo se perdeu. Mesmo após a demolição de parte da fachada poente, representada na foto n.º 1, se tivessem sido efectuadas as escavações arqueológicas prometidas e em que o P.º Manuel Lourenço tanta esperança depositava, hoje poderíamos conhecer a base da estrutura arquitectónica das construções claustrais de Fiães. Do claustro, propriamente dito, dentro da austeridade cisterciense, que S. Bernardo, energicamente, defendeu contra o Abade beneditino Suger, podemos ter uma pálida imagem a partir dos dois arcos transferidos e utilizados na casa que se encontra, do lado nascente, quase no fim da alameda, que são - tanto quanto sabemos - o único vestígio visível do claustro do antigo conjunto residencial monástico de Fiães.

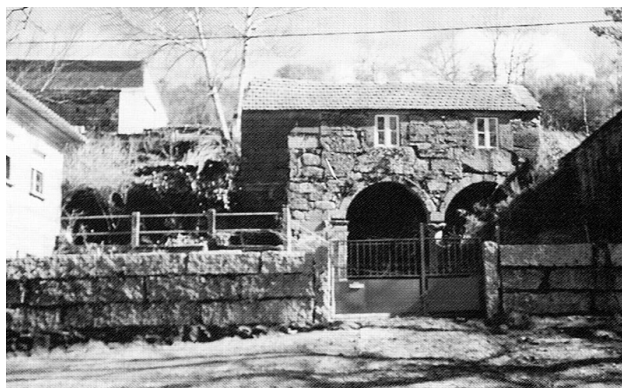


Foto 3 - Dois arcos do claustro, em casa particular.

Vai longa esta introdução, sem a qual pouco sentido teria esta tentativa de aproximação às antigas instalações desta extinta comunidade cisterciense, conduzidos pelo inventário, elaborado em 25 e 26 de Julho de 1834, quando ainda todas existiam.

Com esse inventário na mão, percorramos, pois, na companhia dos emissários régios, seus autores e avaliadores, as dependências, onde encontraram, brevemente descreveram e registaram os diversos objectos, mobílias, utensílios agrícolas e roupas, em muitos casos, designados como "velhos", incluindo tudo na rubrica: «3.ª Classe»:

### (Fl. 1) - « Objectos da Cozinha, Infermaria, Refeitório, e mais objectos da Comunidade: (Cozinha)

Hum tacho de cobre, em mil e seiscentos reis . . .	\$600
Hum tacho de cobre em trezentos reis . . . . .	\$300
Huma chaleira de cobre em quinhentos reis . . . .	\$500
Huma certãa de cobre em cento e vinte . . . . .	\$120
Huma bacia de arame em quinhentos reis . . . . .	\$500
Item tres potes de ferro de deferentes tamanhos uzados em setecentos e vinte reis . . . . .	\$720
Dois espetos de ferro, duzentos reis . . . . .	\$200
Hum ferro de fazer hostias em dois mil e quatrocentos reis . . . . .	\$2400
Item doze travessas grandes e piquenas, em mil e duzentos reis . . . . .	\$1200
Mais duas ditas, em duzentos reis . . . . .	\$200
Item pratos razos, e copos trinta que avaliarão em quinhentos reis . . . . .	\$500
(Fl. 1v.) Item duas salladeiras em oitenta reis . . .	\$080
Item duas terrinas de molho em sessenta reis . . .	\$060

### Refeitório

Tres toalhas velhas em cento e vinte reis . . . . .	\$120
Copos de agoa trez que avaloarão em duzentos reis . . . . .	\$200
Ditos piquenos cinco, em cento e quarenta reis . .	\$140
Item quatro garfos digo quatro facas e cinco garfos tudo de ferro, em cento e sessenta reis . . . . .	\$160
Hum aparelho de chá que consta de hum taboleiro piqueno honze chicharas, trez pires digo quatro pires dois assucareiros sem tampa dois bulles pretos tudo velho em oitocentos reis . . . . .	\$800
Seis pratos piquenos em cento e vinte reis . . . .	\$120
Hum canapé de trez cadeiras em mil quatrocentos reis . . . . .	\$1400
Dez cadeiras em palhinha em tres mil reis . . . .	\$3000
Doze cadeiras de páo uzadas em mil reis . . . . .	\$2000
Seis mezas grossas uzadas de castanho que avaliarão em trez mil reis . . . . .	\$3000
(Fl. 2) Item duas mezas de chá velhas em mil e seiscentos reis . . . . .	\$1600
Item duas commodas velhas em mil e quinhentos reis . . . . .	\$1500
Item hum banco velho grande em oitenta reis . .	\$080
Item huma meza muito uzada em cem reis . . . .	\$1000
Item tres candieiros de latão uzados em setecentos e vinte reis . . . . .	\$720
Item hum relogo de salla sua caixa desengamzado em seis mil reis . . . . .	\$6000
Item dias machadas piquenas uzadas em trezentos reis . . . . .	\$300
Huma sineta em dois mil e quatrocentos reis . .	\$2400

Continua na pág. seguinte



# O dia em que os jornais passaram a digitais

Carlos Manuel Eugénio\*

Emergência nacional, é o estado em que nos encontramos. Emergência de tantas coisas que até parece que a informação não tem emergência, pelo menos na imprensa escrita. O Estado está a fazer o que pode mas no caso da imprensa escrita acha que este dever constitucional – o de informar e ser informado-, não é mais do que uma obrigação que os privados têm de assegurar enquanto mecenas.

Esta emergência também do medo da intromissão do estado na imparcialidade dos meios, faz com que estes fiquem num ponto de estagnação tal que por estes dias ainda nada foi avançado no relativamente aos apoios a um setor fundamental da democracia portuguesa.

E não, não estou a falar de apoios fundamentais para o funcionamento dos grandes grupos de media, pese embora a situação até para estes seja mesmo tão grave como parece.

Mas a imprensa regional, que tantas vezes é apontada como o exemplo a seguir na formação de grandes operários do setor da comunicação, habituada a fazer omeletes sem ovos, nestes dias por muito que queiram nem ovos nem omeletes.

Estes jornais de importância tão significativa para as localidades onde se inserem, passam hoje por dificuldades nunca pensadas, deixando alguns deles de continuar a existir temporariamente, espero, por falta de apoios financeiros.

Com o comércio local encerrado, as faturas de publicidade são a primeira perda que estes encontram, depois vem todas as questões operacionais que jornais regionais na maior parte dos casos com duas ou três pessoas, sem os apoios necessários não conseguem ultrapassar.

Quem perde são os habitantes destas localidades, quando um jornal desaparece deixam de ter a informação local que lhes permita obter um conhecimento atualizado da sua região, dando toda a latitude aos seus governantes para atuarem livremente sem o escrutínio que estas publicações efetuam às decisões que tomam.

## CONFRARIA DOS DESCENDENTES DE MELGAÇO, EM VILA PRAIA DE ÂNCORA Convívio/Almoço Anual – 2020

Júlio Domingues

Nesta hora difícil das nossas vidas, vimos saudar todos os nossos Conterrâneos/Confrades e seus Familiares e Amigos, onde quer que se encontrem, desejando-lhes as maiores Felicidades.

Passado um ano do nosso I Encontro/Almoço, onde tivemos a presença de muitos Conterrâneos, com as suas Famílias e Amigos, e, bem assim, do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Doutor Manoel Baptista e sua esposa e do Senhor Pároco local, Senhor Padre Valdemar Fernandes, o que muito nos orgulhou, ainda não conseguimos um elemento dispo-

nível para Secretariar o nosso Grupo..

Contudo, neste novo ano de 2020 e logo que a situação do País esteja regularizada, e ouvidos vários dos nossos Confrades, iremos levar a cabo o nosso - II Encontro/Almoço, de convívio anual., em Vila Praia De Ancora.. E, teremos a presença do Conterrâneo, tocador de Concertina Senhor Duarte, da linda Freguesia de Fiães...

O nosso agradecimento também, à Direcção do Jornal da Terra - A VOZ DE MELGAÇO, pela sua disponibilidade na divulgação dos nossos Eventos..

Em V. P. De Ancora, por iniciativa da Câmara Municipal de Caminha, existem uns Terrenos disponíveis para Cultivo, havendo aí um bom número de Melgacenses, a cultivar as suas Hortas, todas elas bem trabalhadas e destacando-se as Hortas das Conterrâneas, do Salão de Cabeleireiro em Seixas / Lanhelas : "ESTELA E GLÓRIA"..

À semelhança dos anos transactos, a Junta de Freguesia de Vila Praia de Ancora, na sua Sede, disponibiliza informação, acerca da Entrega da Declaração de IRS - Automático.../2019.....

Continuação da pág. anterior

### Adega

Item dois toneis grandes arcados de ferro avaliados em dez mil reis ..... 10\$000  
Item huma balsa em trezentos reis ..... \$300  
Item tres pipas de vinho são a quarenta reis o cabaço importão em quatro mil e oito centos reis. .... 4\$800

### Tulha

Item dois bancões cobertos de caixão em mil e duzentos reis ..... 1\$200  
Huma caixa de castanho velha em quatrocentos reis ..... \$400  
Quatro medidas de alqueire, meio, quarto, e meio quarto, em quatrocentos reis ..... \$400  
Item quatro alqueires de centeio em oitocentos reis ..... \$800  
Item hum cavallo preto, cernado em cinco mil reis ..... 5\$000

### Rouparia

Quatro cobertores velhos em mil e seiscentos reis ..... 1\$600  
Quatro lençoes velhos em quatrocentos reis .... \$400  
Item trez trabeceiros velhos, em cento e cinquenta reis ..... \$150  
Trez banquinhos no cartório que avaliarão em duzentos e quarenta reis ..... \$240  
Huma coberta de chita velha em trezentos reis. .... \$300».

A leitura desta parte do inventário – que dispensa comentários pormenorizados sobre o conteúdo das várias rubricas –, mais do que um ambiente de austeridade, deixa a impressão de pobreza, certamente acentuada pelo eventual descaminho que muitas coisas terão levado, durante os dois meses decorridos, desde a extinção das Ordens Religiosas, em 28 de Maio de 1834, até à sua elaboração, em Julho seguinte. Entretanto, note-se a falta das anunciadas informações sobre a

enfermaria. A análise atenta do que se passou com o Mosteiro de Fiães – de tanta importância, no Norte de Portugal e na Galiza –, revela como tudo foi acontecendo, até ao completo desaparecimento das construções da claustra, bem como o que a falta de cultura, os interesses materiais e um certo anticlericalismo, mais ou menos disfarçado, foram capazes de fazer.

E não se pense que estas coisas são apenas do passado remoto, pois não há muitas décadas que se concretizou a destruição de uma capela, sobranceira ao rio Minho e ao lado esquerdo da entrada na nova ponte do Peso para Arbo, para dar lugar à cultura de vinha; nem vai longe também o projecto de destruição da capela aberta do Santo Cristo, implantada no limite de Rouças com a Vila de Melgaço, felizmente frustrado, mercê dos artigos publicados neste jornal, oportunamente, enviados às autoridades competentes.

Que as reflexões sobre os erros passados nos ajudem a consolidar e valorizar, culturalmente, o nosso Património histórico.

\* O autor não segue o dito Acordo Ortográfico.

**MANUEL LUÍS D. RODRIGUES**  
TÉCNICO 28335

**INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS**  
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES  
PORTAS SECCIONADAS  
VIDEOS PORTEIROS  
AQUECIMENTO ELECTRICO

**Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676**

SERRALHARIA  
**MANUEL RODRIGUES**

TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

**Agência Funerária ORQUÍDEA**

**Auto Fúnebre Próprio**  
Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369  
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



# Neste Tempo de Pandemia, Lembrando um Amigo

Alberto Pereira de Castro

Sem qualquer dúvida, quando caminhávamos aliviados pela saída da crise e de olhos postos na recuperação económica, somos atingidos por nova crise, desta feita sanitária, de incalculáveis consequências sociais e económicas negativas. Recolhidos a quartéis, que é como quem diz a nossas casas, tivemos, cada um a seu modo, e consoante as necessidades profissionais, que organizarmo-nos por forma a mantermos o ritmo aparentemente normal das nossas vidas. Na parte que me respeita, aproveitei para continuar a pôr as minhas leituras em dia de que penso dar-vos notícia um dia destes.

Entretanto, veio-me à lembrança a figura de um grande e querido Amigo, bracarense de gema, e cuja memória mais se recorta nestes momentos difíceis - José Moreira. Como o conheci, há bem mais de sessenta anos, e quais os passos mais marcantes e significativos da nossa convivência? Pois eu vos conto.

Um dia, fui inesperadamente contactado pelo meu colega de estudos João Marques que me transmitiu o recado de José Moreira, jornalista de O Correio do Minho (Chefe de Redacção) de que pretendia falar comigo convidando-me para colaborar naquele jornal. Tratava-se de criar uma Página (Quinzenal) de Juventude que seria dirigida por mim. Aceitei.

A Redacção do jornal era na nobre Casa dos Coimbras, ali para os lados de S. João do Souto, e era pouco menos do que assustadora no seu aspecto de ruína: uma enorme sala com duas ou três secretárias sendo uma ao centro, voltada para a porta, (ocupada pelo Chefe de Redacção) e duas outras, ao seu lado esquerdo, ocupadas pelos demais jornalistas que na altura era o Ledo Merrelho, de Esposende, e, mais tarde, o Aníbal Jorge Mendonça, filho do jornalista Aníbal Mendonça, Delegado de O Primeiro de Janeiro em Braga, e que já, em tempos idos, fora seu Chefe de Redacção e até Director. Em frente da Secretária principal havia um velho cadeirão de couro onde muitas noites se afundava o Dr. Augusto Cerqueira Gomes, um homem de verbo fácil e entusiástico, então Deputado à Assembleia Nacional. E, desde logo, duas coisas me criaram espanto em José Moreira: a sua capacidade para fumar continuamente e a facilidade com que escrevia à máquina, ao mesmo tempo que falava, sem interrupção, e sem “perder o fio à meada”... No dia seguinte, os seus apontamentos de BLOCO - NOTAS saíam impecáveis...

\*\*\*

Passado algum tempo, José Moreira deixou o jornal e este mudou para rua Abade da Loureira, num prédio de construção recente com uma cave onde trabalhavam os tipógrafos e onde um dia assisti à primeira greve da minha vida. É que os trabalhadores, chegado o dia de receberem a sua fêria, esta não lhes foi paga, o que, pelos jeitos, era habitual. Então, em acção de protesto, acantonaram-se em determinado local e recusaram-se a trabalhar enquanto o dinheiro não lhes fosse pago. Ora o bom Samuel, encarregado das Oficinas, lá transmitiu a exigência dos operários ao Editor, que na altura era o Presidente da Câmara, António Santos da Cunha, que imediatamente ali se apresentou, fez uma enorme parlanga, e assumiu o compromisso de fazer o dito pagamento. Depois de se prontificar a vender o relógio para satisfazer o débito, se necessário fosse, já quando subia as escadas de acesso ao primeiro piso, disse, já não sei com que propósito, “...E fiquem sabendo que ainda penso durar mais vinte e cinco anos!”, ao que um funcionário que era gago respondeu, “A -amen, senhor Presidente”...

- Que é que você disse?

- A-amen, senhor Presidente!

\*\*\*

No ano seguinte, fui para Lisboa e deixei de ter contacto com o jornal. Soube mais tarde que José Moreira, voltara a trabalhar ali, sempre gratuitamente, e que inclusivamente chegara a comprar seis quilos de caracteres (a composição era ainda



manual) para seu uso pessoal.

\*\*\*

Entretanto José Moreira entra como sócio - gerente numa Sociedade de livraria e Tipografia - a Pax - na rua do Souto que dirige durante muitos anos, até que os sócios não resistem à oferta de uma “Pronto a Vestir” e extinguem a sociedade. Foi durante este período que contactei segunda vez com José Moreira, desta vez na elaboração de uma Monografia sobre a Liga dos Combatentes, que então dirigia, UNIDOS NA GUERRA/UNIDOS NA PAZ.

\*\*\*

Já em 1994, como Presidente da Câmara de Valença, vim a contactar de novo com José Moreira, que na altura ocupava o cargo de Director da ASPA (Secretário), e por seu convite colaborei com alguns trabalhos sobre os Caminhos de S. Tiago, as Unidades Militares de Valença e a Fundação da Colegiada, cimentando assim uma Amizade - e uma mútua admiração - de muitos anos que perdurou até ao seu falecimento em 2003. Recordo que em 2002 José Moreira esteve em Valença com um extenso grupo de sócios da ASPA, onde lhes fiz uma vista guiada, da parte de manhã, com um agradável almoço ao ar livre no Restaurante Bom Jesus, completando, com a vista, da parte de tarde, à Catedral de Tui. Contava então José Moreira oitenta anos.

\*\*\*

Em 1999 publica um interessante livro que intitula de “Instantes/crónicas & etc”, de que me oferece um exemplar com a seguinte dedicatória “Para o querido Amigo, Major Alberto Pereira de Castro, / este livro que fala de pessoas e paisagens vividas em comum com muito apreço intelectual, /Fraternalmente, José Moreira/ Braga, 28 de Outubro de 1999”.

Nesse livro, em “Esboço para um Auto - Retrato”, José Moreira diz-nos que aprendeu as primeiras letras numa Escola no Convento dos Congregados, (ele próprio filho de uma Professora do ensino Primário), anexa da Escola Normal, frequentando a 3ª e 4ª Classes na Sé, onde também frequentou a doutrina dirigida pelo “esguio e zeloso Cónego Figueiredo” (que, por sinal, era tio paterno de minha Mulher), tendo transitado para a escola comercial e industrial de Braga, ainda no Largo Paulo Osório, onde se matriculou no curso elementar de comércio.

Segue-se o primeiro contacto com o mundo do trabalho, numa fábrica têxtil em Souto Chão, Maximinos, “e a inesquecível iniciação mediática no ritual da opção pelos pobres, preferencialmente”. A esta experiência vem acrescentar-se “o acidente fortuito, mas marcante, da aventura do jornalismo e as grandezas e misérias da intervenção pública e o se corolário na intuição da carga de liberdade que cada homem transporta intrinsecamente consigo”. Segue-se a difícil camaradagem com um conjunto de jornalistas que fizeram história, durante muitos anos, no meio bracarense, e “o amor pelos livros aprofunda-se e universaliza-se com Amândio César e Augusto Cerqueira Gomes, e rasgam-se, nesta eventualidade, perspectivas novas na descoberta do mundo da vida e dos valores permanentes”. Segue-se a experiência do funcionalismo público durante quinze anos com experiências fabulosas, o seu trabalho “na

Mocidade Portuguesa e o serviço prestado aos jovens, desinteressado e persistente, realizado por amor a Portugal e a postulados que se têm por essenciais e permanentes”. Vem depois o casamento com Irene de quem tem oito filhos, a sua dita participação na fundação da Tipografia e livraria PAX e finalmente o seu “encontro pessoal determinante com a espiritualidade da unidade” durante mais de trinta anos. Finalmente, José Moreira, viu-se confrontado com um cancro na garganta, que teve que ser operado e tratado em Inglaterra, e debateu-se com extraordinária dignidade com esse facto durante mais de vinte anos, sempre activo, sempre determinado e ao serviço dos outros, não obstante a dor de ter de ver partir ainda deste mundo dois dos seus filhos. Foi por isso justíssima a homenagem que a cidade de Braga através dos representantes máximos lhe prestou, ainda que tardiamente.

\*\*\*

No mesmo volume reúne os seus melhores escritos ao longo de quarenta anos de jornalismo com apreciações muito acertadas sobre cinema, teatro, livros, dando-nos também o retrato fiel de algumas figuras notáveis de Bracara Augusta que o marcaram quer negativamente como António Santos da Cunha, embora não o refira expressamente, quer positivamente como Dr. Augusto Cerqueira Gomes e Amândio César, que contribuíram decisivamente para a sua formação intelectual. É um forte testemunho que dedica a sua Esposa, aos oito filhos do casal e aos filhos destes, e que muitas vezes consulto com particular prazer encontrando sempre nos seus trechos coisas novas dignas de serem meditadas.

\*\*\*

José Moreira foi um bracarense convicto que amou a sua cidade, a cujo engrandecimento dedicou muito do melhor esforço fazendo parte inclusivamente dos órgãos directivos do Sporting Clube de Braga, e por isso foi há poucos anos galardoado a título póstumo com a Medalha de Mérito Municipal pelo actual Executivo camarário. Anteriormente a essa merecida homenagem, decidira a Esposa publicar um livro com os depoimentos de alguns de muitos dos seus Amigos, nomeadamente do seu grande Amigo D. Jorge Ortiga, convite a que não pude corresponder em virtude de, nessa altura, eu próprio estar a viver momentos dolorosos com o falecimento de um filho meu. Devo ter dado uma explicação que passava pela vivência dessa dor pelo que a minha “falta” não impediu a oferta de um exemplar nestes termos:

“Ao Exmo Senhor Major Pereira de Castro, em penhor da Amizade que o ligou a meu marido, José Moreira, este “In Memoriam” que no-lo recorda em toda a fortaleza do seu carácter e todo o seu empenho cristão na dilatação do Reino de Deus./ Com afectuosas saudações/Irene Moreira/Braga

\*\*\*

Nesta hora, particularmente grave para Portugal e para o Mundo, de solidariedade e grande comunhão espiritual, não posso deixar de lembrá-lo como alguém que caminhou a meu lado, e que, partindo primeiro, deixou neste difícil itinerário as marcas incentivadoras do seu próprio itinerário...



# Oração a Maria neste mês de Maio

O Papa Francisco, sempre atento aos acontecimentos e profundo devoto da Virgem Mãe, publicou em 25 de Abril, Dia do Evangelista São Marcos, uma pequena carta/exortação para que os fiéis aproveitassem este mês de Maio, especialmente dedicado à Virgem Maria, para recitarem o terço, se possível em família e, no final, rezarem, quer a oração à Mãe da Divina Misericórdia, que propôs no início da pandemia, quer a nova, que a seguir inserimos, para que os nossos leitores a possam aproveitar e difundir o mais possível:

## ORAÇÃO A MARIA



**'Sob a tua  
protecção  
procuramos  
refúgio,  
Santa Mãe  
de Deus'**

*Na presente situação dramática, carregada de sofrimentos e angústias que afligem o mundo inteiro, recorremos a Vós, Mãe de Deus e nossa Mãe, e procuramos refúgio na vossa protecção.*

*Ó Virgem Maria, voltai para nós os vossos olhos misericordiosos nesta pandemia do coronavirus, e confortai todos quantos estão desconsolados e chorosos pelos seus queridos mortos, sepultados, por vezes, de uma maneira que fere a alma. Amparai quantos estão angustiados com as pessoas doentes que, para evitar o contágio, não podem visitar e dar-lhes carinho. Infundi confiança naqueles que estão ansiosos com o futuro incerto e as consequências da epidemia na economia e nos postos de trabalho.*

*Mãe de Deus e nossa Mãe, rogai por nós a Deus, Pai de misericórdia, para que esta dura provação acabe, e de novo se abra um horizonte de esperança e de paz. Como em Caná, intercedei junto de vosso Divino Filho, pedindo-lhe que conforte as famílias dos doentes e das vítimas, e que abra o seu coração à confiança.*

*Protegei os médicos, os enfermeiros e enfermeiras, os outros profissionais da saúde, os voluntários que, neste período de emergência, estão na primeira linha e colocam em risco as suas vidas para salvar outras vidas. Acompanhai o seu trabalho heróico, e dai-lhes força, bondade e saúde.*

*Estai ao lado daqueles que, dia e noite, assistem aos doentes, e também com os sacerdotes que, com solicitude pastoral e empenho evangélico, procuram ajudar*

*e encorajar a todos.*

*Virgem Santa, iluminai as mentes dos homens e das mulheres da ciência, para que encontrem soluções justas para vencer este vírus.*

*Assisti os Responsáveis das Nações, para que operem com sabedoria, solicitude e generosidade, socorrendo quantos não têm o necessário para viver, programando soluções sociais e económicas de largo alcance e com espírito de solidariedade.*

*Maria Santíssima, tocai as consciências para que as enormíssimas quantias de dinheiro gastas em aumentar e aperfeiçoar armamento, sejam antes destinadas a promover estudos adequados que previnam semelhantes catástrofes no futuro.*

*Mãe amantíssima, fazei crescer no mundo o sentido de pertença a uma única grande família, com a consciência do vínculo que a todos nos une, para que, com espírito fraterno e solidário, ajudemos a minorar tantas situações de pobreza e de miséria. Encorajai a firmeza na fé, a esperança no serviço, a constância na oração.*

*Ó Maria, Consoladora dos aflitos, abraçai todos os vossos filhos atribulados e fazei com que Deus intervenha com a sua mão onnipotente para nos libertar desta terrível epidemia, de modo que a vida possa retomar com serenidade o seu curso normal.*

*Confiamo-nos a Vós, que resplandeceis sobre o nosso caminho como sinal de salvação e de esperança, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria! Amen.*

## Faleceu António Manuel Vieira

Executivo municipal aprovou voto de pesar por “*um melgacense sempre ao dispor da nossa terra*”

João Martinho

Faleceu no dia 28 de Abril, vítima de doença prolongada, António Manuel Vieira, empresário, deputado municipal e antigo presidente da Junta de Freguesia de Cristóval.

Era membro da Assembleia Municipal de Melgaço desde 2005. Assumiu, entre 1983 e 2001, a presidência da Junta de freguesia de Cristóval e de 2002 a 2005 continuou o seu trabalho como membro do Executivo da Junta de Freguesia, no 2º lugar.

O executivo municipal, em reunião de Câmara realizada no dia 29 de Abril, aprovou por unanimidade um voto de pesar pelo falecimento do deputado, “*um melgacense sempre ao dispor da nossa terra*”.



*Viajamos juntos!*

1987



# AECT Rio Minho reclama reabertura controlada das fronteiras em nome da 'saúde' financeira da região

João Martinho



Os municípios do Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Rio Minho, no qual o município de Melgaço se insere, reivindicam a reabertura das fronteiras.

Em comunicado divulgado a 28 de Abril, indicam que “a economia local e o emprego nos seus municípios dependem em grande parte desta relação transfronteiriça, designadamente o turismo, o comércio e a indústria”.

Sugerem no entanto que a reabertura seja feita com “aplicação dos devidos meios de controlo e segurança”, mas facilitando a circulação de trabalhadores transfronteiriços que actualmente terão de fazer mais


quilómetros para aceder ao único ponto de passagem entre países que é, no caso do Alto Minho, a ponte Valença-Tui.

Segundo o AECT Rio Minho, aquela ponte transfronteiriça “concentra cerca de 44 por cento do total da mobilidade entre Espanha e Portugal” e é o único ponto de atravessamento para quem vive num país e trabalha noutro.

“Alguns trabalhadores transfronteiriços deslocam-se obrigatoriamente a distâncias de mais de sessenta quilómetros entre a ida e volta para poder chegar às zonas industriais ou empresas que fica-

vam a uma escassa distância dos seus domicílios”, observava a autarca de Tomiño, Sandra González, citada pelo Jornal de Notícias, reforçando que o impacto negativo desta restrição afecta essencialmente a população “com um nível económico médio-baixo”.

O Agrupamento analisou o impacto socioeconómico que a pandemia da doença Covid-19 e considera ser “vital”, segundo Uxío Benítez Fernández, Director do AECT Rio Minho e Tenente-alcalde (Vereador) do concelho de Tomiño, “que o encerramento de fronteiras não vá muito mais além do fim dos estados de alarme e emergência de Espanha e Portugal”.



**Contabilidade**  
**Apoio ao cidadão – IRS**

A entrega do IRS de 2020, referente aos rendimentos auferidos em 2019, decorre de 1 de abril a 30 de junho de 2020.

Precisa de apoio na submissão do seu IRS?  
Contacte-nos!

**Serviços**

- Contabilidade;
- Consultoria de Gestão;
- Assessoria Fiscal;
- Direitos da Empresa;
- Gestão de Recursos Humanos;
- Apoio ao Contribuinte;
- Portugal 2020.

UKUBO Consultoria  
O seu parceiro de negócios.

**Melgaço**  
R. Dr. António Durães  
n.º 65 R/C Dto  
4960-522 Melgaço  
+351 251 418 322

**Monção**  
Rua D. Afonso Henrique  
Ed. Domus Residence, R/C Lj 2  
4950-446 Monção  
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

**Imóveis que lhe podem interessar**

**Terreno para construção**  
São Paio, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno para construção com uma área de 980m<sup>2</sup>, situado a 10 minutos do centro de Melgaço. Possui bons acessos e excelentes vistas.

**38.000€**  
00023

Certificado Isento

**Morada V3**  
Penso, Melgaço, Viana do Castelo

Excelente moradia V3 em pedra, com divisões distribuídas por dois andares. A propriedade é vendida em conjunto com um terreno de cultivo com cerca de 680m<sup>2</sup>.

**98.000€**  
00322

E

**Morada V5 para recuperação**  
Prado e Remoães, Melgaço, Viana do Castelo

Morada V5, em fase final de construção, composta por r/c e 1º andar. Possui uma área de 170m<sup>2</sup> e encontra-se junto ao Centro de Estágios de Melgaço. Dispõe de anexos, terreno para cultivo com 2.500m<sup>2</sup> e águas furtadas.

**150.000€**  
00443

F

**Morada para recuperação**  
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Morada, em pedra, para recuperação, situada na Rua Verde em S. Gregório. Declaração de Ruína: SCE135391931

**30.000€**  
00480

Declaração de Ruína

**Apartamento T3**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3, com divisões amplas, localizado no centro da vila. Possui cozinha remodelada, aquecimento, vidros duplos e garagem fechada.

**160.000€**  
00517

E

**Apartamento T2**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, mobilado, com bons acessos e bem localizado. Possui caixilharia com rotura térmica, vidro duplo e garagem fechada.

**110.000€**  
00572

F

**Morada V4 em pedra**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo, Portugal

Morada V4 em pedra, situada em local serrano, a 10 minutos da vila. Possui rossios, terrenos de cultivo, carvalheira e mina de água. Área aproximada: 20.000m<sup>2</sup>. Dispõe de aquecimento, caixilharia com rotura térmica, janelas em alumínio e vidros duplos.

**150.000€**  
00604

D

**Terreno com aptidão construtiva**  
Prado e Remoães, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com aptidão construtiva com 5.400m<sup>2</sup>, e excelentes acessos. Localizado próximo da Vila de Melgaço.

**250.000€**  
01140

Certificado Isento



# Calendário da retoma: Actividade económica regressa faseadamente entre 4 de Maio e 1 de Junho

João Martinho

A cumprir-se o plano de retoma previsto pelo Governo e mantendo-se o controlo da pandemia após as primeiras aberturas de espaços públicos, restauração e outros serviços, o país começa a preparar-se para o novo “estado”, sem perder o dever de alerta à Covid-19.

No final de Abril, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, anunciou o fim do estado de emergência à meia-noite do dia 2 de Maio e a entrada na fase de aberturas, mas obedecendo a um calendário que permita ir tomando o pulso à população durante este regresso gradual dos vários sectores e serviços à actividade.

“O estado de emergência cessará a sua vigência após esta segunda renovação no dia 2 à meia-noite. Espera-se não ser necessário no futuro recorrer novamente ao estado de emergência. Se for necessário, isso será ponderado”, afirmou Marcelo Rebelo de Sousa.

**Recorde-se que o estado de calamidade pública, embora represente um ligeiro alívio das medidas de restrição, a resolução do Conselho de Ministros, de acordo com a Lei de Bases de Proteção Civil, tem poderes para estabelecer limites ou condicionamentos à circulação ou permanência de pessoas, assim como cercas sanitárias e de segurança.**

No entanto, não se verificando um crescimento exponencial de novos casos e a manter-se a ordem e higiene das práticas, a agenda para a retoma será a seguinte:

## **4 de Maio: Abertura do pequeno comércio, mas não todo**

O Governo começa pelo pequeno comércio de bairro, de até 200 metros quadrados, que junte menos gente e exija menos deslocações. Comerciantes do sector automóvel, cabeleiros e barbeiros e esteticistas também já poderão retomar nesta data.

## **6 de Maio: Lançadas as normas para a época balnear**

Será um Verão diferente nas praias portuguesas. Vai ser estabelecida uma lotação máxima nas praias e condicionamento nos acessos, conforme a dimensão. O “manual das praias”, elaborado pela comissão técnica de acompanhamento às épocas balneares, prevê o uso de máscaras nos bares e restaurantes de apoio.

## **18 de Maio: 11º e 12º anos voltam à escola, reabrem creches e restaurantes**

Os alunos dos últimos dois anos do Ensino Secundário voltarão a ter aulas presenciais a partir de 18 de Maio, com máscara e mantendo as regras de distanciamento social.

Até ao fecho desta edição ainda não eram conhecidos os detalhes do processo, como a distribuição das turmas, mas não será um regresso à normalidade lectiva, uma vez que o regresso às aulas presenciais apenas para estes dois últimos anos do Ensino Secundário será apenas para disciplinas cujo exame conta para a média de entrada na universidade.

Neste dia reabrirão também as creches. António Costa justificava a importância de abertura das creches com a necessidade de apoiar as famílias que ti-



veram perda de rendimento ou que fizeram o esforço de acumular o teletrabalho com acompanhamento dos filhos.

Reabrem ainda as lojas com área comercial até 400 metros quadrados, assim como cafés e restaurantes (cumprindo as medidas de higiene e prevenção entre tanto impostas).

## **1 de Junho: Reabertura de pré-escolar e comércio de maior dimensão**

A reabertura do pré-escolar só foi confirmada nos últimos dias de Abril, mas será uma realidade. Os Centros comerciais e outras superfícies de maior dimensão abrirão também a partir deste dia.

# Preparar a retoma: Turismo de natureza vai ser uma das tendências da nova realidade

João Martinho

Segundo a revista Publituris, publicação dedicada ao sector turístico e hoteleiro em Portugal, o regresso gradual à nova normalidade após a pandemia da doença Covid-19 trará também novas tendências de escolha no momento de viajar.

As medidas de prevenção a adoptar influenciarão a escolha de locais mais próximos, considerando “o sentimento de potencial insegurança associado a voos e aeroportos”, abrindo assim mais possibilidades para o turismo rural e de natureza, no qual o Alto Minho e Melgaço em particular é profícuo.

Assim, se a campanha dos agentes de turismo e proprietários de alojamento local transmitir o sentimento de segurança e distanciamento social que a nova tendência procura, Melgaço (assim como todos os concelhos que tem em comum o Parque Nacional Peneda-Gerês) poderá posicionar-se entre os destinos mais procurados durante o período de retoma.

“O conceito de privacidade em viagem será tendencialmente muito mais importante do que no período pré-COVID. O receio de proximidade e a vontade de evitar espaços lotados assumirão um papel de relevo. Museus, festivais, espectáculos, bares e discotecas serão previsivelmente afectados de forma significativa

por esta nova realidade”, indica a Publituris, reforçando assim a reorientação das preferências para o turismo de natureza.

“Não será surpresa caso se verifique a orientação de turistas para destinos com uma forte componente natural, na medida em que este tipo de turismo permitirá, por norma, a conciliação do conceito de isolamento social com a descoberta e contacto com a natureza de que milhares de portugueses se encontram privados nas últimas semanas”, especifica a publicação.

Segundo a revista, as mico-férias poderão ser mais comuns durante este processo de normalização das novas práticas. Os agentes locais deverão por isso estar atentos à cativação de públicos que procuram estadias de mais curto prazo.



“Face à impossibilidade de efectuar viagens de longo curso, geralmente as que assumem maior duração, terá lugar a substituição de uma grande viagem anual por um conjunto maior de pequenas viagens, mais próximas de casa, ao longo do ano”.

Pode encontrar o texto completo sobre “Quais vão ser as tendências de turismo em Portugal?” em [publituris.pt](http://publituris.pt)



# A Propósito das “Maias” ou “Maiois”

## O Ciclo da Flor, Andorinhas e Ninhos

José Rodrigues Lima



“Somos filhos da madrugada  
Pelas praias do mar nós vamos;  
À procura de quem nos traga  
Verde oliva da flor no ramo”  
(...)

Zeca Afonso

De cores se vestem os campos na Primavera.  
Celebramos em Maio o ciclo da flor.

Da tradição fazem parte os cestos floridos em Vila Franca do Lima e os andores floridos de Alvarães. Manifestações que retratam arte e comunicam mensagens.

É um tempo novo, com símbolos de regeneração e fertilidade, onde não falta o canto do cuco e a chegada das andorinhas.

A poesia popular é consagrada no “Cante Alentejano” e assim ouvimos:

“Vamos lá saindo/ por esses campos fora; / e a manhã vem vindo/ dos lados da aurora”.

E ainda: “O maio moço/ele lá vem,/vestido de verde/que parece bem”

A poetisa Rosalia de Castro escreveu um poema intitulado, “Maio longo...Maio longo”

“Maio longo...maio longo/todo coberto de rosas;/ para alguns telas de morte,/ para outros telas de bodas”.

O reconhecido investigador J. G. Frazes, na sua grande obra intitulada “La Rama Dourada” (Magia e Religion) (1922), com título original “The Golden Bough”, lança-nos luz sobre a profundidade ancestral do culto da “Árvore na Europa Moderna”, seguindo a tese vegetalista.

Na vizinha Galiza a festa das “Maiois” é muito expressiva, como nos apresenta o investigador Clodio González Pérez no seu livro “As Festas dos Maiois (1989).

As Publicações Dom Quixote, na colecção “Portugal de Perto”, editou a obra “Etnografia Portuguesa” da autoria de Rocha Peixoto, bem como divulgou na mesma colecção “Festividades Cíclicas”, do grande antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira.

Ainda sob as “maias” Jorge Dias, no estudo referente a “Vilarinho das Furnas - Uma Aldeia Comunitária” (1981), refere: “No 1º de Maio, também costumam colocar “maios” nas portas e janelas. Na véspera, seja muito ou pouco o serviço, vai sempre um de cada casa apanhar maias. Dizem eles, que é para comemorar o

### PROFUNDIDADE ANCESTRAL

No primeiro dia de Maio conserva-se a tradição de colocar giestas nas casas, nos veículos, nas unidades industriais, nos estabelecimentos comerciais e nas praças.



A tradição das “maias ou maiois” tem muita força e por isso foi objecto de estudo no âmbito das ciências sociais, de modo especial na antropologia.

milagre que sucedeu quando Nosso Senhor andava perseguido e se refugiou numa casa de gente amiga. Um inimigo viu-o entrar na casa e marcou-a com uma flor

Continua na pág. seguinte



**Peso  
Paderne  
Melgaço**

**Alojamento e Restauração**



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



— Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.  
— Casamentos e Baptizados.  
— Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com



de giesta, mas no dia seguinte, quando veio com muitos soldados para o matar, todas as portas e janelas estavam enfeitadas com maios, ele não pôde reconhecer a casa em que Jesus se escondeu”.

Aceitando os dois grandes grupos de plantas, umas boas e outras ruins, do primeiro fazem parte as giestas.

A narrativa referida por Jorge Dias e Rocha Peixoto é a mais conhecida no Alto Minho, como verificámos em entrevistas a pessoas que recolhiam giestas para colocar à entrada das habitações.

A giesta das serras é um arbusto caducifoleo, de ramos flexíveis, com folhas pubescentes, constituída por um ou três folículos de flores amarelas ou brancas. É nativa de Portugal mas é invasiva em alguns países.

Foi introduzida na Califórnia em 1960 com intuito de corrigir a erosão do solo.

### O LIME DE PAREDES DE COURA

As giestas ainda hoje são utilizadas para elaborar vassouras servindo na limpeza dos quinteiros das casas rurais e, por vezes, ainda se veem varredores a usá-las na limpeza dos espaços urbanos.

### A FLORÁLIA – FESTA ROMANA

O citado antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira sustenta “que é clássica a hipótese que procura a filiação das consagrações florais do 1º de Maio nas festas públicas romanas das “Florália” dedicadas à deusa Flora, que celebravam o renascer da Primavera; mas o parentesco entre essas festividades e celebrações atuais do 1º de Maio é muito problemático e não se pode estabelecer em termos gerais e concretos. A ideia de que se pode ajudar ritualmente o renascer das forças da natureza no princípio da Primavera tem contudo carácter universal e cremos legítimo, por vezes, interpretar estas cerimónias que existem em termos afins em inúmeros povos e civilizações”.

O 1º de Maio corresponde à noite de Valpurgis, que a demonologia medieval germânica povoou de bruxas invisíveis que andavam no ar e praticavam as suas obras infernais, certamente por herança da crença pagã nos espíritos nocivos do Inverno e da morte, de que era necessário purificar ritualmente a terra no Maio do ano agrário.

Assim sublinha Ernesto Veiga Oliveira.

### A FESTA BELTANE

É de referir a importância da festa Beltane, festival celta comemorado ainda nos nossos dias, reconhecido nas celebrações da “Festa da Primavera” com calendário no 1º de Maio.

Durante o festival são acesas fogueiras nos topos dos montes, sendo um ritual importante nas terras celtas. O fogo gera força benéfica para os rebanhos e terras, segundo crença antiga.

No Minho, no dia 3 de Maio, dia litúrgico da Santa Cruz, havia o costume generalizado de enfeitar com flores os cruzeiros das aldeias e o pároco subia a um alto para abençoar as terras, para o ano agrícola ser abundante, de modo especial o milho e o centeio, cereais importantes para a alimentação.

### O DIA DA ESPIGA

Não devemos omitir a comemoração do “Dia da Espiga”, presente nas comunidades a sul de país. Talvez esta celebração primaveril seja uma das muitas reminiscências de antigas tradições pagãs e esteja ligada à tradição dos Maios ou Maias. “O Dia da Espiga era também o Dia da Hora”. Era durante essa “Hora” que se colhiam as plantas para fazer o ramo de espiga e as ervas que se punham a secar para depois fazer chás.

Às várias plantas que compõem o ramo da espiga era dado um significado e um valor simbólico:

Espiga – o pão que mata a fome e nos faz livres:

Malmequer – O ouro e a prata, o dinheiro, que tantas vezes nos encandeiam;

Papoila – O amor que é vida e nos faz ser gente:

Oliveira – A luz que anuncia o Dia;

Videira – O vinho da alegria e da festa;

Alecrim – A saúde, a sabedoria, a fortaleza do espírito.

(In M. F.)

O Dia da Espiga é comemorado na quinta-feira da Ascensão.

O “ramo de espiga” deve ser colocado por detrás da porta de entrada, e só deve ser substituído por um novo no dia da espiga do ano seguinte,

Mas ainda, inserido no “Ciclo da Flor” não podemos omitir a grande manifestação que são os tapetes nas ruas e praças aquando a procissão do “Corpo de Deus”. São os itinerários festivos e coloridos para o Senhor passar.

Não há festa sem flores aromáticas repletas de simbolismo de emoções e vivências marcantes.

A gentileza da oferta de um ramo de flores é um sinal nobre de ternura, carinho, felicitação, agradecimento, homenagem, admiração, saudade e bem querer.

É sempre manifestação visual de sentimentos e vivências de fidalguia.

### VAMOS COM A PRIMAVERA

Vivemos com símbolos e rituais que procedem do fundo da história e que constituem sínteses de manifestações culturais.

O poeta raiano e monçanense, João Verde, convidanos

“Vamos pois aldeia fora/À procura da saúde;/Q’eu prefiro a voz do açude/ à cidade estonteadora.”/Vamos com a Primavera,/ As aves deixam o ninho;/Como eu adoro a Chimera/ Nas noites claras do Minho!”

É sempre saudável recordar o poema “Povo” de Pedro Homem de Mello “Meu cravo branco na orelha./ Minha camélia vermelha,/Meu verde manjerição”.

Se recuarmos no tempo encontramos o Rei D. Dinis, Trovador, a interpelar: “Ai flores, ai flores do verde pinho,/se sabedes provas do meu amigo?/Ai Deus, e u é”.

### CANCIONEIRO DA RIBEIRA LIMA

O etnógrafo Gabriel Gonçalves, que foi professor em Lanheses, Viana do Castelo, dedicou longo tempo a recolher da boca do povo a poesia expressiva desde os “amores” à flora.

O alecrim foi ditoso  
Em nascer junto ao caminho;  
Os passageiros que passam,  
Todos tiram um raminho

Adeus que me vou  
Retiro daqui assim:  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus meu lindo jardim

Eu hei-de ir ao Céu em vida  
No meio de nove rosas;  
Três brancas e três vermelhas,  
Três amarelas cheirosas

### ANDORINHAS

No tempo primaveril foi sempre uma alegria sentir o regresso das andorinhas a fazer o ninho na varanda da casa paterna.

E a explicação foi-me dada por minha mãe: “Acredita-se que as andorinhas trazem a felicidade e a alegria à família e animam a Primavera”.

E mais: “Elas voltam nos anos seguintes ao mesmo ninho. Não se faz mal a um passarinho. As andorinhas são lindas.”

Recebi a lição, que não esqueci, e mais tarde comprovei com leituras o que minha mãe me ensinou.

A andorinha é a ave migratória mais conhecida.

Viaja em grupo.

É uma ave muito adaptável, assim, ela mesma encontrou forma de viver com o ser humano, pois tem um jeito que lhe interessa e não atrapalha.

Sendo uma ave migratória, inicia o retorno em Setembro para zonas mais quentes, voltando na Primavera do ano seguinte.

Esta ave é fiel a um companheiro durante toda a sua vida.

### OS NINHOS

Nos poemas de Miguel Torga encontramos um acerca dos ninhos:

“Sei o ninho

E o ninho tem um ovo

E o ovo, redondinho,

Tem lá dentro um passarinho

Mas escusam de me atentar:

Nem o tiro, nem o ensino.

Quero ser um bom menino

E guardar este segredo comigo

E ter depois um amigo

Que faz o pino no ar.”

Do poeta Fernando Pessoa recordamos o texto “Guardador de Rebanhos”. Desse texto extraímos:

“Se às vezes digo que as flores sorriem

E se eu disser que os rios cantam

Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores

E canto nos rios”

...

“Os meus pensamentos são todos emoções”.

### OS PASSARINHOS

De Afonso Lopes Vieira recordamos o poema “Os passarinhos”:

“Os passarinhos

tão engraçados

Fazem os ninhos

Com mil cuidados

São p’ra os filhinhos

Que estão p’ra ter;

Que os passarinhos

Os vão fazer

No bico trazem

Coisas pequenas;

E os ninhos fazem

De musgo e penas

Depois lá têm

Os seus meninos

Tão pequeninos

Ao pé da mãe.”

### SABEM A MÚSICA DE COR

As vozes das aves deliciam-nos no tempo primaveril: palram as pegas e o papagaio; cacareja a galinha; os ternos pombos arroulham; geme a rola inocentinha; ouve-se o cantar do melro e do rouxinol.

Todos sabem a música de côr num concerto da natureza e avi-fauna.

Pelo sonho é que vamos.

“Este mês de Maio

É o mês das flores,

Quando os passarinhos

Deixam ver os seus amores”

### Bibliografia:

– Ferro, Xosé Ramón Marino, “Antropoloxia de Galicia”, 2000.

– Oliveira, Ernesto Veiga de, “Festividades Cíclicas em Portugal”, Publicações Dom Quixote, 1984.

– Cunha, Narcizo Alves, “Paredes de Coura”, 1909.

– Frazer JG, “La Rama Dorada”, Fondo de Cultura Economica, 1995.

– Gonçalves, Gabriel, Cancioneiro Temático da Ribeira Lima”, 1992.

– Castiñeiras, Manuel A, “Os traballos e os dias na Galicia medieval”.

– González, Pérez, “Festa dos Maios en Galicia”, Pontevedra, 1987.





## São Gregório (Cristóval - Melgaço) e a Ponte das Várzeas: a sua importância em tempos antigos

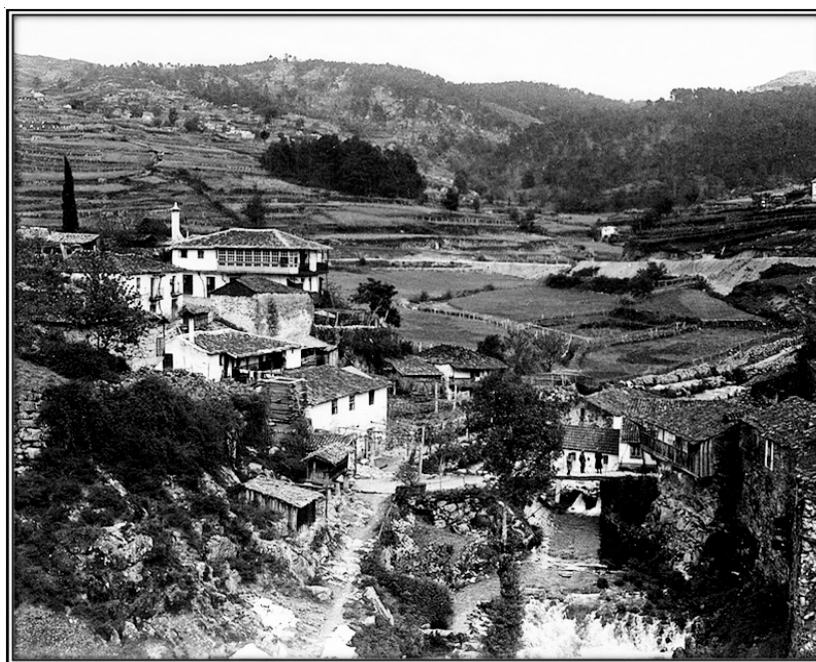
O lugar a que hoje chamamos **São Gregório** na freguesia melgacense de S. Martinho de Cristóval é de origem bastante antiga. Contudo só conhecemos referências em documentos históricos a partir do século XVII. Até aí, em termos de lugares desta freguesia, apenas aparecem citadas com alguma regularidade o sítio da Ponte das Várzeas ou a vila de Doma.

A origem para o nome do lugar “S. Gregório” merece do Padre Bernardo Pintor um apontamento. Segundo o mesmo, a razão para o seu nome deve derivar do facto de “em tempos remotos que não sei definir edificou-se ali uma capela dedicada a S. Gregório. Tal era a devoção que o lugar tomou o nome do Santo. A sua imagem está lá ainda na capela. Mais tarde, para ali se levou uma imagem de Santa Bárbara mais da devoção popular por ser evocada contra os trovões. De tal modo se desenvolveu o seu culto que se lhe faz uma grande festa e talvez não haja quem se lembre de rezar a São Gregório.” Sabemos que em meados do século XIX, a festa realizada nesta capela era já a de Santa Bárbara e já não há qualquer referência à veneração a São Gregório.

O Padre Bernardo Pintor expressa ainda o receio que “é possível que no decorrer dos tempos a imagem de São Gregório se arruine e seja arrumada daqui para fora e os vindoiros não saibam qual a razão do nome do lugar. Tem havido muitos casos desses.”

Não temos informação precisa acerca da época de construção da capela. Contudo, NOÉ, P. (2014), considera que a mesma terá sido edificada no século XVII ou XVIII, ainda que a segunda possibilidade seja pouco provável. O pároco, nas Memórias Paroquiais em 1758, escreve que a capela já é antiga nessa época. Ao longo dos tempos, a capela recebeu obras, particularmente no século XX.

A capela de S. Gregório apresenta uma planta retangular simples, tendo adossado à fachada posterior corpo retangular, mais baixo e estreito. Possui volumes escalonados, com coberturas em telhados de duas águas, rematadas em beirada simples. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, percorridas por faixa em cimento, pintada de cinzento, com cunhais apilastrados, coroados por pináculos piramidais sobre acrotério, e terminadas em cornija. A fachada principal apresenta-se virada a sul, terminada em empena truncada por sineira, sobrelevada, em arco de volta perfeita sobre pilares, albergando sino, e rematada em empena com cornija, coroada por cruz latina de cantaria, biselada. É rasgada por portal de verga reta, de moldura simples, e óculo circular, com moldura pintada de branco, existindo entre os dois vãos três lápides inscritas. A fachada lateral esquerda com a capela é rasgada por porta travessa, de verga reta e moldura simples, e janela retangular, sem moldura, e o corpo adossado por janela retangular, maior e também sem moldura, e por-



ta de verga reta, moldurada. Na fachada lateral direita a nave é cega e o anexo rasgado por duas frestas de molduras pintadas de branco. A fachada posterior com a capela e o corpo é adossado terminados em empena, coroadas por cruz latina biselada, sobre acrotério, rasgando-se no anexo janela retangular, de moldura pintada de branco.

A importância do lugar de S. Gregório ao longo dos tempos teve que ver com a importância que a Ponte das Várzeas foi adquirindo, especialmente em época de conflito armado com o país vizinho, nos séculos XVII ou épocas de tensão no século XVIII e XIX. Não podemos esquecer também que este lugar se situa no muito antigo caminho que vem desde o litoral ao longo de todo o vale do Minho, mais tarde Estrada Real e que se prolongava até à dita ponte e continua pela Galiza. Em finais do século XIX, era já conhecida também como Ponte Internacional de S. Gregório.

Neste sentido, é bom salientar que a existência desta ponte é muito antiga dando inclusivamente nome ao próprio lugar que tinha uma designação comum de ambos os lados do rio: Ponte das Várzeas/Ponte Barxas. Todavia, do lado português, o nome entrou em desuso algures no início do século XX, enquanto que do lado galego, a localidade conserva o nome antigo (Ponte Barxas).

Claro que São Gregório foi desde sempre um local onde o comércio prosperou, quer as trocas legais, quer o contrabando, tão antigo como a própria fronteira ainda que muito mais falado durante o Estado Novo. Deixo-vos contudo um extrato de uma notícia do jor-

nal de Melgaço “A Espada do Norte”, da sua edição de 29 de Dezembro de 1892 que diz o seguinte: “Eis aqui as apprehensões realizadas nos diferentes postos d’esta secção durante o mez corrente: (...) Pelas praças do posto fiscal de S. Gregório, diferentes géneros alimentícios, algumas fazendas de lã e algodão, no valor de 3130 réis.” Os bens transacionados vão variando ao longo dos tempos mas em nenhuma época os valores envolvidos são tão elevados como durante a segunda guerra mundial.

Há ainda a ter em conta que a antiga Ponte das Várzeas (Ponte Velha) era tão rudimentar como estratégica em termos militares. Historicamente, daquilo que se conhece, era a principal passagem de Melgaço para a Galiza através do vale do rio Trancoso e por isso, um ponto fronteiriço sempre sensível em tempos de guerra. Sabendo que em tempos antigos, o rio Minho era intransponível em praticamente todo o troço que passa por Melgaço, restavam as outras linhas de fronteira natural, entre as quais o traçado do rio Trancoso. Nesta linha fronteiriça, a importância da Ponte das Várzeas é destacada por MOREIRA, L. (2008) que refere que “Desde Castro Laboreiro, à entrada do rio Minho, a fronteira era estabelecida pelo vale do rio Trancoso - também designado por “rio das Várzeas” - cujo vale de margens abruptas era considerado impenetrável. Os únicos pontos de passagem seriam duas pontes: a Ponte de Pouzafolles, ainda em área de montanha, e a Ponte das Várzeas, construída em madeira no lugar de S. Gregório”, relativamente próximo do rio Minho.

Em todos os registos históricos que conhecemos, a Ponte das Várzeas é descrita como sendo construída em madeira. Nas Memórias Paroquiais de 1758, o pároco escreve que a paróquia “tem mais o lugar de Sam Gregório com uma capela antiga do mesmo santo e com vinte vizinhos (fogos), por onde é a estrada deste Reino de Portugal para a Galiza passando-se o regato por uma ponte de táboa que chamam a Ponte das Varges”. Por este registo, se vê que o lugar de São Gregório era o mais extenso da freguesia sendo que o lugar da Porta era, a seguir a São Gregório, o que tinha mais fogos, mas com apenas doze. No lugar da Porta, havia em tempos muito antigos, uma portagem de passagem que as pessoas pagavam pela circulação das próprias e pelas mercadorias.

O facto de uma ponte tão importante como esta ser em madeira durante vários séculos leva-nos a pensar em qual seria a razão para tal. Talvez por ser um ponto de passagem muito sensível no vale do rio Trancoso.

A importância estratégica da velhinha Ponte das Várzeas na perspectiva militar durante a Guerra da Restauração (século XVII) é comprovada pela frequência com que é utilizada por portugueses e espanhóis nas suas incursões em território inimigo. Para comprovar tal ideia, podemos citar um trecho do livro “História do Portugal Restaurado” que nos fala das manobras militares nas fronteiras desta região: “D. Gastão, com outro troço, ficou alojado na Ponte das Várzeas (Cristóval) e para que o inimigo divertisse o poder que tinha junto, mandou entrar na Galiza pela Portela do Homem a Vasco de Azevedo Coutinho e por Lindoso a Manuel de Sousa de Abreu, ordenando-lhes, que segunda feira, nove de Setembro, entrassem na Galiza. No mesmo dia ao amanhecer, dividiu D. Gastão a infantaria em três troços e levantando uma plataforma, fez jogar as duas peças de artilharia que levava, contra o reduto da Ponte da Várzeas (junto a Ponte Barxas) e foram de grande efeito, recebendo o inimigo considerável dano”.

Temos notícia da Ponte das Várzeas no livro “Corografia Portuguesa” do padre Carvalho da Costa, publicado em 1706, que refere a propósito de Cristóval que



“aqui está a Ponte das Várzeas, que divide este Reyno do da Galliza”.

No século XVIII, além das Memórias Paroquiais, temos ainda informações sobre São Gregório e a Ponte das Várzeas. Existe um estudo de engenharia militar da autoria de Custódio Villas Boas onde este delineia um plano de defesa em caso de ataque nesta região em finais do século XVIII em época de tensão com Espanha e França, anos antes das invasões napoleónicas. No que toca à defesa de Melgaço, o autor refere que “a defesa da entrada do rio Minho deveria ser feita no rio Trancoso, onde seria necessário construir alguns entrenchamentos, equipados com os canhões de Melgaço, ao mesmo tempo que se demoliria a Ponte das Várzeas a fim de dificultar o movimento inimigo”. Para a zona entre Melgaço e a Ponte das Várzeas, previu-se a construção de uma linha de baterias “feitas com parapeto em terra, próprias para receber soldados armados com armas ligeiras, mas também onde se poderiam colocar peças de artilharia” (ALMEIDA, C. 2002). Tais estruturas de defesa, foram efetivamente construídas, mas nunca houve uma incursão neste setor durante as invasões e, portanto, não chegaram a ser usadas.

Durante as lutas liberais, S. Gregório teve aqui estacionada uma quantidade significativa de soldados, tendo chegado a existir um Quartel General. Socorremo-nos da publicação “O Imparcial” de 23 de Novembro de 1826 que nos conta que “em S. Gregório, estão 150 homens de infantaria 9, e 30 de Caçadores 12” e acrescenta que “na Ponte das Barges, junto a Melgaço, guarnece este ponto importante, 180 homens do Regimento 9, e Caçadores 12.”

Ainda no século XIX, o lugar de São Gregório é descrito com algum pormenor. De facto, no livro “O Minho Pittoresco”, de 1886, o autor descreve-nos o lugar e a velhinha Ponte das Várzeas: “Chegámos enfim a S. Gregório, o mais importante lugar da freguesia de Cristóval, cuja igreja oculta por detrás da encosta, onde assenta S. Gregório, é o templo que fica mais ao norte em território português.

S. Gregório apresenta o aspecto duma pequena vila inclinada sobre o rio Trancoso, que ali voltámos a cumprimentar, como a nossa primeira artéria internacional, artéria que junto a Cevide, último lugar de Cristóval, vai desaguar no Minho e cuja confluência marca igualmente o ponto em que este formoso rio se interna em plena Galiza, ou melhor, em que ele, ao vir de lá, beija pela primeira vez a terra portuguesa.

S. Gregório é, por assim dizer, uma rua única, uma rua verde, em ladeira íngreme até à ponte da Várzea, essa ponte que o nosso desenho representa, e que é a primeira ponte internacional lançada entre os dois países, se não quisermos falar nas poldras de Pousafoles, mais ao nascente, no curso do Trancoso.

Mas, enfim, a ponte da Várzea tem já os seus 4 metros de altura, 6 de comprimento e 2 de largo! É quase a ponte de um lagosinho!

Não se riam dela, contudo, que ali onde a vêem, com os seus dois troncos de castanheiro, lançados de margem a margem, e os seus torrões como pavimento macio, é um símbolo de fraternidade entre dois países que vivem em plena paz, e seria um baluarte de independência a conquistar, quando o clarim de guerra ressoasse desoladoramente por aquelas quebradas fora.

Ponte Várzea é o lugar espanhol, donde o pontilhão tira o nome e que pertence à alcaidaria de Padrenda, com quem S. Gregório faz o seu comércio meio lícito, meio... de contrabando!

Que diabo queriam, porém, que fizesse S. Gregório, se no inverno é a margem de Ponte Várzea que lhe dá por empréstimo um bocadito de sol, a cujos raios vão aquecer-se aqueles pobres friorentos gelados das suas sombras de meses!

Na pequena vila, — chamemos-lhe assim, que não seja senão por patriotismo, — há uma capela onde se festeja Santa Bárbara!.”

Uns anos mais tarde, mais concretamente em 1894, São Gregório e a sua área envolvente que envolve o lu-

gar foram alvo de um estudo por parte do investigador Adolpho Moller onde nos deixa uma descrição do lugar “S. Gregório é uma pequena povoação que fica situada na fronteira e dista de Melgaço oito kilometros. Outra esta povoação teve um commercio importante, mas depois decahiu muito; actualmente porém tende outra vez a animar-se. A estrada que a liga com Melgaço tem já 7 kilometros concluídos, falta-lhe o oitavo e último, que anda em construção.

S. Gregório não é sede de freguezia, a igreja matriz está n’uma pequena povoação a cerca de um kilometro de distância. Este facto, de povoações importantes não serem sedes de freguezia, dá-se em vários pontos do paiz, como por exemplo na Mealhada e no Cargal do Sal que são cabeças de concelho e têm a matriz em aldeias próximas. A parte alta de S. Gregório está a cerca de 250 metros acima do nível do mar e o rio Minho fica-lhe ao norte à distância aproximada de 1,500 metros.

Do nascente, banha a parte baixa d’esta povoação o pequeno rio ou ribeira de Trancoso, affluente do Minho, que limita Portugal da Galiza e tem a sua origem próxima a Alcobaça, Há uma pequena ponte internacional sobre a ribeira de Trancoso, que liga S. Gregório com uma pequena aldeia hespanhola e onde existe um posto de fiscalização aduaneira(...).

Dos lados sul e poente de S. Gregório está a serra que tem por ponto culminante o castello de Castro Laboreiro o qual fica a cerca de 1,250 metros de altitude. Para se ir a esta povoação passa-se pela aldeia denominada Alcobaça, situada na fronteira e que fica perto de 2 horas e meia de caminho de S. Gregório.

A poente de Alcobaça há um monte que tem a mesma altitude de Castro Laboreiro (...)

O solo em volta de S. Gregório ó todo de origem granítica. Esta povoação é abundante em água e de boa qualidade. S. Gregório é saudável e o seu clima é temperado na estação invernos e quente durante a calmosa. Para exemplo diremos que, no dia 26 de Junho ás 2 horas da tarde estando a atmosphaera bastante carregada de electricidade, dentro de casa marcava o thermometro 30° C. O quarto onde fiz esta observação thermometrica tinha duas janellas voltadas para o norte e estavam com as vidraças abertas. Na mesma ocasião fiz a leitura do meu aneróide o qual marcava 738 mm.

A cultura principal de S. Gregório e povoações limítrofes é a vinha, milho, batata, algum centeio e os prados. A videira é toda cultivada em parreiras ou ramadas, mas estabelecidas a pouca distancia do solo, isto é, em média a cerca de 1 metro e meio d’altura.

O vinho é magnifico e achamo-lo muito mais agradável ao paladar do que o affamado de Monsão. Árvores fructíferas observamos a cerejeira, em grande quantidade, pereiras, macieiras, ameixoeiras, pessegueiros, laranjeiras, etc. N’outro tempo cultivava-se ali a oliveira, mas como a produção era muito incerta os lavradores foram-nas arrancando, de sorte que hoje esta árvore é ali rara. Talvez valesse a pena introduzir as variedades hespanholas de maturação precoce e próprias dos climas septentrionaes do paiz.

Enquanto árvores florestaes encontram-se: o carvalho, castanheiro, pinheiro, videiro, amieiro e alguns salgueiros.

Próximo a uma azenha que fica junto à ribeira de Trancoso e não muito distante de S. Gregório, vimos um lindo exemplar de videiro com o tronco muito direito. Teria uns 20 metros de altura por 60 centímetros de diâmetro na base. As essências florestaes abundam principalmente na parte inferior da serra, próximo aos ribeiros e corgas. A parte elevada tem pouco ou nenhum arvoredó e só matto rasteiro, e este mesmo não aparece em todas as localidades.”

Em 1894, a velha Ponte Internacional de S. Gregório foi reconstruída em madeira ainda que apresentasse algumas peças da estrutura em ferro. Esta ponte foi destruída ainda na década de 1930.

Em final de Abril de 1935, foi inaugurada a nova Ponte Internacional de S. Gregório, não muito longe

da antiga ponte.

O lugar é descrito na época pelo escritor Júlio Dantas que parece ter visitado S. Gregório mais do que uma vez. Sobre o lugar, escreve: “Dez minutos ainda de caminho, e avistamos as primeiras casas de São Gregório, cabrejando na rocha, escoando-se por dois córregos estreitos gorgolejantes de água, íngremes como calejas de velho burgo medieval, que vão dar abaixo, ao rio, conduzindo à ponte internacional de madeira que nos separa da vizinha povoação galega de Puente de Bárzia. É curioso o contraste entre as duas povoações, que testam uma com a outra, de cá e de lá da fronteira. Puente de Bárzia limita-se a um punhado apenas de casebres, de proporções humildes e de nenhum interesse. São Gregório, pelo contrário, é relativamente grande, tem alguns bons edifícios e certo aspecto de prosperidade, expressão de uma actividade comercial que, sobretudo na primeira metade do século passado, parece ter sido considerável. Há nove anos, quando pela primeira vez visitei estas paragens, ainda se encontravam de pé as ruínas de umas casas antigas, com muralhas de fortaleza, refúgio outrora de contrabandistas que, por vezes, se defendiam a tiro. Esta diferença no desenvolvimento das duas povoações fronteiriças é facilmente explicável. O comércio local de São Gregório enriqueceu, noutro tempo, com o que vinha de Espanha, mais do que o de Puente de Bárzia prosperou com o que ia de Portugal.

Há pouco tempo ainda, a estrada de rodagem parava no cimo da povoação. Quem queria descer até ao rio e pisar os últimos palmos de terra portuguesa era obrigado a meter por um quebra-costas de lajedo que estreitava em congosta enfiando até à ponte, entre pocilgas de porcos e jorros de água cachoantes. Não pode afirmar-se que seja propícia a descida, e, muito menos, a subida. Mas a natureza tem, neste rincão minhoto, belezas compensadoras. Muitas vezes me lembrei do grande e saudoso Malhoa, ao transpor alguns recantos viçosos de parreirais em que o sol projectava sombras violetas, e alguns hortejos onde, na polpa das couves galegas, faiscava em gotas a água viva das nascentes. Agora, alcança-se o extremo de São Gregório pela estrada, prolongada há três anos até Espanha, no intuito de estabelecer ligação com a estrada espanhola começada a abrir, nas lombas dos montes galegos vizinhos, por iniciativa de Primo de Rivera. O troço português está pronto. O espanhol parou a pouca distancia da fronteira. Em todo o caso, já pude, de automóvel, atingir o extremo nordeste de Portugal, até ao rio Trancoso, que no verão leva pouca água e que os garotos transpõem de um salto. Parei, durante alguns momentos, nessa «terra última» em que se apoia um dos pilares da nova ponte internacional acabada de construir. De um lado e de outro, as culturas são as mesmas: campos de milho e vinhedos, dispostos em latada, à portuguesa. Ouvia-se, em terras de Espanha, uma voz alegre de mulher cantar em português. Os pardais revoavam, de uma para outra banda, sem respeito pelas determinações da polícia de emigração, e sem pensar que, num simples bater de asas, mudavam de país.”

Hoje, S. Gregório mudou bastante...

#### Fontes consultadas:

- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (2002) – O sistema defensivo da Vila de Melgaço: dos castelos da reconquista ao sistema abaluartado. Melgaço, Câmara Municipal.

- COSTA, Padre António Carvalho da (1706) - Corografia Portuguesa, tomo I, Valentim da Costa Deslandes, Lisboa.

- DANTAS, Júlio (1936) - Viagens em Espanha. Livraria Bertrand, Lisboa.

- MOLLER, Adolfo Frederico (1894) - Excursão à serra de S. Gregório. in: Annaes de Sciencias Naturaes, Volume Primeiro, publicado por Augusto Nobre.

- PINTOR, Bernardo (1975) - Melgaço Medieval. Augusto Costa & Comp. Lda. Braga.

- VIEIRA, José Augusto (1886) - O Minho Pittoresco, Tomo I, Livraria de António Maria Pereira-Editor, Lisboa.



# Uma História do mais puro amor

## Uma vacina eficaz para os medos deste tempo

Carlos Nuno



Há histórias que nos fazem pensar mais que a leitura de mil livros e a escuta de milhentos sermões. Sobretudo aqueles que um amigo meu classificou de «comida sem sal».

Conta-se em poucas palavras: um casal de Madrid, Alejandro, de 46 anos, e Coro, de 44, casados há 23 anos e com 3 filhos biológicos, adoptaram 5 outras crianças na China, uma de cada vez, mas todas com deficiências várias, desde cardiopatias graves, as três primeiras, e duas com paraplegia, isto é, tendo de utilizar cadeiras de rodas.

Alejandro é arquitecto de formação, e a esposa é formada em direito, mas ambos têm como trabalho profissional serem «Controladores aéreos». Numa palestra de 35 minutos ao Congresso em Favor da Vida realizado em Madrid pouco antes de a actual pandemia se ter espalhado a toda a Europa, Coro conta os pormenores da adopção realizada e a opção pela China.

cardíacos assentava no facto de terem um cardiologista muito amigo que podia ajudar, como de facto fez com os 3 primeiros. E o Bruno, depois de operado, é hoje um rapaz que corre, faz desporto e leva uma vida normal. Olaia, a segunda, além de uma grave cardiopatia, tinha síndrome de Noonan, que implica uma deficiência intelectual. Mas acrescentava a mãe que, depois de conviverem com Olaia, se aprende a viver com o essencial e sem rancor. Ela nunca está mal disposta. A imagem dela a abraçar o Papa Francisco é sumamente enternecedora.

Borja foi o terceiro adoptado. Tinha 6 anos e só meio coração. Os outros órgãos estavam fora do local próprio. Foi sujeito a duas operações. Foi baptizado, mas não viveu para além de uns poucos meses depois da segunda operação. Quando foi adoptado, Alejandro e Coro conheceram o seu irmão e melhor amigo, o Benjamim, que definem como «pura luz, que falava sem parar, lhes dirigia piropos e chamava por eles». Ao morrer Borja, decidiram ir buscar o irmão. Foi preciso convencer as autoridades de Madrid de que estavam conscientes do que queriam fazer, pois exigiam que deixassem passar ano e meio para verem se mantinham a disposição de adoptar outro. Avançaram e aprenderam a viver com uma nova realidade: um filho paraplégico e a utilizar cadeira de rodas. Com tudo o que isso traz de 'transtornos' para a vida de um casal já com tanta especificidade. E não ficaram por aqui. Foram buscar um 5º

Para as crianças sem problemas de saúde, o tempo de espera para as famílias que querem adoptar já ia em 7 anos. Agora já vai em 12. Para as crianças com graves deficiências, a porta abriu-se mais facilmente, porque quase ninguém se aventura. E, acrescentaria, que, só por um milagre de amor, uma família faz, não uma, mas 5 adopções, em que os filhos biológicos tomam parte, porque só com toda a família unida se pode avançar para uma atitude tão excepcional.

Bruno foi o primeiro. A predileção do casal por crianças com problemas



filho adoptivo, o Samuel, também ele paraplégico e a necessitar de cadeira de rodas.

Há coisas que, só como Tomé: ver para crer. Mas a história deste casal é realmente verdadeira e apela para o que de melhor temos em nós: a capacidade de Amar.

Em palavras de Coro, há 3 conclusões que eles retiraram de toda esta história invulgar:

1. Como dizia Saint Exupery : «O essencial é invisível aos olhos». Há que olhar com o coração, não com o que dizem as vulgares estatísticas e a racionalidade pura e fria. Só com um olhar de amor se consegue ver mais longe e mais fundo.

2. «Somos viciados em milagres. Enfrentamos os riscos porque vivemos na esperança do milagre. Se não sairmos da nossa zona de conforto, nunca experimentaremos os milagres que nós experimentamos».

3. «A experiência mais incrível é também aquela que mais te faz crescer».

Como aos discípulos de Emaús, se nos deixarmos acompanhar por Jesus, na figura dos mais necessitados, ele nos mostrará o seu verdadeiro rosto e nos alimentará com o pão que só Ele pode dar e nos faz viver na alegria e na descoberta das suas maravilhas.



Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

**R A O Adérito**  
restaurante  
capacidade para 250 pessoas

casamentos • baptizados • comunhões  
aniversários • serviço de catering • diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716  
restauranteoaderito@gmail.com  
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

NOVIDADES  
VINHOS  
QUEIJOS  
MEL  
CHÁS REGIONAIS

“Da Costa Congelados,  
até ao seu prato”

Rua Dr. António Durães, 119  
4960-522 Melgaço

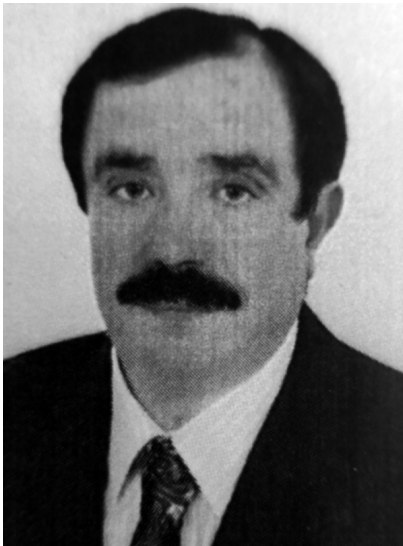
Visite a nossa loja!  
251 031 438



# Lembrando o Abel Rodrigues

Alberto Pereira de Castro

No passado mês de Março, á noite, tocou o telefone em minha casa: era uma amiga da minha Mulher, a esposa do major Carvalho, a dar a notícia de que tinha morrido o Abel, marido da Júlia. Fiquei chocado. Sabia que estava doente (tinha mesmo qual-quer coisa que o” comia por dentro”), não sabia o que era. Mas nos últimos tempos estava melhor. Tempos antes estivera na apresentação do meu último livro, como estivera no anterior. Um bom Amigo, com dedicada atenção.



Perguntava neste jornal o Doutor Carlos Nuno Vaz, na extraordinária notícia que escreveu, e tinha todo o cabimento que perguntássemos, a que se devia uma tão grande junção de pessoas – e sobretudo pessoas diferentes categorias na igreja de Ceivães – como, aliás, acontecera na noite de depósito em Troviscoso, em Monção, até altas horas, e a razão era simples: ele pertencia, e participava activamente, em diversas colectividades: a nível local num largo e antigo grupo de amigos, no Rotary Clube de Valença de que foi dirigente, na Santa Casa da Misericórdia de Valença de que era Irmão, no Coral Polifónico de S. Teotónio, há 35 anos, além de colaborar em várias actos eucaRísticos. E porventura noutras Instituições. Mas, sobretudo, o que mais marcou a sua forte personalidade foi a sua natureza como **peessoa** e como **funcionário** das Finanças na Secção de Valença onde fez praticamente toda a sua vida profissional, num tempo em que o contacto com os funcionários não era pessoal: fazia-se ao balcão, sendo atendido indistintamente por qualquer funcionário que estivesse disponível. Dizia-me um Amigo meu (por sinal também Major) que havia dois locais onde não gostava de pôr os pés: no Tribunal e nas Finanças. Nesses locais, rendia-se e levantava as mãos... Pois o Abel, lá da sua secretária a um canto da sala, perante a presença de um amigo - e tinha-os aos milhares - suspendia o que estava a fazer e vinha perguntar se era preciso alguma coisa.

Mas há também outros factores: o seu amor à terra onde dedicava todo o tempo disponível a tratar do seu alvarinho, e à Terra dos seus maiores - que é também a terra gostosa do autor deste arrazoado - onde o encontrei algumas vezes, nomeadamente aquando do falecimento do seu tio, o muito querido e prestigiado professor Manuel Rodrigues. Pelos vistos, ele sentia-se tanto ligado a Melgaço que assinava o jornal da sua terra. E ainda a sua extraordinária Família - a D. Júlia, excelente professora, sempre disponível na ajuda às colegas, e os filhos Tiago (Professor, Chefe do Gabinete do Presidente da Câmara de Valença, Mónica professora do Ensino Secundário, e o Marcos, Engenheiro Informático) que ele soube carinhosamente estimar e moldar, dando-lhes uma formação humana e cristã. Não admira, pois, que a igreja fosse pequena para tanta gente e, que a sua memória esteja tão gravada na mente dos seus amigos. Por exclusiva razão de saúde não pude estar presente. Mas quero deixar aqui - e posto que com algum atraso - a sua Esposa D. Júlia e aos Filhos um abraço de grande Amizade e solidariedade.

# Combatendo a pandemia

Carlos Pereira de Lemos\*

## Caldo Verde

Caldo verde lá do Norte  
Com couves genuínas, nada postiço  
Abençoados os apreciadores com sorte  
De o saborear com bom chouriço

## Vinho de Casa

Vinho morangueiro  
De fraca qualidade  
Devem provar primeiro  
Não melhora com a idade

As uvas não ajudaram  
Assimo como o técnico que o fez  
Como as coisas não mudaram  
Não é aconselhável fazer outra vez

## Uma vida em dois versos

Nasci do nada sem vintém  
Não tive tempo para versar  
Sem o apoio de ninguém  
Passei a vida a trabalhar

Sempre aceitei a vida como é  
Sem invejas, atritos ou rancor  
Rejetei abalos ou rasteiras, fiquei sempre em pé  
Valeu a pena, orgulho-me ser Comendador

## Divagando

Nos noventas é complicado  
Encontrar palavras a rimar  
O vocabulário é limitado  
E a memória a falhar

Peço desculpa de os incomodar  
Não é minha intenção ofender  
Ou dar a impressão de eruditar  
Sou um pobre homem com gosto de viver

É importante termos senso de humor  
E tolerar impertinências  
Isto consegue-se com amor  
E não com advertências

Estamos agora encarcerados  
Sem saber quando a recuperação  
Mas é altura de sermos contados  
E saber quem os amigos são

Lembrem-se que esta poesia resultou  
Do maldito vírus que é uma praga  
Mas se a sua voracidade nos assustou  
A coisa não é tão séria como em Braga

Mais uma vez desculpas de os maçar  
Com poesia tão vulgar  
Sem valor escolar  
Mas há esperança de normalidade voltar

\* Comendador

# Páscoa Silenciosa

2020

A nossa Páscoa foi assim  
Em casa todos metidos  
E se saíssemos à rua  
Tínhamos que ir protegidos

Mas só o podia fazer  
Quem provasse o motivo  
Pois se isso não fizesse  
Acabava por ser detido

Mas a pandemia alastrava  
E as pessoas tinham de ter cuidado  
Porque era grande o perigo  
De se ficar infetado

Não pusemos flores no caminho  
Porque Jesus não ía passar  
Cada um no seu cantinho  
Muito triste a recordar

Quando Jesus nos visitava  
Era enorme a nossa alegria  
A nossa casa era abençoada  
E cantávamos, aleluia aleluia

A tradicional campanha  
Que sentíamos a tilintar  
Ficou muito arrumadinha  
Na sacristia a descansar

No meio desta aflição  
Devemos estar muito unidos  
E fazer muita oração  
Para que desapareça esta vírus

Por todos que estão ajudar  
Em especial os profissionais de saúde  
Também temos que rezar  
Para que Deus os ajude

Este ano não recebemos a Cruz  
Foi um dia muito trisate  
Mas rogamos a Jesus  
Que para o ano nos visite



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

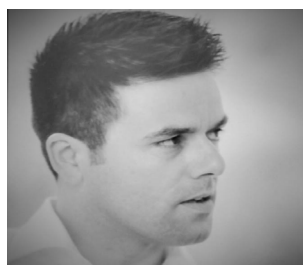
Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net



# Concelho de Emergência: Após encerramentos, que apoios há para os sectores afectados num ano em que “a época alta é uma utopia”?

João Martinho



Em termos de operações financeiras, e segundo os indicadores de consumo revelados pela SIBS - empresa que gere todo o sistema de cartões de débito e é responsável pela rede e máquinas de pagamento nas lojas e pelas caixas automáticas em Portugal - entre Janeiro e Março de 2020, Melgaço movimentou 8,4 milhões de euros, mais 400 mil euros do que em período homólogo de 2019.

As transacções financeiras estavam por isso a dar sinais, com ligeira subida, as perspectivas de um ano “muito bom para todos os ramos de actividade” e que certamente iriam traduzir-se no final de 2020, para os indicadores da mesma empresa, num total transaccionado acima dos 40,5 milhões de euros realizados em 2019.

No entanto, o surto pandémico do SARS-CoV-2 veio provocar uma travagem brusca na economia local (e global), fazendo com que, em menos de dois meses de limitações à circulação, adiasse muitos planos das empresas locais e colocasse a viabilidade de muitos negócios em risco.

Enquanto agentes no território que auxiliam os empresários a compreender a legislação criada em torno da pandemia Covid-19 e as ferramentas de apoio disponíveis, **Odete Dias, contabilista, e Nelson Dias, consultor, respondem a algumas questões colocadas pelo jornal “A Voz de Melgaço” acerca da dimensão dos impactos desta paragem forçada.**

“Este ano previa-se um ano muito bom para todos os ramos de actividade e até meados de Março estava tudo a correr dentro do expectável. A confiança dos consumidores estava estável e sectores como o turis-

mo, a restauração e os vinhos assistiam a um crescimento sustentado”, consideram.

Estimam, com base em dados da PORDATA de 2018, existirem **cerca de 1300 empresas no concelho - estimativa engloba empresas, empresários em nome individual e trabalhadores independentes - o que, “comparativamente a 2010, representa quase um aumento de 100 por cento.** São, na sua grande maioria, microempresas que demonstram por um lado o carácter empreendedor dos melgacenses, por outro, a falta de oportunidade de emprego”, observam.

O sector dos serviços - cabeleireiros, esteticistas, hotelaria, alojamento e animação turística, cafés, dentistas, lojas de pronto-a-vestir, entre outros - foram os que “por determinação legislativa ou administrativa” se viram obrigados a encerrar e estão à cabeça dos mais afectados de imediato, mas os técnicos consideram que “as restrições à mobilidade afectaram todo o tecido empresarial do concelho”.

“Não nos podemos esquecer dos produtores de Alvarinho, que neste momento enfrentam sérias dificuldades no escoamento do produto, quer pela não realização de eventos como a Festa e Feira do Alvarinho, por enquanto, quer pelo fecho das fronteiras, assim como devido ao encerramento dos estabelecimentos de restauração”, enumeram.

## Quem (e em que condições) é que vai ser apoiado?

Dos três mil milhões de euros previstos para apoiar empresas de sectores como o do turismo e restauração

a nível nacional, o Alto Minho perfilar-se-ia como um dos territórios mais elegíveis para esse apoio, dada a importância desses serviços na economia, mas os técnicos Nelson e Odete Dias consideram ser pouco aliciantes para o perfil de empresário local.

“O pacote previsto assenta em apoios à tesouraria, pela via de empréstimos bancários, uns sem juros, outros com taxa reduzida. De acordo com o nosso conhecimento, quer da região quer dos empresários, julgamos que estes instrumentos financeiros não terão grande adesão, por vários motivos: **Grande parte dos empresários são “avessos” ao crédito, e os que já tem não quererão aumentar o ‘bolo’ mensal a pagar ao Banco.** Por outro lado, toda a incerteza à volta desta pandemia retrai os empresários, não arriscam em contrair (mais) dívidas.

Com as taxas de juro pouco aliciantes, sobra ainda, para alguns dos sectores já referenciados, a linha de crédito do Turismo de Portugal que, segundo os mesmos técnicos, alargou a sua abrangência para a restauração. “Esta linha é mais aliciante, visto ser sem juros, mas com um limite de apoio de 20 mil euros por empresa”, explicam, perspectivando um melhor enquadramento para outros sectores.

“Temos conhecimento de que o Governo estará a preparar/adaptar parte do bolo comunitário do “Portugal 2020” para que as empresas possam candidatar-se, quer à preservação do emprego, quer à realização de investimentos”, concluem.

## “Época alta é uma utopia. A retoma vai ser lenta”

Perante uma eventual redução do número de infecções ao longo dos meses de Maio e Junho, a habitualmente denominada ‘epoca alta’ ou balnear em destinos de praia, poderá restabelecer em níveis controlados a economia das empresas directamente ligadas ao turismo, mas longe dos níveis conhecidos nos últimos anos, adivinham os técnicos.

“A época alta é uma utopia. A retoma vai ser lenta, a abertura progressiva e por sectores de actividade. Os sectores do turismo e da restauração terão que se readaptar a esta nova realidade. As motivações e as necessidades de quem nos visita mudaram, e como tal, teremos também de adaptar os nossos negócios ao nível do produto, do serviço, da comunicação, da segurança e da logística”, concluem.

**MCA – Mediação de Seguros Lda**

ASF N° 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

Escritórios :  
 Rua Fonte da Vila S/n  
 4960-546 Melgaço  
 Tel : 251402903 Fax : 251402907  
 mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
 4950-855 Cortes - Monção  
 Tel / Fax : 251 656232  
 Tlm 936060133

CLÍNICA DE OTORRINO LARINGOLOGIA  
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184  
 Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular  
 viana do castelo  
 258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º  
 4950 - Monção  
 251 652 756



# Soalheiro propõe um cabaz de produtos para desfrutar dos sabores da Festa do Alvarinho e do Fumeiro... em casa

João Martinho



A Quinta de Soalheiro preparou uma prova digital especial para que este ano se possa celebrar os 25 anos da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço... Em casa. A Soalheiro Digital Tasting Festa do Alvarinho e do Fumeiro 2020 reúne alguns dos produtos que todos os anos, há quase 25 edições, tem sido dos mais apreciados no evento.

“Vivemos um momento único. E como não nos pode visitar, levamos a Festa até si” afirmam os produtores da Team Soalheiro, deixando no entanto um incentivo



para que em 2021 os brindes possam ser ao vivo e no recinto da festa. “Neste Kit temos uma surpresa já a pensar na edição da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço 2021: Um convite para uma prova no stand”, reforçam.

A Soalheiro Digital Tasting Festa do Alvarinho e do Fumeiro 2020 pode ser adquirida, sem sair de casa, através da página [soalheiro.com/enoturismo](http://soalheiro.com/enoturismo) e será entregue na morada indicada. O kit que acompanhará a prova inclui copo Soalheiro, Soalheiro Clássico 2019

(Novidade), Soalheiro 9% Dócil 2018 (Inovação), Soalheiro Espumante Bruto Alvarinho 2018 (Festa), Infusão Soalheiro de Lúcia-lima, Fumeiro mais emblemático da Quinta de Folga: salpicão, chouriça de carne e chouriça de sangue, acesso exclusivo ao vídeo da prova comentada por Luís Cerdeira e Rui Lameira, guia com informação da Quinta de Soalheiro e Quinta de Folga, fichas técnicas dos vinhos e notas de prova.

O Kit inclui também um voucher de uma visita à adega para duas pessoas, que contempla uma visita à adega e uma Prova Origem (válido por um ano) e um convite para uma prova no stand Soalheiro na Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço 2021.

## UM NOVO ENOTURISMO E O FUTURO DAS PROVAS EM CASA?

A prova agora apresentada é uma edição comemorativa e surge na sequência do recente lançamento de um conceito de enoturismo digital que está a ter grande sucesso: Levar até casa das pessoas a paixão e os segredos da casta Alvarinho, continuando a marcar de uma forma simples, mas emotiva, os “pequenos” momentos da vida.

Exemplo disso, são as duas edições já lançadas, a Soalheiro Digital Tasting na versão clássica e versão especial Dia da Mãe (ainda em curso).

## O Aniversário de D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves

Em casa de seu genro Francisco de Magalhães Queiroz e de sua filha Eng<sup>a</sup> Maria José de Magalhães Queiroz, em Ponte de Lima, onde reside, festejou, com o maior carinho, o seu Aniversário Natalício (90 anos) a Senhora D. Mara da Paz Dias de Figueiredo Gonçalves, Professora aposentada do Ensino Básico, viúva do nosso conterrâneo Dr. Alípio Gonçalves, que durante muitos anos foi assinante do nosso jornal, motivo por que se viu rodeada pelo carinho de seus filhos, Doutor Octávio de Figueiredo Gonçalves, e Dr<sup>a</sup> Helena Gonçalves, nora, genro e netos.

“A Voz de Melgaço” assinala com regozijo esta efeméride, desejando que esta data se repita por bons anos.



## Bela celebração do 25 de Abril

A Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora, descerrou no dia de hoje, uma Placa de Homenagem, no Adro da Capela de Nossa Senhora da Bonança, às Vitimas da pandemia COVID-19



**ADEGA SABINO**

Visite o nosso Website!



Tlf.: 251 404 576 | Tlm.: 963 452 031





# Covid-19 – O Confinamento, a Privacidade e o Desporto-Rei

António Jorge Tavares

Estamos a atravessar, talvez, a fase mais crítica do séc. XXI, para a humanidade. Deve ser difícil para as próximas décadas acontecerem momentos tão terríveis para o planeta e para a humanidade como este.

A nossa vida mudou drasticamente com o aparecimento deste vírus mortal e invisível que acabou por dizimar milhares de vítimas no mundo.

Agora, surgem com surpresa textos científicos de grandes estudiosos da matéria, a invocar que este perigo que nos assaltou era previsível há já bastantes anos, pois estudos já feitos, e revelações de acontecimentos idênticos teriam sido escondidos da opinião pública, para não criar alarmismo nas populações.

No momento em que escrevo este artigo, continuam a morrer pessoas pelo mundo fora, com estatísticas em países desenvolvidos da mais alta tecnologia, como os EUA, sem que os meios hospitalares possam pôr cobro. Uma razia infernal que leva ao descontrolo emocional de muitos.

Infelizmente, as imagens que nos entram pelas nossas casas são indescritíveis: os corredores cheios de doentes, os cadáveres amontoados nas morgues, os funerais em valas comuns, são registos que ficarão para a história. Acho que ainda é cedo, para podermos avaliar o impacto que esta pandemia vai deixar, para as gerações vindouras. Os responsáveis, a começar pelos altos dirigentes dos países mais fortes (G8, G10, etc. etc), são tantos já os “G” que displicentemente, só se preocuparam com o fabrico de armamento, para poderem destruir e arrasas países carenciados e com chefes corruptos, mas essencialmente produtores de petróleo. Podem alguns críticos invocar o aumento demográfico de muitos desses países, mas para que servem os mais importantes organismos mundiais (ONU, OMS), se não

denunciam essas situações? Algo vai mudar depois desta catástrofe, com toda a certeza.

Não queria deixar de referir uma situação curiosa que aconteceu comigo. Adquiri numa grande superfície um livro (já que as livrarias estão fechadas), para passar melhor um pouco este período. O livro é do meu colega jornalista Mário Augusto, autor do programa da RTP, “Janela Indireta”, com entrevistas a pessoas ligadas ao mundo do cinema. Uma delas é ao conhecido actor Dustin Hoffman que entrou num filme – “Outbreak-Fora de Controle”, que aborda o problema de um vírus, uma variante do ébola, o qual dizima uma cidade e se transforma numa preocupação à escala planetária. Este filme, que aborda a força que um vírus pode ter, é a realidade e não ficção. Mas, o mais importante que o Dustin revela ao Mário Augusto foi para além da abordagem do filme, pois ele refere-se ao equilíbrio e à rivalidade entre os países e diz o seguinte: “Países como os EUA, a Rússia, a França, o Irão, o Iraque, o Japão – e a lista poderia continuar – têm fabricado, em segredo, armamento biológico ofensivo. O gás venenoso foi usado na Primeira Guerra Mundial e soube-se há pouco tempo que os japoneses lançaram vírus, dentro de balões, sobre a China, antes da Segunda Guerra Mundial. Os ingleses fizeram experiências com drogas químicas nos anos 60, em ambientes que julgavam seguros, como as secções inutilizadas dos metropolitanos...mas só trinta anos depois é que estas coisas se sabem. Aquilo que os países poderosos têm em comum é que nos enganam a todos. Há sempre governos a fazerem coisas que desconhecemos”, concluiu Dustin Hoffman. Esta revelação foi contada por Dustin, em Paris, em meados da década de 90! Inacreditável, tudo isto porque só vem revelar a hipocrisia e a falta de nível dos governantes que estão

no poder destes países. Portanto, ninguém se admire de que isto que agora se está a passar, não era do conhecimento das altas esferas dos grandes países, todos eles, bem informados pelos múltiplos serviços secretos que têm ao seu alcance. Mais tarde, iremos talvez saber o que verdadeiramente se passou...

Resta-me referir um último aspecto deveras importante que enumerei em título: a privacidade.

Nada vai ser como dantes, e todos aqueles que usam e abusam dos seus “smartphones”, vão estar mais vigiados do que nunca. É um gozo enorme ver o mundo no pequeno ecrã, as últimas notícias, saber o último resultado do grupo desportivo, assistir a um filme, fazer a última aposta, etc.etc. Mas existe sempre um contra: você está a ser vigiado, mas não sabe por quem! É esse processo que já na China está a ser utilizado para controlar as pessoas no seu dia-a-dia, utilizando as tecnologias mais sofisticadas por aqueles que querem todos os outros. É a ciência tecnológica, ao serviço de todos, e depois com a maior displicência dizem aos que não gostam desta “nova pandemia” que a mesma é utilizada para a segurança de todos. Esperem para ver.

Como nota final, e não queria deixar passar o acontecimento, o nosso Primeiro-Ministro recebeu hoje os presidentes dos três grandes clubes do País, para saber o que pensam da continuação do campeonato nacional de futebol, a pedido também da FPF. Não resta a menor dúvida que o futebol continua a ser o desporto-rei. A resposta é dada daqui a dias. Aguardemos. Entretanto, França deu o exemplo que o campeonato francês acabava, ficando a classificação como está.

Jornalista (o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

**LEVE A SÉRIO**  
a ameaça do vírus

**FIQUE EM CASA**

**LAVE AS MÃOS**  
muitas vezes

**NÃO ACREDITE EM TUDO**  
o que anda nas redes sociais

**CONFIE SÓ NAS FONTES CREDÍVEIS**

**LEIA JORNAIS E REVISTAS PARA**  
**ESTAR INFORMADO COM SEGURANÇA**

UMA INICIATIVA

APOIO

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE IMPRENSA

Associação de Imprensa da Região de Melgaço

DGS

media melgaço

VISAPRESS®

Direitos de Autor Protegidos

PARA AMANHÃ NÃO ACORDAR SEM JORNAIS

**APOIE O JORNALISMO.**

**COMPRA JORNAIS E REVISTAS**

#APOIENOTICIASVERDADEIRAS

UMA INICIATIVA

APOIO

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE IMPRENSA

Associação de Imprensa da Região de Melgaço

media melgaço

VISAPRESS®

Direitos de Autor Protegidos

**PLATEIOASIS**  
EXPLORAÇÃO FLORESTAL LDA

LIMPEZAS FLORESTAIS E VIAS PÚBLICAS

COMPRA E VENDÁ DE MADEIRA E LENHA

ELI T.939 508 863

LUCIANO T.939 873 745

Rua Dr. AUGUSTO CÉSAR ESTEVES | EDIFÍCIO 269 - 1º DTº

ROUSSAS | 4960 MELGAÇO



# COVID-19: Dados de Melgaço até 30 de Abril e esclarecimento sobre as diferenças na contagem dos casos positivos de infecção

João Martinho



Desde o início da pandemia COVID-19, a Direcção-Geral da Saúde (DGS) tem assumido, nas várias plataformas digitais e em conferências de imprensa diárias, a comunicação oficial dos casos de infecção, recuperação, mortos e outros dados sobre o plano de contingência do novo coronavírus.

No entanto, praticamente desde a primeira semana de publicação dos números no relatório diário da situação epidemiológica em Portugal, a informação da DGS, quando cruzada com a divulgada pelos municípios ou pelas entidades de saúde locais, peca por alguma discrepância.

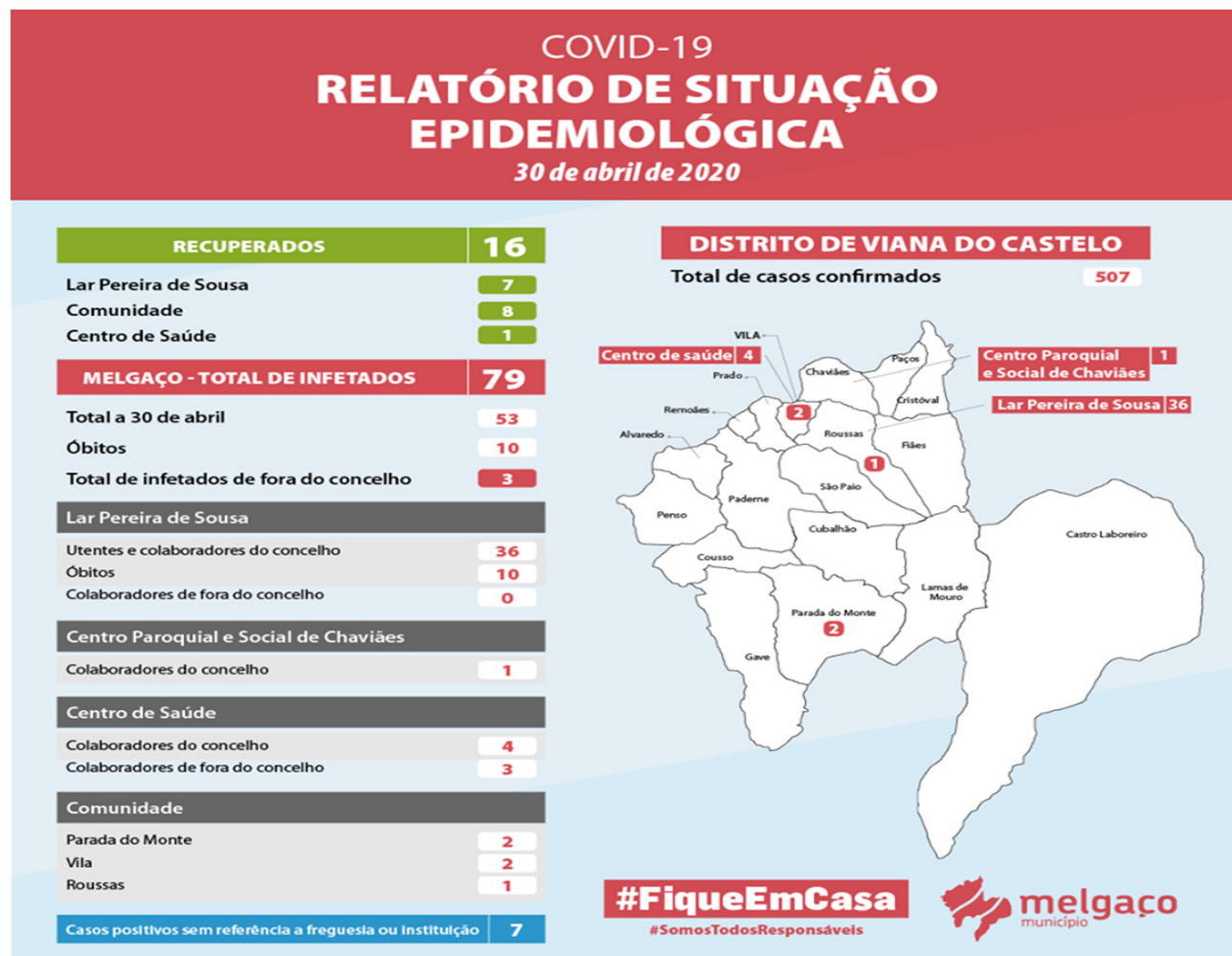
No caso da contagem de positivos em Melgaço, nos últimos dias de Abril o relatório da DGS foi-se aproximando das contagens avançadas pela página do município nas redes sociais. **No dia 30 de Abril, o diário da entidade governamental assinalava 50 casos confirmados (reportando-se a dados recebidos até ao dia 29 à meia-noite), enquanto a divulgação feita pela autarquia no mesmo dia indicava 53 activos.**

O Município foi dando nota dos casos activos, recuperados e óbitos registados desde o início da pandemia, totalizando até ao final de Abril 79 casos de infecção. À mesma data, o concelho somava 16 casos recuperados e 10 óbitos.

João Braga Simões, médico interno na USF UarcoS e professor assistente convidado na Escola de Medicina da Universidade do Minho, explica, antes de mais, a diferença entre a designação entre o nome da doença e o vírus que a causa.

“Covid-19 é a doença provocada pelo vírus. O vírus chama-se SARS-CoV-2. Isto é importante porque os números se reportam a testes positivos para a presença do vírus, que podem ser em assintomáticos, logo, não corresponde exactamente a Covid”, esclarece o médico.

“A DGS tem dificuldade em atribuir uma morada a um dado teste positivo por variadas razões – morada oficial [do paciente] vs médico de família vs doente em



família de acolhimento ou lar – o que explica as discrepâncias em relação aos números dos municípios, que podem não usar os mesmos critérios, e explica também porque só cerca de oitenta por cento dos dados dos municípios estejam disponíveis no boletim diário da DGS”, observa João Braga Simões

Sobre as divulgações dos dados que vão recolhendo, o médico considera que é “responsabilidade dos municípios”, assim como das entidades, “manter a confiança das populações nas autoridades de saúde, contribuir para a divulgação de informação fidedigna e evitar propagação de teorias da conspiração”.

“Nesta situação, principalmente depois das orientações da DGS a proibir a divulgação de dados das unidades distritais de saúde pública para as Câmaras, houve três tipos de actuação dos municípios: Os que divulgam os dados da DGS, como Viana do Castelo e Ponte de Lima, os que divulgam os dados próprios, através da

informação que colhem de várias fontes e dos próprios testes que mandaram fazer, e há municípios que não dizem nada sobre os números”.

Contudo, **sobre a segurança dos números e a vigilância das populações, o médico assegura que “os Centros de Saúde sabem quem são as pessoas que testaram positivo”,** assim como as autoridades tem conhecimento das pessoas a quem devem “garantir que cumprem as medidas de confinamento e até aquelas que são suspeitas e ficam em isolamento enquanto aguardam o resultado dos testes”.

“O dever de confidencialidade e privacidade dos doentes SARS-CoV-2 positivos deve ser preservado. **Qualquer que seja a opção das Câmaras, deve ter-se sempre este cuidado, mesmo que o pânico das populações reclame por formas mais invasivas de divulgação. A tranquilidade e confiança nas autoridades é o mais importante”,** apela o médico.



Cartório Notarial de Melgaço

**Marco Paulo Lima Gonçalves**, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

## MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215  
4960-568 Melgaço  
Telf. 251404031 / 933291437  
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83  
4950-855 Monção  
Telf. 251653224 / 933291437  
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH



ALVARINHO  
*Casa do Cerdedo*  
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...  
Qual ressaltar eu não sei,  
Pois em qualquer atributo  
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com  
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695  
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



**CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)****Ana Esteves**

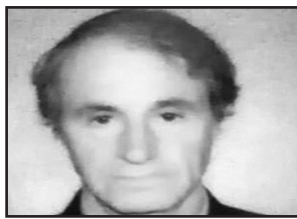
Cousso - Melgaço | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Sílvio Pires**

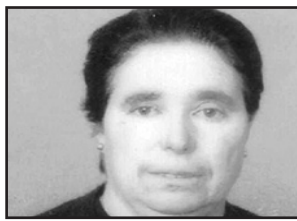
Sá - Paços | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Jesus Alves**

Cousso - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Manuel Vieira**

S.Gregório - Cristóval | 69 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA****Áurea de Lurdes Alves**

Paços - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Alice Monteiro**

Portela - Paderne | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Rosa Fernandes**

Igreja - Roussas | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**AGÊNCIA FUNERÁRIA ARLINDO CASTRO****Albertina Dias Lourenço**

Ferrão - Gave | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em folha que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».**

**AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA****Joaquina Cândida Gil**

Rabosa - Penso | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Elisa de Jesus Baptista**

Carpinteiro - S.Paio | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Ester da Conceição Gomes**

Eiró - Roussas | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Miquelina Rosa Esteves**

Fonte - Chaviães | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Idália Angélica Rodrigues**

Verde - Cristóval | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Olinda Gonçalves**

Vila - Melgaço | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Amélia Fernandes**

Carrasqueira - Alvaredo | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Aida de Jesus Alves**

Travessa - S.Paio | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Hélder José Ribeiro Cruz**

Remoães - Melgaço | 26 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Paulo Duque**

Sainde - Paderne | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Leonídia Besteiro**

Corredoura - Alvaredo | 100 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Alice Domingues**

Esquipa - Cristóval | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Aurora de Jesus Pinto**

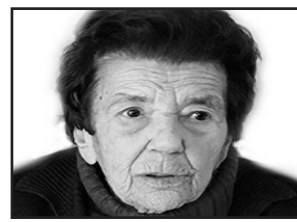
Eiró - Roussas | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Leonor Ribeiro**

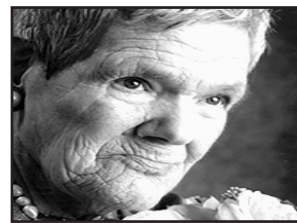
U.F. Vila/Roussas | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Lurdes C. Martins**

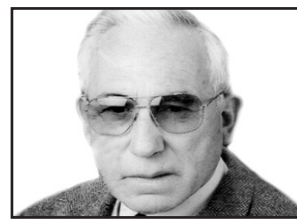
Quintas - Chaviães | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Luz de Araújo**

Vila - Melgaço | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Ilda Augusta Ribeiro**

Prado - Melgaço | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Cecília Rodrigues**

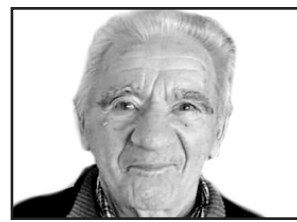
Pomar - Penso | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Amadeu Augusto Meleiro**

Lourenço - S.Paio | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Luís Gonzaga Ribeiro**

Prado - Melgaço | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



# Coube-nos a nós

Jorge Ribeiro\*

Um século depois da última grande epidemia, coube-nos agora a nós viver neste período dramático. Um novo vírus espalhou-se por todo o mundo e obrigou-nos a mudar radicalmente a nossa forma de vida.

A doença provocada por este vírus é especialmente agressiva com os mais idosos. A sua ação tem sido por isso muito sentida em lares residenciais, onde a concentração de idosos proporciona o meio ideal para a propagação deste vírus. Todos os dias nos chegamos relatos de situações trágicas vividas em lares dos quatro cantos do mundo.

Quis o destino que eu estivesse, hoje, à frente de uma instituição onde existem lares para idosos. Foi num desses lares que a doença bateu à porta a três de abril. Nesse dia despedi-me dos meus filhos, sem saber quando voltaria a estar com eles. Um mês depois, a luta contra a doença e o medo de os contagiar, ainda não deixaram que isso acontecesse.

O dia três de abril de dois mil e vinte há-de ficar sempre nas memórias de toda a família da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, em especial dos que estão ligados ao Lar Pereira de Sousa, como o dia em que o inferno nos caiu em cima.

Entre o pânico, as lágrimas e o medo da doença, tínhamos que continuar a fazer aquilo que fazemos todos os dias, tínhamos que garantir que os nossos idosos continuavam a ser cuidados.

Os nossos dias passaram a ser geridos minuto a minuto. A cada momento uma situação nova e mais difícil que a anterior se nos apresenta. Dia após dia.

Quando à noite encosto a cabeça na almofada, penso que falta menos um dia para isto acabar.

Nem eu, nem certamente ninguém dos que me acompanham, alguma vez viveram algo semelhante. Não estávamos preparados para isto. Ninguém está.

Mas estes são períodos reveladores. Entre outras coisas, permite-nos ver o melhor e o pior que há em cada pessoa. E permite-nos também perceber quem são as melhores e as piores pessoas.

Podia falar-vos aqui da muita maldade que vimos, que sentimos na pele. Podia falar-vos daquele peque-

no grupo de pessoas que tentam aproveitar os momentos de fraqueza para prejudicar, para fazer mal, para destruir. Sem qualquer preocupação com aqueles que tentamos salvar. Pessoas que não fazem falta, que não melhoram a vida de ninguém.

Mas prefiro falar-vos do melhor que vivi, das enormes lições de vida que recebi, da quantidade de vezes que me arreepei com a grandeza de algumas personalidades.

As notícias que íamos lendo e ouvindo na comunicação social, falavam de lares onde os idosos eram abandonados, ou onde um pequeno grupo de pessoas tentava prestar os cuidados mínimos, até ao limite das suas forças. Esta era uma ideia que nos aterrorizava – a qualquer momento poderíamos não ter equipa suficiente para cuidar dos nossos utentes.

A verdade é que nem a doença, nem o medo de adoecer foram suficientes para que isso acontecesse. A coragem, a responsabilidade e o espírito de missão das nossas colaboradoras falaram sempre mais alto e não permitiram que em momento algum faltassem cuidados aos nossos idosos. Para estas pessoas que me acompanham nesta batalha, dia após dia, sem outra preocupação que não seja o bem-estar daqueles a quem cuidam, a minha vénia, a minha imensurável gratidão.

A resposta dada pela comunidade foi imediata e em grande escala. De todo o lado foi chegando colaboração, mensagens de apoio e donativos dos mais variados géneros, desde equipamentos de proteção a alimentos. As populações e entidades locais, públicas e privadas, disseram presente de uma forma que deixou bem claro que, nos momentos de aflição, somos uma comunidade, unimos esforços.

Numa onda de solidariedade que se estendeu até Lisboa, chegaram à nossa instituição os voluntários. Mais de uma dezena de jovens, com as mais variadas formações académicas e profissões, vieram até nós, disponibilizando-se para o que fosse necessário. Sem esperar nada em troca, a não ser a satisfação de poder ajudar. “Não podíamos ficar em casa, sabendo que

estes idosos precisam de ajuda”, diziam. Inundaram a instituição de carinho. Não tenho palavras para exprimir a admiração que sinto por estes homens e mulheres. São eles o garante de um futuro melhor para a humanidade.

Mas a maior lição de vida veio certamente dos nossos idosos. De um dia para o outro viram-se privados de visitas. Há quase dois meses que não recebem um abraço dos seus familiares, algo que as novas tecnologias ainda não substituem.

Mais tarde, passaram a não ter as suas atividades normais, a não conviver como habitualmente. Deixaram até de reconhecer os rostos daquelas que todos os dias lhe prestam cuidados. As máscaras, as viseiras, os fatos passaram a fazer parte do seu dia a dia.

Muitos deles não compreenderão bem o que está a acontecer. Mas confiam e acreditam que estamos a fazer o melhor para eles. E serenamente esperam por dias melhores. Com aquela serenidade que tanto precisamos e apenas os anos de vida trazem.

No entanto, não conseguimos salvar todos. Apesar de todos os esforços de toda esta gente, alguns dos nossos idosos foram vencidos pela doença. É para eles e para as suas famílias que vai o nosso pensamento. Queríamos continuar a tê-los entre nós. São eles o centro da família Santa Casa e é por eles que existimos e que trabalhamos diariamente.

Sairemos disto pessoas diferentes. Acredito que melhores, mais fortes, mais solidárias, mais preparadas para lidar com as adversidades da vida, que serão sempre pequenas, comparando com o que estamos a atravessar.

Na parte que me diz respeito, na parte que toca à Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, estamos mais unidos do que nunca à volta da nossa missão.

Esperamos que este flagelo tenha um fim rápido, com um pensamento que nos acalenta em cada fim de dia - os nossos idosos nunca se sentiram abandonados.

\* Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

# Heróis entre heróis

D. Pio Alves de Sousa\*

A pandemia que sofridamente padecemos, entre muitas dores e apreensões, pôs de manifesto todo um mundo de generosidade.

Com efeito, desde o mais alto Magistrado da Nação até ao cidadão mais humilde, serão exceção os poucos que possam ter virado as costas a quem sofre as maldades do vírus. Toda essa legião de benfeitores merece o nosso agradecimento. O meu também.

Sem secundarizar ninguém, aqui e agora, quero referir-me apenas aos responsáveis pelos lares, especialmente aos membros das estruturas diretivas. E faço-o porque, aqui e ali, vão aparecendo referências que, se não tem, podem ter uma leitura negativa. Há modos de apresentação da contagem dos mortos que podem induzir os mais distraídos a pensar que se não fossem os lares os números de vítimas seriam mais baixos.

Mais baixos?! Abandonados nas suas casas, esquecidos, muitas vezes, dos seus familiares, aconteceria que só seriam contados como mortos dentro de semanas ou meses!

Uma alta percentagem da população dos lares, porque são bem cuidados, vai progressivamente aproximando as estruturas residenciais a estruturas de cuidados continuados. Compreende-se facilmente que surjam aí muitas das vítimas.

Percebo o esforço e o cansaço de quem tem a responsabilidade de gerir esta complexa operação da pan-

demia. Mas não são bonitas nem justas explicações, referidas aos lares, do tipo: nós tínhamos avisado ...; nós tínhamos advertido ...; nós tínhamos mandado ...

Sabem, acaso, que às vezes, os responsáveis dos lares e também de outras valências das IPSS, são tratados por responsáveis oficiais quase como se fossem inimigos a abater? Sabem, acaso, que, com alguma frequência, as inspeções (legítimas e necessárias!) tem muito pouco de colaboração pedagógica e técnica e mais de “visitas de fita métrica” para verificar se faltam 2cm à porta? Sabem, acaso, que muitas instituições sobrevivem a duras penas e cada fim de mês é um calvário a contar os cêntimos?

Caros membros das Direções dos lares:

Apesar de algumas incompreensões, esta pandemia ajuda a perceber como fostes e sois imprescindíveis. Que seria do País sem o vosso trabalho! Sem as vossas canseiras e a generosa dedicação dos vossos colaboradores esta pandemia seria um pandemónio!

Muitos dos vossos “velinhos” já não tem capacidade para vos agradecer. Agradece-vos a Sociedade. Agradece-vos Quem prometeu que nem um copo de água dado por amor ficaria sem recompensa (cfr. Mt 10, 42). E vós dais muito mais que um copo de água. Sois heróis entre heróis.

Abr 24, 2020 - 16:59

\* Bispo Auxiliar do Porto

## ATENÇÃO ATENTADO INFORMÁTICO

**CIRCULEM AO MÁXIMO  
DE PESSOAS POSSÍVEIS**

Acabo de receber esta mensagem de uma amiga: “Pelo teu computador e pelo meu, faz circular este aviso para os teus amigos e contactos familiares. Nos próximos dias estejam atentos: não abram qualquer mensagem que contenha um arquivo anexo chamado: “Atualização do Windows live” independentemente de quem te enviar. É um vírus que queima todo o disco rígido. Este vírus virá de uma pessoa conhecida que tem a tua lista de endereços. É por isso que deves enviar esta mensagem a todos os teus contactos. Se receberes alguma mensagem com o anexo “Windows Live Update”, mesmo que seja enviado por um amigo, não o abras e desliga imediatamente o teu computador. Este é o pior vírus anunciado pela CNN e foi classificado pela Microsoft como o vírus mais destrutivo que já existiu. Este vírus foi descoberto ontem pela McAfee. Não há possibilidade de reparação para este tipo de vírus. Ele simplesmente destrói o Sector Zero do disco rígido. Lembra-te: se enviáres esta informação aos teus contactos, vais proteger-nos a todos.



# Que nos ensinam os grandes romances sobre as pandemias?

Costa Guimarães

“Por maior que seja o nosso medo, o ser humano também é sábio e tolerante em qualquer parte do mundo. Para um mundo melhor surgir após essa pandemia, precisamos abraçar e nutrir os sentimentos de humildade e solidariedade gerados pelo momento atual”. A afirmação é do Prémio Nobel da Literatura de 2006. Num artigo publicado no New York Times, no dia 23 de Abril deste ano, Orhan Pamuk (<https://www.nytimes.com/2020/04/23/opinion/sunday/coronavirus-orhan-pamuk.html>) analisa os grandes romances sobre pandemias e faz-nos uma síntese do que eles nos ensinam hoje, em tempos do novo coronavírus — Covid-19.

Já que temos de estar por casa, pode ser a oportunidade para lermos grandes clássicos da literatura europeia, como *A Peste*, de Albert Camus (1947), *O Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (2008). Mas existem outros escritores dos mais diferentes géneros e estilos, como a inglesa Mary Shelley, de *O Último Homem*, de 1826; o americano Edgar Allan Poe, de *A Máscara da Morte Rubra* (1842), e o colombiano Gabriel García Márquez, de *O Amor nos Tempos do Cólera* (1985), descreveram os horrores de uma epidemia.

Um dos pioneiros foi Daniel Defoe (1660-1731). Em *Um Diário do Ano da Peste* (1722), o inglês relata o episódio que devastou Londres em 1665 e dizimou 100 mil pessoas. Fenómeno semelhante ocorreu com *The Eyes of Darkness* (1981). Já houve quem afirmasse que o autor da obra, o americano Dean Koontz, teria “previsto” a pandemia de coronavírus.

E, por falar em coincidências, o que dizer do filme *Contágio* (2011), dirigido por Steven Soderbergh? Uma executiva americana, interpretada por Gwyneth Paltrow, viaja para a inauguração de uma fábrica na China. Lá, é infectada por um vírus misterioso depois de cumprimentar um chef de cozinha, o “paciente zero”, que não lavou as mãos depois de preparar um leitão contaminado (cf. <https://www.youtube.com/watch?v=uGeWspeMzFk>).

No seu artigo, Orhan Pamuk, — que vamos decalcar — começa por lembrar que “as pessoas sempre responderam às epidemias espalhando boatos e informações falsas e retratando a doença como estrangeira e trazendo intenções maliciosas”.

Nos últimos quatro anos, este Nobel da Literatura escreveu um romance histórico ambientado em 1901, durante o que é conhecido como a terceira pandemia de peste, um surto de peste bubónica que matou milhões de pessoas na Ásia, mas não muitas na Europa. Nos últimos dois meses, amigos e familiares, editores e jornalistas que conhecem o assunto desse romance, “*Noites de Peste*”, fazem-lhe uma enxurrada de perguntas sobre pandemias.

Eles estão mais curiosos sobre as semelhanças entre a atual pandemia de coronavírus e os surtos históricos de peste e cólera. Há uma superabundância de semelhanças. Ao longo da história humana e literária, o que torna as pandemias semelhantes não é mera semelhança de germes e vírus, mas que nossas respostas iniciais sempre foram as mesmas.

A resposta inicial ao surto de uma pandemia sempre foi negada. Os governos nacionais e locais sempre se atrasaram a responder e distorceram factos e números manipulados para negar a existência do surto.

Nas primeiras páginas de “*Um Jornal do Ano da Peste*”, o trabalho mais esclarecedor da literatura já escrito sobre contágio e comportamento humano, Daniel Defoe relata que, em 1664, as autoridades locais de alguns bairros de Londres tentaram fazer com que o número de pragas e mortes parecessem inferiores ao registado por outras doenças e inventam outra causa para a morte registada.

No romance de 1827 “*Os Noivos*”, talvez o romance mais realista já escrito sobre um surto de peste, o italiano Alessandro Manzoni descreve e apoia a raiva da população pela resposta oficial à praga de 1630 em Milão. Apesar das evidências, o governador de Milão ignora a ameaça e nem cancela as comemorações de aniversário de um príncipe local. A praga espalhou-se rapidamente porque as restrições introduzidas eram insuficientes, a aplicação era frouxa e cidadãos não as atenderam.

Grande parte da literatura sobre pragas e doenças contagiosas apresenta o descuido, a incompetência e o egoísmo dos que estão no poder como o único instigador da fúria das massas. Mas os melhores escritores, como Defoe e Camus, permitiram vislumbrar algo além da política sob a onda de fúria popular, algo intrínseco à condição humana.

O romance de Defoe mostra-nos que, por trás das críticas e raiva sem limites, existe uma raiva contra o destino, contra a vontade divina que testemunha e até tolera toda essa morte e sofrimento humano, e uma raiva contra as instituições da religião organizada que parecem inseguras de como para lidar com nada disso.

Defoe e Manzoni escreveram sobre as pessoas que mantinham distância quando se encontravam nas ruas durante as pragas, mas também pediam notícias e histórias de suas respectivas cidades e bairros, para que pudessem descobrir um quadro mais amplo da doença. Somente através dessa visão mais ampla eles poderiam esperar escapar da morte e encontrar um lugar seguro para se abrigar.

Num mundo sem jornais, rádio, televisão ou internet, a maioria analfabeta tinha só a imaginação para entender onde estava o perigo, a severidade e a extensão do tormento que podia causar.

Os rumores mais comuns durante surtos de peste foram sobre quem trouxe a doença e de onde ela veio. Por volta de meados de março, lembra Pamuk, quando o pânico e o medo começaram a espalhar-se pela Turquia, o gerente do meu banco em Cihangir, meu bairro em Istambul, me disse com um ar de conhecimento que “essa coisa” era a resposta económica da China aos Estados Unidos e ao resto do mundo.

Como o mal, a praga sempre foi algo que vem de fora. No seu relato da propagação da praga em Atenas, Tucídides começou a dizer que o surto havia começado muito longe, na Etiópia e no Egipto.

A doença é estranha, vem de fora, com intenção maliciosa.

Em “*Os Noivos*”, Manzoni descreveu uma figura que tem sido um elemento da imaginação popular durante surtos de peste desde a Idade Média: Todos os dias havia boatos sobre essa presença demoníaca e malévolos que acontecia na pestilência escura: líquido infectado em maçanetas e fontes de água. Ou talvez um velho cansado, que se sentasse para descansar no chão dentro de uma igreja, fosse acusado por uma mulher que passava por ter esfregado o casaco para espalhar a doença. E logo uma multidão de linchadores se reunia.

Essas explosões inesperadas e incontroláveis de violência, boatos, pânico e rebelião são comuns em relatos de epidemias de peste desde o Renascimento. Marco Aurélio culpou os cristãos no Império Romano pela praga da varíola de Antonino, pois eles não se uniram aos rituais para propiciar os deuses romanos. Durante as pragas subsequentes, os judeus foram acusados de envenenar os poços, tanto no Império Otomano quanto na Europa cristã.

A história e a literatura das pragas mostram que a intensidade do sofrimento, do medo da morte, do pavor metafísico e do sentido de estranhamento vivenciado pela população atingida também determina a profundidade de sua raiva e descontentamento político.

Assim como aquelas antigas pandemias de peste, rumores infundados e acusações baseadas em identidade nacional, religiosa, étnica e regional tiveram um efeito significativo sobre o desenrolar dos factos durante o surto de coronavírus. A propensão média populista de direita para amplificar mentiras também desempenhou o seu papel.

Hoje, temos acesso a um volume maior de informações confiáveis sobre a pandemia em que vivemos do que as pessoas já tiveram em qualquer pandemia anterior. O nosso medo é menos alimentado por rumores e mais baseado em informações precisas.

Quando vemos os pontos vermelhos a multiplicarem-se nos mapas dos países e do mundo, percebemos que não há para onde fugir. Assistimos a vídeos de comboios de grandes camiões do exército negro carregando cadáveres de pequenas cidades italianas para crematórios próximos,



como se estivéssemos assistindo às nossas próprias proissões fúnebres.

O terror que estamos a sentir, no entanto, exclui a imaginação e a individualidade, e revela quão inesperadamente são semelhantes as nossas vidas frágeis e a humanidade partilhada. O medo, como o pensamento de morrer, faz-nos sentir sozinhos, mas o reconhecimento de que todos experimentamos uma angústia semelhante tira-nos da nossa solidão.

O conhecimento de que toda a humanidade, da Tailândia a Nova York, partilha as nossas ansiedades sobre como e onde usar uma máscara facial, a maneira mais segura de lidar com os alimentos que compramos na mercearia e a quarentena é um constante lembrete de que não estamos sozinhos. Isso gera um sentimento de solidariedade. Não estamos mortificados pelo nosso medo; descobrimos nele uma humildade que encoraja a compreensão do outro.

Quando assistimos às imagens televisivas de pessoas que esperam à porta dos maiores hospitais do mundo, percebemos que o nosso medo é partilhado pelo resto da humanidade e não nos sentimos sozinhos. Com o tempo, sentimos menos vergonha do “meu medo” e cada vez mais o vemos como uma resposta sensata.

O medo pode provocar duas respostas distintas em todos nós. “Às vezes, faz com que eu me retire para a solidão e o silêncio. Mas outras vezes me ensina a ser humilde e a praticar a solidariedade” — destaca Pamuk.

Historicamente sempre foi mais difícil convencer os muçulmanos a tolerar medidas de quarentena durante uma pandemia do que os cristãos, especialmente no Império Otomano. Os protestos motivados comercialmente que os lojistas e pessoas do campo de todas as religiões tendiam a aumentar quando resistiam à quarentena eram agravados, entre as comunidades muçulmanas, por questões relacionadas com a modéstia feminina e a privacidade doméstica. As comunidades muçulmanas no início do século XIX exigiam “médicos muçulmanos”, pois na época a maioria dos médicos era cristã, mesmo no Império Otomano.

A partir da década de 1850, quando as viagens de barco a vapor ficaram mais baratas, os peregrinos que viajavam para as terras sagradas muçulmanas de Meca e Medina tornaram-se os propagadores mais fortes do mundo de doenças infecciosas. Espalhou-se assim a noção estereotipada de ‘fatalismo’ muçulmano e o preconceito de que eles e os outros povos da Ásia eram os criadores e os únicos portadores de doenças contagiosas.

No final de “*Crime e Castigo*”, de Fyodor Dostoyevsky, Raskolnikov, protagonista do romance, sonha que o mundo inteiro “seja condenado a uma terrível e estranha nova praga que havia chegado à Europa das profundezas da Ásia”.

Nesta pandemia de coronavírus, o governo turco adotou uma abordagem secular, proibindo funerais para aqueles que morreram da doença e tomando a decisão inequívoca de fechar mesquitas às sextas-feiras, quando os fiéis normalmente se reuniam em grandes grupos para as reuniões mais importantes da semana e para oração. Os turcos não se opuseram a essas medidas. Por maior que seja o nosso medo, o povo também é sábio e tolerante.



# Câmara e Essência do Vinho promovem campanha de promoção de produtos e território

João Martinho

A Câmara Municipal de Melgaço reuniu, no dia 28 de de Abril, com vários empresários locais de sectores como o vinho e outros produtos locais, a restauração e alojamento, para apresentar uma solução de promoção a efectivar no período de retoma da economia ligada ao turismo, em parceria com a Essência do Vinho, empresa ligada à organização e produção de eventos enogastronómicos.

A estratégia de comunicação e promoção do território e dos produtos locais consistirá segundo o autarca de Melgaço, Manoel Batista, no reforço da presença do cabaz turístico do município “nos meios de comunicação online, imprensa escrita, televisão e rádio em canais nacionais e estrangeiros” para “dar a conhecer os produtos e continuarmos a ser um destino apetecido”.

“Depois desta paragem de quase dois meses, achamos que era importante continuar a dar a conhecer o território, pô-lo nas montras do mundo para que não seja esquecido e no momento da retoma sermos capazes de aproveitar aquilo que todos dizem ser uma tendência, que será a procura será de produtos e destinos mais pequenos, ligados à natureza”, explicou o autarca ao jornal “A Voz de Melgaço”, no final da reunião.

A campanha fará referência ao património e à paisagem natural, mas dará especial destaque aos produtos, como o vinho e o fumeiro, citando os mais representativos, que em 2020 perderam a sua melhor montra.

“Esta realidade fez-nos cancelar a Festa do Alvarinho e do Fumeiro, que era uma excelente montra do território e dos seus produtos e produtores, mas também uma grande oportunidade de negócio e deixava de forma directa muito dinheiro na economia local. Não haverá Alvarinho Wine Fest e temos a restauração a funcionar em mínimos históricos alojamento com muito pouca gente”, constatou o autarca, indicando como melhor opção a



preparação da oferta para a retoma que agora se segue.

O processo de reactivação de negócios e exigirá, no entanto, “cautela reforçada” para “garantir segurança no produto que oferecemos”, sublinhou o autarca, considerando que o compromisso entre a autarquia, os agentes locais e a Essência do Vinho colocará o conelho entre as primeiras escolhas da nova vaga turística.

## Revisão do Despacho de 11 de Março poderá permitir reaberturas ainda em Maio

Em consonância com o calendário de aberturas avançado pelo Governo, a autarquia prevê reabrir também no corrente mês de Maio alguns dos espaços e serviços. O Despacho de 11 de Março, que determinava a suspensão de eventos, encerramento de espaços culturais e despor-

tivos até ao final de Abril será agora revisto, prevenindo-se alguma abertura do atendimento dos serviços e espaços culturais que possam cumprir as condições do plano de desconfinamento entretanto divulgado.

## Classificação do território: Autarquia quer fazer “trabalho sério” em selo de qualidade da UNESCO

Manoel Batista levanta o véu sobre eventual candidatura do património (ou parte dele) a “Selos de Qualidade” geridos pela UNESCO “que no país ainda não foram trabalhados” e que considera fazerem “todo o sentido” em Melgaço.

“Temos todas condições para [os] trabalhar e para que Melgaço se transforme num destino de absoluta excelência para os públicos nacionais e internacionais”.

# O coronavírus, sintoma de um momento decisivo

Costa Guimarães

Todos os olhos, conversas, angústias e debates são sobre a pandemia global do COVID-19. Mas temos que falar sobre mais coisas porque a pandemia faz parte de um processo histórico do capitalismo contemporâneo: enfrentamos as pandemias da globalização neoliberal, que vêm aumentando e se sucedendo desde as décadas dos anos 80-90.

Paradoxalmente, o capitalismo, com sua dinâmica devoradora, extractiva e mercantilizadora, infecta as suas próprias rotas comerciais, os seus mercados, as suas instituições. O nível de contradição é o máximo: o desaparecimento do Estado de grandes áreas da vida das pessoas deu lugar a um grito de todos para que o Estado faça agora tudo pela saúde, pela economia, pelas empresas e pelas famílias.

A (pandemia) COVID-19 é apenas mais uma de uma lista específica que, em um grau ou outro, constituiu ameaças à humanidade, mas também avisos. SARS-CoV em 2002, a chamada “gripe aviária” (H5N1) em 2003, suína (H1N1) em 2009, Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV) em 2012, Ébola em 2013 ou Zika (ZIKV) em 2015.

O ex-diretor-geral adjunto da OMS para a segurança da saúde, Keiji Fukuda, alertara que, ao evitar aquelas pandemias, “sentimos que nos esquivamos de uma bala, mas continuamos a jogar na roleta russa”.

Estas pandemias são o resultado do avanço neoliberal da mercantilização da vida e da ocupação de novas

fronteiras ecossistémicas das últimas décadas: agricultura e aves intensivas e industriais (que causaram a gripe aviária), comércio de animais selvagens e exóticos (como ocorre na China) manipulação genética, expansão do turismo predatório, desmatamento, abuso de antibióticos, para citar alguns exemplos. Depois, estes factores foram aprimorados com uma forma transnacional de transmissão, possibilitada pela expansão da mobilidade humana e de mercadorias, pelo extraordinário crescimento das cidades, pela precariedade dos sistemas públicos de saúde, entre outros.

O COVID-19 comprova — para os mais desatentos — a insustentabilidade do actual sistema globalizado. O derretimento dos glaciares dos velhos tempos devido às mudanças climáticas pode libertar vírus com 15.000 anos, desconhecidos pela ciência cujo nível de mortalidade é desconhecido.

O COVID-19 surge é num momento interligado com os incêndios na Amazônia, os incêndios na Austrália ou o facto de 2019 ter sido o segundo ano mais quente até agora registrado.

Esses limites não são apenas ecológicos. Todo o sistema, que articula as dimensões económica, cultural, social e política, com as redes e tecidos da vida ecológica, estremece profundamente, profundamente.

A pandemia do COVID-19 é o gatilho fundamental para uma recessão económica global muito provável, que está historicamente ligada à crise económica de 2008-



2009 (que marcou nosso tempo recente), e é mais um sintoma da crise civilizacional que passa por nós.

É verdade que se fala muito menos sobre como a hepatite viral que mata 1,3 milhão de pessoas por ano em todo o mundo; um número semelhante ocorre com acidentes de trânsito (sim, o carro mata!) E doenças diarreicas (sofridas principalmente pelos sectores mais pobres da sociedade), para citar exemplos dramáticos.

O problema é que estamos perante outro ritmo de contágio, de ‘viralidade’ que não deixa nada e ninguém fora dele. Escorre por qualquer caminho que o ser humano percorra. Então, consegue incorporar tudo em sua dinâmica e satura tudo: satura sistemas e instituições médicas, satura a política e a media, satura a percepção de ameaça e morte, satura a mobilidade e a interação social, satura o Estado e o poder.



# Em terras alpinas, pelo centro da Europa | 6

## Suíça, Áustria, Budapeste

Júlio Vaz



St. Wolfgang, lago



St. Wolfgang, uma rua



Abadia de Melk e envolvência



Danúbio (Viena)



Ópera - Praça Karajan



Palácio de Ofburg

### De Salzburgo a Viena, pela Região dos Lagos St. Wolfgang e Melk

A avaliar pelo programa, o quinto dia da nossa viagem por terras alpinas (sexta-feira, 9 de Agosto) adivinhava-se longo, denso, intenso. Começou, por isso, bem cedo.

O percurso entre Salzburgo e Viena fez-se através da impressionante beleza da exuberante região dos lagos. Conhecida como *Salzkammergut*, trata-se na verdade de uma região paradisíaca, repleta de deslumbrantes paisagens, com uma série de lagos dormindo aos pés das infundáveis montanhas de que se nutrem os Alpes austríacos.

Cerca de uma hora depois de deixada a terra natal de Mozart, descíamos, expectantes, junto de um dos mais conhecidos lagos da região, o *Wolfgangsee*, em cujas margens se encontram povoações como *St. Gilgen* – a terra que viu nascer a mãe de Mozart – ou a turística cidade de *St. Wolfgang*, que agora vamos conhecer.

Situada nas margens do lago, *St. Wolfgang* é uma simpática cidade com uma história peculiar, agraciada com uma singular natureza, habitada por um povo cioso de suas tradições.

A melhor forma de a conhecer é caminhando. Foi o que fizemos, aproveitando o escasso tempo de que dispúnhamos. São lindas as suas ruas por onde a vida passa; é fresco e calmo o lago que enamorado a reflecte; a cada passo nos surpreendem idílicos recantos – com casas típicas coloridamente adornadas com generosas floreiras – e há uma linda igreja onde tudo começou e à sombra da qual se desenvolveu.

A cidade nasceu e cresceu nas margens do lago, em torno de uma igreja que *Wolfgang* (então bispo de *Regensburg*, na Alemanha) ali ergueu em 976. Mas o seu maior incremento deu-se a partir de 1052, com a canonização de *St. Wolfgang*, pelo papa Leão IX: a igreja tornou-se, então, um centro de peregrinação, aonde regularmente acorriam devotos agradecidos pelas graças recebidas ou crentes esperando a obtenção de algum favor divino por intermédio do poderoso santo.

Vinda dos finais do século X, esta igreja sofreu diversas reformas ao longo do tempo e foi, durante a idade média, um dos santuários mais visitados e venerados de da Áustria. Particularmente notável é um magnífico altar gótico em madeira, de 1481, do escultor *Michael Pacher*, no qual estão reproduzidas cenas da vida de Jesus.

Mais recentemente, nos anos 1930, a cidade tornou-se mundialmente conhecida, mercê da comédia musical «*White Horse Inn*», ali rodada e cuja estreia em Berlim foi um estrondoso sucesso; desde então, a cidade desenvolveu-se muito, turisticamente, e hoje é um dos principais centros de reparador descanso no interior da Áustria.

Qual cidade SPA, *St. Wolfgang* é sobretudo movimentada aos fins de semana. Cansadas, muitas pessoas ali acorrem em busca de paz, no seio de uma natureza generosa, acolhedora, relaxante: no Verão, pela calma transparência das águas do lago convidando a um refrescante mergulho ou um popular passeio de barco ao longo da costa, à descoberta dos lugarejos que à sua volta, distraídos, se espreguiçam; no Inverno, cedendo ao apelo das montanhas que, cobertas de neve, se transformam em populares estâncias de esqui, com diversidade de pistas e uma moderna rede de teleféricos, ou do lago congelado, que vira tentadora pista de patinagem sobre o gelo.

O tempo passa veloz. O autocarro aguarda a nossa chegada, para nos levar ao próximo destino. Subimos, então, e, duas boas horas depois, descíamos em *Melk*.

*Melk* é uma pequena cidade, entre as várias que povoam o *Vale do Wachau*, uma das mais lindas regiões da Áustria, de paisagem montanhosa em indissolúvel conúbio com o lendário *Danúbio* azul.

Situada na margem sul do rio, tem na enorme e luxuosa *Abadia de Melk* o seu mais relevante factor de atracção turística.

Inicialmente uma fortaleza do fim do século X (996), foi em 1089 doada aos monges beneditinos de *Lambach*, que depois a foram transformando em mos-

teiro, donde, na Idade Média, irradiaram para toda a Baixa Áustria.

Todavia, a sua actual magnífica forma barroca – eia, altiva, olhando o Danúbio, no seio de uma paisagem cuja beleza com sua imponência enriquece – vem-lhe da reconstrução, no início do século XVIII, após um devastador incêndio que a consumiu.

Reconstrução que decorreu da iniciativa e sob a atenta supervisão do abade de então, *D. Dietmayr*, que confiou tão ousada empresa ao arquitecto *Jakob Prandtauer*, a quem pediu uma construção de harmonia com a geografia do lugar e uma igreja que fosse, ela mesma, uma obra de glorificação de Deus através da beleza.

E o resultado aí está: um enorme complexo arquitectónico, um esplêndido exemplar do luxo e refinamento do barroco germânico, cujas formas e linhas ainda perduram e em que o magistral aproveitamento da topografia do local e o adequado perfil dos diversos elementos do conjunto atestam o invulgar sentido paisagístico e perícia do arquitecto eleito e dos diversos artistas a si associados.

Tudo ali é elegância, grandiosidade, beleza, nos seus diversos sectores; a começar pelo *Claustro dos Prelados*, prosseguindo com a *galeria imperial*, passando pela *sala de mármore*, espriando a vista no admirável *terraço* em frente ao pórtico, espreitando a imponente *biblioteca* (uma dúzia de salas guardando mais de 750 incunábulo, 2.000 manuscritos e 100.000 volumes de obras versando as mais diversas matérias) mas atentando especialmente no autêntico *ex-libris* que é a sua *barroca igreja monástica*: com as suas duas torres simétricas, uma bela cúpula octogonal e abundância de magníficas pinturas de *Rottmayr* e *Troger*, esta igreja representa o triunfo e exaltação do Barroco em toda a sua essência e majestuosidade e mostra plenamente alcançado o objectivo com a construção prosseguido – a *glorificação de Deus através da beleza*.

Tendo no turismo cultural a sua principal fonte de receita, a *Abadia de Melk*, preservando toda a sua ri-

Continua na pág. seguinte



Continuação da pág. anterior



Igreja de São Pedro



Monumento Vítimas da peste

queza artística e fiel às funções que presidiram à sua criação – servindo a arte e a cultura (com exposições de história e arte, representações teatrais e concertos musicais), promovendo a educação e o ensino (a sua actividade docente abrange cerca de mil alunos), cuidando da salvação das almas (tem a seu cuidado o acompanhamento religioso de 23 paróquias da região) – tem mantido o seu carácter emblemático, alimentando o orgulhoso fascínio do povo austríaco e garantindo o encanto dos milhares de turistas que anualmente a visitam.

A manhã ia longa, o calor apertava, as energias minguavam e ainda uma longa e densa tarde nos esperava. Apressámo-nos, por isso, para o restaurante previamente contactado, onde tratámos de acalmar o estômago que há tempo reclamava conforto.

E voltámos ao autocarro. Pouco mais de uma hora depois (que consumimos entre a contemplação da majestosa paisagem que a nosso lado deslisava e um breve culto prestado a Morfeu) descíamos no centro da capital da Música Clássica.

#### Em Viena. A Ringstrasse

Uma visão panorâmica de Viena, como a prevista no programa, facilmente se obtém com um passeio pela sua mais importante e popular avenida, a **Ringstrasse**.

Avenida que é fruto do dinamismo do jovem imperador **Francisco José I**, que em Dezembro de 1857, tendo decidido proceder à reestruturação da cidade, mandou demolir a muralha que desde o século XII a protegia e promoveu a construção, em seu lugar, de algo especial que mostrasse a força, o poder e a riqueza do império.

A construção, conforme desejo do imperador, foi rápida, embora à custa de um enorme esforço material e humano. Foram contratados os melhores arquitectos e agenciados milhares de trabalhadores que, vindos da Morávia e da Boémia, assentaram arraiais nos arredores da capital, vivendo em míseras condições.

E o resultado aí está: desde 1865, integrando o Centro Histórico de Viena, Património da Humanidade, uma monumental avenida em forma de anel (*Ring*), – a *Ringstrasse* – cheia de majestosos palácios, extensos e frondosos parques e ricos museus, onde se concentram os últimos 150 anos da história da Áustria e se reflecte todo o encanto e esplendor da capital austríaca.

Com ela, o centro de Viena (com o Palácio Real, a Catedral de Santo Estêvão, diversas igrejas e conventos) até então voltado para a corte e alto clero, abre-se agora às classes emergentes: funcionários, burguesia industrial, grandes famílias judaicas.

Tudo isto facilmente se comprovará com uma descontraída caminhada por uma das mais belas avenidas do mundo, atentando na grandiosidade, equilíbrio, harmonia, na beleza, em suma, dos monumentos à nossa apreciação ali expostos.

#### A Ópera Estatal de Viena

E para começar, nada melhor do que o emblemático **edifício da Ópera**, a cuja inauguração – em 25/05/1869, com a estreia da ópera *Don Giovanni*, de Mozart – se recusou assistir a imperatriz *Sissi*, esposa de Francisco José, com isso causando um dos mais sonoros escândalos da época.

Trata-se de um monumental palácio em estilo historicista romântico, que reflecte uma das mais relevantes paixões de Viena: a *Música*. Não por acaso, a *Filarmonia de Viena* foi a primeira orquestra profissional da história. Também por isso, tudo quanto se relaciona com a Música, sua criação e execução, constitui destacado factor da economia da cidade.

Uma das mais populares atracções da *Ringstrasse*, a Ópera Estatal de Viena é também um verdadeiro símbolo da capital austríaca.

#### O Forum Imperial

A seguir, temos o que Francisco José, numa tentativa de imitação dos romanos, idealizou como *Forum Imperial*, mas que nunca chegou a completar. Assim, eis o que agora ali vemos:

de um lado, o *Palácio de Hofburg*, com os aposentos imperiais e alguns museus;

do outro, a majestosa *Praça Maria Teresa* que, projectada em torno de uma *estátua da Imperatriz* que lhe dá o nome e ao centro preside, tem a flanqueá-la dois edifícios simétricos, em estilo renascentista italiano, que albergam dois dos melhores museus da cidade – o *Museu de História Natural* e o *Museu de História da Arte*.

Mais à frente, aparece o *Burgtheater*, o Teatro Nacional. Criado pela imperatriz *Maria Teresa* para ficar perto da sua residência oficial (o *Ofburg*) e construído com todo o requinte, em estilo barroco, viu a sua inauguração envolta em intensa polémica, dada a sua péssima acústica. O que, todavia, não obstu a que ali se estreassem três óperas de Mozart: *O Rapto do Serralho*, *As bodas de Fígaro* e *Così fan tutte*.

Para contrapor a este teatro da burguesia, empreendedores privados promoveram a construção, por detrás da Praça de Maria Teresa, do teatro do povo, o *Volks-theater*.

#### O Rathaus – Câmara Municipal

Logo em frente ao *Burgtheater*, está o *Rathaus*, a Prefeitura (Câmara Municipal) de Viena. Sede do go-

verno municipal e do governo estadual, este magnífico edifício, construído em estilo neogótico de inspiração flamenga, tem à sua frente o *Rathauspark* – o *Parque Municipal* – belo exemplo de uma das muitas áreas verdes que enriquecem a qualidade de vida da capital austríaca.

#### O Volksgarten

Outro elucidativo exemplo de preocupação pela qualidade de vida da cidade é o “*Parque do Povo*” (*Volksgarten*) à frente do Parlamento. Com seus jardins, templos, fontes, monumentos homenageando personalidades históricas, parece ter sido concebido com o propósito de impressionar os súbditos austríacos.

#### Parlamento Austríaco

Impressionante é também o edifício do *Parlamento*, sede do poder legislativo austríaco (do *Conselho Nacional* e do *Conselho Federal*). Construído entre 1874 e 1883, em estilo neoclássico, à maneira de um clássico templo da antiga Grécia (berço da democracia) – como o comprova, ainda, a *estátua de Palas Atena*, deusa da sabedoria, que domina a entrada do edifício –, o mais notável edifício da *Ringstrasse* é mais um exemplo da beleza e diversidade artística de Viena.

#### Igreja Votiva

A seguir, junto ao Parque Sigmund Freud, umas imponentes torres gêmeas de 99 metros de altura em forma de agulha anunciam a talvez mais popular igreja da cidade, logo a seguir à Catedral de Santo Estêvão: a majestosa *Igreja Votiva*.

Esta impressionante igreja neogótica, em cujo interior se respira surpreendente serenidade, foi construída como gesto de pública gratidão ao Divino Salvador, logo após ter o imperador Francisco José saído ileso de uma tentativa de assassinato levada a cabo por um anarquista, em 1853.

Um pequeno esforço mais leva-nos ao **Canal do Danúbio** e ao **Stadtpark** (o Parque da Cidade), assim completando o *anel*.

Datado de 1875, o *Canal do Danúbio* foi a arrojada solução encontrada para as inundações que amiúde fustigavam a cidade. Na sua margem, aberto ao público desde 1862, o *Stadtpark*, beneficiando de uma privilegiada localização – no centro da cidade e perto da Ópera –, é uma vasta área verde de 65.000 m<sup>2</sup>, cheia de atracções – sobretudo estátuas e esculturas, que foram crescendo para perpetuar a memória, nomeadamente, de compositores como *Franz Lehar*, *Franz Schubert*, *Anton Bruckner* –, que fazem dele o preferido dos visitantes, vienenses e turistas.

Particularmente digno de nota aqui, porém, é o monumento a *Johann Strauss, filho*: uma estátua em bronze dourado, inaugurada em 1921, para homenagear o compositor austríaco mundialmente conhecido como o rei da valsa.

E neste contexto de cultura musical, uma referência ainda ao *Kursalon*, o edifício mais importante do *Stadtpark*: construído entre 1865 e 1867, em estilo renascentista, nele se realizou, em 1868, o primeiro concerto de *Johann Strauss* e passou, desde então, a ser regularmente utilizado como sala de concertos.

A terminar, de regresso ao ponto de partida, a Ópera, um breve desvio permitiu-nos sonhar, ao vislumbrar ainda outro símbolo de Viena – o *Musikverein* – a sala de concertos que acolhe, cada ano, o mundialmente aclamado *Concerto de Ano Novo*.

Fotos: Ester Taveira

# PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

# RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO



# FRANÇA - Sul de França e Lyon

## (30 de Agosto de 2019) | Lyon

M. Nadalete da C. Lopes Faria.



Último dia de viagem! De malas prontas, saímos do hotel às dez horas, ingressámos no autocarro para voltarmos ao centro da Cidade, e, em seguida, concluir as visitas do itinerário. Deambulando, acordávamos os sentidos a identificar praças, pontes, edifícios..., e a visitar o que de novo no pensamento trazíamos: colina Croix Rousse; bairro La Confluence, o mais moderno de Lyon; depois o passeio de barco; e por fim um reconfortante almoço!

A colina Croix Rousse, no prolongamento da Presqu'Île, para norte, deve o seu nome a uma "cruz de pedra avermelhada", erigida no século XVI. Mas no início do século XIX, a fisionomia da Colina, exuberante e até boémia, ajustava-se, severa, à ocupação intensa da indústria da seda.

Em 1805, teve um grande incremento com o aparecimento do tear mecânico «Jacquard», invenção do francês Joseph-Marie Jacquard (1752-1834). Mas o seu enorme tamanho exigiu oficinas adaptadas: tectos com mais de 4m de altura, capazes de acomodarem as novas máquinas e de janelas rasgadas para entrar a luz. A colina Croix Rousse foi o local onde se instalaram as novas oficinas, enquanto as anteriores, situadas no bairro de St-Georges, a sul do Vieux Lyon, desde o século XV, se esvaziaram.

Então surgiu o ditado: a antiga colina Croix Rousse, "colina que reza", tornou-se na "colina que trabalha".

Os *canuts*, artesãos da seda, curvados sobre estas máquinas, trabalhavam 14 a 20 horas por dia, e sem compensação salarial equilibrada. O descontentamento foi geral, extravasou-se em greves prolongadas de 1830 a 1831 e, depois, em 1834, causando dezenas de mortes!

A colina Croix Rousse fica então ligada aos *canuts* e às *traboules*, passagens labirínticas, escuras, sob ruas com pátios - pontos de refrigeração -, usadas pelos tecelões quando transportavam tecidos de seda, sem perdas de tempo e protegidos do mau tempo. Totalizam 315, conectando 230 ruas, numa extensão de 50km! As mais antigas remontam ao tempo dos Romanos, e encontram-se dentro do Vieux Lyon, feitas para rapidamente chegar ao rio Saône, aos pontos de abastecimento de água; no entanto o maior número foi

construído no século XIX, no interior da colina Croix Rousse. Pois é: quem havia de imaginar que, durante a Segunda Guerra Mundial, elas serviram de refúgio à Resistência de Lyon?! Tal e qual.

Actualmente algumas estão abertas aos turistas, estando as portas que lhes dão acesso identificadas. Entrámos num dos vários pátios, mas foi-nos difícil imaginar esse submundo sombrio, secreto e complexo!

Croix Rousse preserva o património dessa indústria nas Oficinas abertas aos turistas: Maison des Canuts, Atelier de Tissage e Atelier de Passementerie. Mostram ao vivo o trabalho de tecelagem da seda executado em tear manual «Jacquard»; o Atelier de Passementerie é a sede da associação «Soierie Vivante», fundada quando a passamanaria fechou a sua actividade, em 1979. Esta Oficina expõe valiosas e diferentes peças de decoração de seda combinada com algodão e metal precioso, como cordões, galões, entre tantas outras. As três dão a conhecer o contributo dos «canuts» na formação da identidade da cidade de Lyon.

A propósito lembrámos que os teares «Jacquard» vieram para o Instituto Monsenhor Airoso, em Braga, adquiridos, em Lyon, por Monsenhor Airoso, em 1886. Da sua aquisição trata Maria Manuela NEVES, "A TECELAGEM" sob a coordenação de Ernesto PORTUGUÊS, *Do Convento ao Instituto - Portas para a Vida*, Braga: Instituto Monsenhor Airoso, 2011, pp.385-411.

La Confluence! Resultado de um trabalho de renovação urbana, numa antiga zona industrial, é o bairro mais moderno de Lyon. O custo do projecto de vanguarda e ambientalmente sustentável, principalmente a expensas do Governo Francês e da Comunidade Europeia, foi enorme. Os edifícios, lá implantados, causam espanto por causa da cor, forma e dos materiais utilizados.

O projecto teve duas fases, fazendo parte da primeira as realizações dos famosos «Le Cube Orange», sede de escritórios, graciosamente - queijo suíço -; o irmão, Le Cube Vert, sede da Euronews; e o Pôle de Commerce et de Loisirs Confluence, centro comercial e zona de lazer. O primeiro ocupa dois hectares, e a sua novidade centra-se no tecto transparente, com

uma "almofada" de ar. O espaço de lazer - Cours Charlemagne - dá primazia às árvores e ciclovias. Nesta fase remodelaram-se também construções existentes: Pavillon des Douanes (alfândegas); e La Sucrierie. A Refinação de açúcar, desde 1930, deu lugar a um clube nocturno, instalado no último andar e à Bienal de Arte Contemporânea de Lyon, a qual preenche as áreas restantes do edifício.

A segunda fase da renovação do Bairro La Confluence iniciou-se em 2015, prevendo-se o seu termo em 2020! Os arquitectos suíços Herzog & de Meuron irão torná-lo mais humanizado ao adicionarem-lhe uma "área residencial", um mercado "municipal" e três novas pontes que irão conectá-lo à Confluence e às restantes partes de Lyon, incluindo, nessas pontes, uma passagem para peões e bicicletas - La Transversale.

O Musée des Confluences, na ponta sul de La Confluence, inaugurou-se em 2014. Mostra, exteriormente, e com exuberância, as suas três unidades arquitectonicamente distintas: o cristal, a nuvem e a base, sob o projecto de arquitectos famosos de Viena. A estrutura original de aço e vidro colocam-no entre as construções mais futuristas do Bairro da Confluência. As exposições permanentes relacionam-se com as origens e teorias da evolução do Mundo.

O passeio de barco foi muito interessante, com ele interiorizámos melhor o efeito dos dois rios na concepção de Lyon, e ainda da recuperação urbana de certos espaços degradados. A «Margem Esquerda», assim designada, apresenta a Cidade Internacional, concebida por Renzo Piano, a qual agrupa o Centro de Congressos, em forma de anfiteatro, hotéis, um Casino, salas de cinema, o Museu de Arte Contemporânea e outros; a cidade universitária, essa, não se vê, fica para lá da margem. Continuando, surpreendeu-nos o Parque *Tête d'Or*, longa mancha verde a estender-se em 117ha! Trata-se do maior parque botânico e zoológico francês, implantado no centro de uma cidade. A razão do seu nome, *Tête d'Or*, tem a ver com uma lenda, segundo a qual havia um tesouro enterrado no parque: uma cabeça de Cristo de ouro!

Continua na pág. seguinte



# Sou um filho de Deus ou um pobre morcego?

Carlos Nuno

Este tempo de confinamento ajudou-me a descobrir locais na internet onde encontrar alimento genuíno para a fome que todos sentimos de um sentido para a vida, mormente nestas condições tão dramáticas. Descobri ainda que, embora não em directo, podia ter acesso à missa do papa em Santa Marta, às 7 horas locais, 6 entre nós. Fiquei a saber que ele sempre se opôs à transmissão em directo dessa missa, mas que consentiu na sua difusão para, neste tempo de confinamento generalizado, poder ser voz de esperança para todos, como de facto o é.

Acontece ainda que, num dos vídeos da TV2000, televisão da Conferência Episcopal Italiana, pude ver um encontro do padre Cantalamessa com a jornalista Monica Mondo. A última pergunta foi: como classificaria os 3 últimos papas, dado ter convivido muito com eles? E é bom lembrar que o padre Raniero é o Pregador da Casa Pontifícia – dele se pode ouvir a homilia em São Pedro, na Adoração à Cruz de Sexta-Feira Santa, entre outras. Foi ele que fez a exortação aos cardeais antes de entrarem para o conclave que elegeram Bento XVI e Francisco. Pois bem, depois de observar que cada papa tem o seu carisma e não pode haver a obrigação de quem o segue o imitar em tudo, definiu João Paulo II como o homem da visão global, artista, com um carisma arrebatador. Bento XVI, como o teólogo que tanto enriqueceu a Igreja e a leitura da Escritura com as suas intervenções e as suas encíclicas. Do Papa Francisco, confidenciou que, sendo essencialmente um Pastor, para ele, é a encarnação viva de Jesus Cristo. Eu, depois de ter assistido a várias das eucaristias em Santa Marta, corroboro a imagem que o padre Cantalamessa tem do

Papa Francisco. O seu exemplo é uma lição contínua de humildade, simplicidade, entrega, preocupação com todos, doce interpelação movendo à conversão pessoal, piedade, devoção, escuta, silêncio adorante...

A eucaristia é solenizada a órgão e cânticos, com predomínio do gregoriano, concelebrada por dois sacerdotes e com a presença de dois leigos que ministram no ofertório, além das religiosas – 2, creio – que alternam na leitura e salmo do dia. Não há Oração Universal, mas há 10 a 12 minutos de adoração a Jesus sacramentado, exposto na custódia sobre o altar. Depois de recitada a oração final da eucaristia, o Papa desloca-se ao altar e, com a custódia, benze pausadamente, num gesto de quem quer abranger na bênção o mundo inteiro. Depois de recolhido o santíssimo no sacrário, sem qualquer prece no final da bênção, o Papa faz a saudação final, e retira-se fazendo vénia ao sacrário, ao altar e à imagem da Virgem, diante da qual se demora enquanto se acaba de cantar o «Regina Coeli laetare», tão próprio deste tempo pascal. O Papa inicia todas as missas apresentando uma intenção pela qual especialmente celebra. A de 22 de Abril, por exemplo, foi a de pedir que a Europa se mantenha unida e seja fiel ao espírito cristão que animou os que são considerados os seus pais fundadores. A homilia é feita espontaneamente, a partir dos textos do dia, com as mãos no leccionário e recorrendo a ele várias vezes. E é feita naquele jeito muito especial de Francisco: pausado, sem ser arrastado; cheio de inflexões e pequenos gestos que materializam a ideia que está a expor. No dia 22, servindo-se de João 3, 16-21, realçou 2 pensamentos: a) O Crucifixo é o grande livro do

amor de Deus. Um amor louco, no dizer de um místico. No crucifixo está toda a ciência e sabedoria verdadeiramente humana: Deus enviou seu Filho ao mundo para o salvar. b) esta luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. «São morcegos humanos, que só se movem na noite. É mais fácil viver nas trevas e por isso acabam por se habituar e tornam-se insensíveis à Luz. Os corruptos não sabem o que é a luz».

E a pergunta final: «Eu caminho na luz ou nas trevas? Sou um filho de Deus, ou um pobre morcego»? Assim de contundente. Impossível ficar indiferente e não deixar bem gravada na mente e depois levar o coração, para não se deixar embotar, esta pergunta lancinante.

Celebrado o 25 de Abril, de que liberdade falaram os nossos políticos? Porão a funcionar os olhos do coração que permitem chegar ao fundo dos problemas e ajudam a descobrir caminhos de uma civilização da esperança, que é muito mais que mero optimismo, dado ser uma força silenciosa, mas avassaladora, que transforma a existência dos homens e mulheres de fé? A civilização da esperança é contra o medo e a angústia, a tristeza e o desalento, a passividade e o cansaço. É a força que leva a construir a verdadeira civilização do amor. Apostamos nisso, ou continuamos a ser pobres morcegos, como questiona Francisco? Temo bem que muitos, sem o saberem, não passam de morcegos que só conseguem voar de noite e na noite.

De certeza que todos queremos ser e viver como filhos de Deus. Façamos então por isso, vivendo a sério o Evangelho.

Continuação da pág. anterior

Deslizando para sul, surgiu o Edifício da Interpol, sede da Organização Internacional de Polícia Criminal; e na margem direita o edifício da Ópera de que já falámos na crónica anterior.

Prosseguindo, foi um grande prazer ver pontes, largas e compridas, caprichosamente trabalhadas, sobre os rios Saône e Ródano... São 34! No entanto, todas contam histórias, sabemos apenas duas, as das mais antigas. Referimo-nos às pontes sobre o Ródano: Morand e Guillotière. A ponte Morand, a norte da segunda, perto da Praça Pradel e da Ópera, foi dotada de Metro no interior; foi uma das primeiras pontes com portagem, variando o total a pagar consoante a carga – carroça, mula, cavalo ou simplesmente pessoas a pé! A Guillotière dá acesso à Praça Bellecour, e é a mais antiga, sendo, aliás, durante muito tempo, o único acesso ao centro, a partir do leste da Cidade.

Olhando à esquerda e à direita, entrávamos no Bairro de La Confluence. É o encontro dos rios Saône e Ródano. Inicialmente a confluência dava-se ao nível da Praça Bellecour, depois, cresceu mais um pouco, a sul da Abadia de Ainay, e, finalmente, ganhou mais 3km a sul da Presqu'Île, graças ao trabalho de Michel Antoine Perrache, em 1769. Como gratidão o seu nome surge ligado à Cidade em três pontos: no bairro Perrache, no cais Perrache e na Gare Perrache.

O passeio de barco chegara ao fim! Enaltecíamos certamente tudo o que víamos, e a beleza do bairro La Confluence, que vai ganhando espaços agradáveis, onde os peões são protegidos e a natureza também. Seria então desejável voltar um dia para visitar o Bairro concluído, e tantos outros locais que não pudemos desta vez, por razões óbvias.

A refeição, finalmente! Partimos para o restaurante.

Ao vermos o edifício de estilo Arte Nova, tão asseado e cuidado, o apetite cresceu, e quando o almoço foi surgindo a boa disposição subia também progressivamente até à sobremesa: um gostoso doce era saboreado ao som de vozes que entoavam os parabéns não só a pessoas do grupo, mas também fora dele, estrangeiras, enfim, momentos de alegria inquebrantável!

Rumámos ao aeroporto. Partimos num voo da TAP, pelas 18.45h, directo a Lisboa. Aqui aguardámos avião para o Porto com chegada prevista às 23.25h, mas não foi assim, indesejavelmente, o voo só se concretizou muito mais tarde.

Esta saída mostrou-nos duas realidades antagónicas: uma de fruição, outra de penitência: esta grande espera em Lisboa.

Apoio bibliográfico: *lonely planet, France*, 12ª ed., 2017.



## MIRA

Consigo desde 1850

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt).

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt) | [geral@mmira.pt](mailto:geral@mmira.pt) | (+351) 251 404 014  
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

## Vendem-se

### Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

**Têm muita água própria.**

**Contactos:**

**251 414 973 / 969623094**



# João Céu e Silva entrevista Anselmo Borges

*Diário de Notícias – 19.04.2020*

Anselmo Borges: “É possível que os católicos se sintam abandonados”

Em tempos de pandemia, o teólogo Anselmo Borges questiona o que está atrás das portas fechadas das igrejas, o que se passa com a humanidade que deixou as praças vazias em todo o mundo – sem esquecer a de São Pedro.

O padre e teólogo Anselmo Borges refere nesta longa entrevista que tem tido muito tempo nas últimas semanas para pensar, ler, andar... Ao mesmo tempo, tem sido confrontado com uma Igreja Católica bastante diferente da que tem existido há dois mil anos, seja por ver o Papa Francisco sozinho na Praça de São Pedro a falar ao mundo e a celebrar a Páscoa, bem como por se confrontar com a interrupção de todas as celebrações religiosas desde há semanas e de uma forma tão radical que jamais achara ser possível.

Esta entrevista mostra um pensador diferente de anteriores conversas, dir-se-ia um crente que foi mais do que nunca obrigado a recorrer à sua reflexão de décadas, aos ensinamentos da Bíblia e aos de muitos teólogos e cientistas sociais – a favor e contra a instituição Igreja e estudiosos da fé – com quem se deu ou estudou, de modo a ser capaz de repor a ordem do seu pensamento perante a catástrofe que atingiu toda a humanidade sem um aviso prévio.

Sendo uma voz crítica de muitos comportamentos ostentatórios da Igreja, estudioso de novas formas do existir contemporâneas, como as questões que a neurociência vai desbravando entre outras novas tecnologias, adepto do diálogo inter-religioso e insaciável no confronto de ideias, Anselmo Borges realiza nesta entrevista um mergulho teológico através da história de muitos homens e mulheres que o antecederam. Por isso não se estranha quando afirma perante a crise temporária provocada pela covid-19 junto da instituição de que faz parte: “Na Igreja primitiva, não havia sacerdotes nem toda a maquinaria de que a Igreja, entretanto, e não pelas melhores razões, se foi apetrechando.”

Aproveita para equacionar além do tempo mais imediato que se segue à maior preocupação de todos os habitantes da Terra, o fim da pandemia, no que respeita a pilares que o Papa Francisco tem estado a abanar: “Pensando no futuro, julgo que se imporá uma revisão na formação dos futuros padres. Ela deve operar-se em ambientes naturais, mais em contacto com a realidade – os seminários serão para encontros espaçados, para uma formação mais específica comunitária. E haverá dois tipos de padre: o homem ou a mulher, casados ou não, escolhidos pela comunidade, que têm a sua profissão e que por algum tempo assumem a missão de liderar a comunidade; haverá também os que, celibatários por opção, se entregam a tempo inteiro à coordenação de comunidades e à sua formação mais profunda e intensa...” Para que não fiquem dúvidas, recupera as palavras do antecessor de Francisco: “O próprio Bento XVI, quando era ainda apenas o professor Joseph Ratzinger, propôs algo de semelhante.”

**Há uma semana aconteceu o primeiro Domingo de Páscoa na história dos católicos em que as suas igrejas estiveram e continuam encerradas por todo o mundo. Esperava ser testemunha de uma religião de portas fechadas?**

Sinceramente, não. Aliás, nunca imaginei que havíamos de passar por um flagelo global como este que estamos a viver.

Mas uma crise é ou deve ser sempre uma oportunidade. Neste caso, penso que foi uma oportunidade para reflectir. De facto, havia o perigo de reduzir a Páscoa a procissões, correrias, talvez demasiada exterioridade e até folclore. Foi a oportunidade de se ir ao essencial e perguntar pelo sentido real e verdadeiro da Páscoa. Perguntar, por exemplo: em que é que eu acredito, em que é que realmente acreditamos, e sobretudo: em quem acreditamos? A Páscoa celebra a paixão e morte de Jesus e a sua ressurreição, e este é o centro da fé cristã. Neste mistério, revela-se que

Deus, o Mistério último, indizível, se revelou como Amor incondicional em Jesus. Evidentemente, a ressurreição não é a reanimação do cadáver; nela, o que se afirma é que Jesus, crucificado, está vivo para sempre, ele é o Vivente em Deus, que é a Vida e a fonte da vida.

**Foi a oportunidade para o reencontro com uma fé mais límpida?**

Nada nem ninguém consegue dizer o mistério da ressurreição como os Evangelhos. Os discípulos, a começar pelas discípulas (Maria Madalena foi a primeira), reflectindo sobre o que Jesus fez e foi, no modo como ele se relacionava com Deus e com todos, a começar pelos mais abandonados, pobres, pecadores, prostitutas, no modo como morreu, fizeram a experiência avassaladora de fé de que ele é o Vivente em Deus e, quando quiseram dizer essa experiência descrevem o que chamaram “aparições”, “visões”, mas de tal modo que Maria Madalena, por exemplo, não o reconheceu, só quando ele se lhe dirigiu pelo nome: “Maria”, mas ela não pôde tocá-lo; Jesus caminhou com os discípulos de Emaús, mas eles só o reconheceram “ao partir do pão”; entrava, com as portas fechadas, saudava os discípulos: “a paz esteja convosco”, e desaparecia; disse a Tomé que metesse a mão no lugar dos cravos, mas não se diz que ele tenha metido, inclinou-se: “Meu Senhor e meu Deus”... Acreditaram e foram proclamar a grande notícia e morreram por ela. Na fé, como em tudo o que é essencial, o ver é o ver espiritual, íntimo e único, mas partilhável. Sem essa experiência interior, fica-se na mera exterioridade e em fórmulas dogmáticas congeladas que nada dizem.

É isso: é ele, pessoalmente, o Jesus real, mas transformado, já não no tempo e no espaço, mas na dimensão da eternidade. Foi Ernst Bloch, o ateu religioso, que me disse um dia: “Eu sou a Ressurreição e a Vida”: foi com esta proclamação que o cristianismo venceu.”

Depois, quem acredita parte para a vida, procurando fazer o que Jesus fez e mandou: combater por um mundo justo, feliz, para todos, na paz. Com mais esperança, força, confiança. E na convicção de fé, com razões, de que o ser humano na morte não cai no nada, mas entra na Realidade mais real e verdadeira, na plenitude da vida em Deus. Como é? Ninguém sabe.

**Estarmos perante uma religião que deixou de baptizar crianças, dar catequese, casar e enterrar católicos, não a deixa questionável aos olhos dos fiéis?**

Esta situação pode provocar um abalo nos fiéis, e eu espero que seja positivo. O que se passa é que o clero se tinha apropriado da Igreja, dos sacramentos, acabando por criar, mesmo que talvez isso não tenha estado na sua intenção, uma Igreja piramidal, vertical, clerical, com privilégios, o carreirismo e o clericalismo e a corte, que é a Cúria romana e outras, tudo o que, segundo o Papa Francisco, constitui “a peste da Igreja”.

No quadro dessa mentalidade, nesse modo de Igreja, é bem possível que os católicos se sintam agora um pouco abandonados, desamparados, pois não podem ter acesso imediato aos “donos” da sua religião.

É urgente repensar o que é verdadeiramente a Igreja, que é, antes de tudo, o conjunto de todos os baptizados. Na Igreja primitiva, a Igreja era primeiro “a Igreja doméstica”, que se reunia nas casas de algum cristão ou cristã com uma casa mais ampla e quem presidia era o dono ou a dona da casa e celebravam a memória de Jesus, fazendo o que ele mandou: dar a bênção e partilhar o pão e o vinho, lembrando-nos dele, em acção de graças, como diz a palavra Eucaristia. E foi a primeira tremenda revolução na história do mundo no que à religião se refere: se algum senhor se tinha convertido a Jesus, ali sentava-se à mesma mesa que um escravo. Nestes dias de Páscoa, leu-se a história dos discípulos de Emaús, que reconheceram Jesus ressuscitado “ao partir do pão”. Para escândalo de muitos, não se fez a consagração.

Ainda alguém me há-de mostrar no Novo Testamento onde é que está que Jesus ordenou alguém sacerdote. Todos os baptizados são sacerdotes e o ministro ordenado (o chamado indevidamente sacerdote) é, como diz a palavra, apenas o que preside, num serviço ministerial, ao sacerdócio real dos cristãos.



**Esta situação de prática de religião suspensa fisicamente irá provocar algum estremecimento nos católicos que viam nas missas e noutras cerimónias religiosas uma certeza ao longo de toda a sua vida?**

Suspensa porquê? Já disse que na Igreja primitiva não era assim. Na Igreja primitiva, não havia sacerdotes nem toda a maquinaria de que a Igreja, entretanto, e não pelas melhores razões, se foi apetrechando. Por isso, é necessário reconhecer, com o teólogo Bernardo Pérez Andreo, que o coronavírus, com o confinamento, acabou por colocar em xeque esse catolicismo tradicionalista, que deixa os padres e bispos com a possibilidade de celebrar e comungar, discriminando os outros fiéis, que ficarão à míngua: “O catolicismo não pode ser a dependência do clero”.

Eu não sou nem nunca fui anarquista. E, por isso, considero que deve haver uma “ordem” (daí, o padre ordenado ou o bispo...) e um mínimo de organização.

Mas quem pode impedir ou declarar inválidas as celebrações da Eucaristia realizadas nas famílias? Estas não são porventura Igrejas domésticas? Ou, como já escrevi, impedir que se concelebre “coronoviricamente” em casa, assim: em vez de apenas “assistir” à Missa pela televisão ou outras novas tecnologias, colocar numa mesa com uma vela acesa e o livro dos Evangelhos pão e vinho, símbolos da vida, e participar na celebração, perdendo uns aos outros os pecados como Jesus mandou, ouvir a Palavra de Deus e comungar realmente e não apenas espiritualmente, como é aconselhado? Aliás, a comunhão, para ser real, não tem de ser sempre espiritual também? E o que são os sacramentos senão sinais visíveis de uma Presença (com maiúscula) invisível, mas real e actuante na graça que vivifica?

**Está a falar por experiência própria?**

Permita que lhe conte um entre muitos encontros que tive com o maior exegeta católico do século XX, grande cristão, o meu querido amigo, professor de Tubinga, Herbert Haag. Foi numa Sexta-Feira Santa em sua casa, em Lucerna. Conversámos longamente sobre Jesus, a sua história, os seus desígnios, a sua morte e ressurreição, a sua Igreja. Até foi nesse encontro que ele me pediu para ir buscar o Evangelho segundo São João em grego e ler aquele passo: “Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados”, e reparei então que Jesus não disse isso aos Apóstolos mas aos discípulos (oi mathetai). Conversámos enquanto partilhávamos uma refeição ao anoitecer, uma refeição com pão, queijo e bom vinho. Já noite dentro, à saída para o hotel, perguntei-lhe em afirmação: “Professor, foi uma Eucaristia”. E ele, serenamente: “Claro que foi.”

**E nos membros do clero esta interrupção da sua missão levantará questionamentos diferentes daqueles que assombravam a Igreja nos últimos tempos, como mulheres a serem ordenadas, casamento dos padres?**

No contexto do que acabo de dizer-lhe, é essencial que o clero medite na sua missão e no seu lugar na Igreja e

*Continua na pág. seguinte*



no mundo. Impõe-se uma conversão radical, em ordem a uma Igreja já não clerical, piramidal, mas participativa, em círculo, comunitário, pondo cada um, cada uma, os seus carismas ao serviço de todos. Homens ou mulheres, casados ou não, porque Jesus não impôs o celibato.

Mas, repito, não sou anarquista e, quando passar este pesadelo, os católicos, porque o cristianismo é simultaneamente uma fé pessoal a partir de uma experiência íntima, e comunitária, reunir-se-ão outra vez festivamente em assembleia comunitária, para, todos juntos, celebrarem a Eucaristia.

Mas, pensando no futuro, julgo que se imporá uma revisão na formação dos futuros padres. Ela deve operar-se em ambientes naturais, mais em contacto com a realidade (os seminários serão para encontros espaçados, para uma formação mais específica comunitária). E haverá dois tipos de padre: o homem ou a mulher, casados ou não, escolhidos pela comunidade, que têm a sua profissão e que por algum tempo assumem a missão de liderar a comunidade; haverá também os que, celibatários por opção, se entregam a tempo inteiro à coordenação de comunidades e à sua formação mais profunda e intensa... O próprio Bento XVI, quando era ainda apenas o professor Joseph Ratzinger, propôs algo de semelhante.

**Se todas as epidemias da História da humanidade até há bem pouco tempo eram ‘carimbadas’ como um castigo de Deus, esta não o será. É uma primeira pedra a cair num edifício mental religioso com dois mil anos e que produzirá leituras diferentes das páginas da Bíblia que guiaram até há bem pouco os católicos?**

Desgraçadamente, ainda há quem, incluindo cardeais, ouse apelar para o castigo de Deus. Isso é uma blasfémia. Porque é incompatível com Deus que criou por amor.

Como já disse, impõe-se saber ler a Bíblia e renovar e recriar a linguagem, não só teológica, mas também litúrgica. Por exemplo e só exemplos: como se pode continuar a dizer que as crianças nascem com o pecado original? Só se se entender por isso o que faz sentido: que nascem inocentes, mas para um mundo onde já há pecado e, por isso, podem ser afectadas por ele, como um não fumador, ao entrar numa sala de fumadores, pode ser contaminado pelo fumo. E o que é que quer dizer para um contemporâneo, ao recitar o Credo: “Gerado, não criado, consubstancial ao Pai”?; que quer dizer: “Creio na ressurreição da carne?”; que dizer a uma pessoa que tem medo de comungar na mão, porque podem cair fragmentos da hóstia? E as homilias inúteis, vazias ou contra a razão? Só exemplos, que obrigam a reflectir e a não esquecer que de Deus, no Novo Testamento, se diz que ele é “agapê” (amor incondicional) e também “Logos”, que quer dizer razão, inteligência. Portanto, não basta o amor, a bondade, impõe-se atender à razão, à inteligência e procurar viver interpenetrando bondade e razão, amor e inteligência.

Por vezes, aparecem na Internet vídeos a ridicularizar o que parece a fé cristã. A mim não me ofendem, pois apenas ridicularizam, e é urgente aprender com isso, imagens ridículas de Deus e dos dogmas que a Igreja foi e vai tantas vezes transmitindo.

**A forma como o Papa Francisco tem conduzido as suas aparições nestas últimas semanas torna-o mais consensual dentro da própria igreja Católica?**

Aqui, permita que, na situação desta calamidade da Covid-19, que lembra, por exemplo, as pestes, recorde o Decameron de Boccaccio (1313-1375) no contexto da Peste Negra. Está lá a história daquele judeu bem intencionado que, instado por um amigo a converter-se, decide ir a Roma para ver e analisar o que se passava no centro da cristandade. O amigo tenta dissuadi-lo, pois Roma não seria o lugar ideal para encontrar o cristianismo, mas ele parte, deparando realmente com a podridão moral: luxúria, todos eram gulosos e beberrões, simonia e tantos outros vícios e pecados... Regressando a Paris, encontra-se com o amigo, que esperava tudo menos a sua conversão. Mas não. Ele voltara convertido, e a razão era que, se a Igreja, apesar do que vira, continuava viva, só podia ser porque como sua base e fundamento se encontra o Evangelho e o Espírito Santo. Nesta linha, também se conta que, quando Gandhi esteve no Vaticano, olhou para aquilo tudo e terá dito como o judeu do Decameron: se nem es-

tes acabaram com o cristianismo, o Evangelho de Jesus é realmente verdadeiro.

O que nos leva de novo a Francisco...

Hoje, no Vaticano, mora (não será o único) um Papa cristão, Francisco. Que dá ânimo, consolação, esperança, confiança, que põe o seu esmoleiro apostólico, o cardeal Krajewski, protegido mas sem qualquer adorno cardinalício, nas ruas com os sem abrigo e indigentes, que quer abraçar a todos, que devem saber que “no isolamento em que sofremos falta de afecto e de encontro, fazendo a experiência da falta de muitas coisas”, ninguém está só. Na Páscoa, fez uma homilia programática para uma conversão global, pedindo o alívio ou até o perdão da dívida aos países mais pobres, que os refugiados não sejam abandonados à sua tragédia, apelou à solidariedade na União Europeia e à superação dos egoísmos, porque “do desafio do momento actual depende não só o seu futuro, mas o do mundo inteiro”. E esta semana tomou a iniciativa de criar uma Comissão de peritos para estudar como enfrentar a terrível crise económica, social e política a caminho. Com cinco grupos de trabalho que se ocuparão de reflectir sobre os desafios socioeconómicos, culturais, políticos, espirituais, do futuro já presente. Qual o contributo da Igreja nesta nova situação dramática e decisiva na qual o que está em jogo é o próprio futuro da Humanidade?

**Que significado tem, e terá, para os fiéis um homem só na Praça de São Pedro a falar para todos eles e para o resto do mundo?**

É uma imagem prenante que ficará na memória de todos quantos, naquela tarde um pouco chuvosa e escura, presenciaram Francisco a atravessar sozinho em passos lentos aquela Praça de São Pedro deserta e a subir as escadas que levavam a uma plataforma. Dali, convidou à conversão e à esperança, insistiu repetidamente na necessidade da fraternidade e da solidariedade, dirigiu-se longamente às “pessoas comuns, muitas vezes esquecidas, que não ocupam as primeiras páginas dos noticiários televisivos, dos jornais e das revistas nem aparecem nos grandes desfiles do último show, mas que, sem qualquer dúvida, estão a escrever hoje os acontecimentos decisivos da nossa história”, e citou “médicos, enfermeiros e enfermeiras, empregados de supermercados, agentes de entretenimento, artistas, fornecedores de cuidados ao domicílio, transportadores, forças da ordem, voluntários, padres, religiosos e tantos, tantos outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho”. Num abraço que quer abraçar e consolar a todos, abençoou o mundo, pedindo que se ponha de lado “a nossa sede de onipotência e de posse e domínio”.

Na sua simplicidade comovente, de uma intensidade avassaladora, foi mais um gesto que corroborou não só nos fiéis mas também em não crentes a imagem de um líder, um profeta, político-moral global confiável.

**A Igreja Católica fechou rapidamente as portas dos templos, no entanto não demorou demasiados dias a aparecer ao lado dos que creem nela?**

Mais uma vez, penso que é urgente operar uma revolução. Cá está: quando se fala em Igreja, pensa-se em primeiro lugar e imediatamente na organização e na hierarquia: Papa, bispos, cardeais, padres... Ora, o Concílio Vaticano II veio corrigir. A Igreja é em primeiro lugar o Povo de Deus, o conjunto dos baptizados e, nesse Povo, há uma organização, inevitavelmente, que deve seguir o que Jesus queria, e o que ele queria até se adequa mais aos tempos, que caminham no sentido da democracia. Na Igreja, tem de haver serviços, ministérios, sem honrarias nem privilégios nem mitras nem barretes cardinalícios nem solidéus que, nas celebrações, levam àquele ritual, tão desinteressante, do tira e põe solidéu. A Igreja deve ser mais do que uma democracia, pois Jesus disse: “Eu vim não para ser servido, mas para servir” e: vós não deveis procurar ser os primeiros pelo poder, mas pelo serviço: “vós sois todos irmãos”.

O equívoco tem de ser urgentemente corrigido. Os católicos não crêem na Igreja; o que é preciso é, passando à verdade, confessar: em Igreja, todos juntos, crêem em Deus Pai-Mãe, criador e salvador, crêem em Jesus, o enviado de Deus, que revelou por palavras e obras Deus, o Mistério invisível e indizível, como Amor, e crêem assim, na luz do Espírito Santo. O acento não pode estar de maneira nenhuma na organização e na hierarquia.

**E já vê sinais de uma futura mudança?**

Viaja na Internet uma “graça” que diz bem o que eu quero exprimir. Mais ou menos assim: o Diabo: “Com a Covid-19 fechei-te as igrejas”; Deus: “Pelo contrário, abri uma em cada casa”. É evidente que eu não quero de maneira nenhuma que as igrejas fiquem definitivamente fechadas, mas para que servem as igrejas-edifício sem a Igreja da fé vivida por cada um dos cristãos e sem as “Igrejas domésticas” em cada casa e família?

Dito o que aí fica, quero prevenir e sublinhar que, tanto mais quanto ensinei muitos e muitos anos Antropologia Filosófica, não ignoro que o ser humano é um animal simbólico e simbolizante e precisa de símbolos e de rituais. Mas que eles sejam adequados e vivos e belos.

**A palavra cisma deixou de se ouvir. O inédito de dois papas vivos em simultâneo, com opiniões nem sempre convergentes, vai ser uma polémica esquecida no pós-pandemia ou tudo voltará a ser com dantes?**

Em primeiro lugar, quanto aos dois Papas, nada justifica teologicamente que Bento XVI se tenha intitulado Papa emérito. Não há Papas eméritos. O Papa é o bispo de Roma, ao qual está vinculado o papado, como serviço de unidade da Igreja, na caridade. Só há um Papa, como foi dito até pelo ultraconservador cardeal Gerhard Müller, durante a recente polémica, por causa do cardeal Robert Sarah. Quando deixa de ser Papa, torna-se bispo emérito de Roma. E devia, para evitar confusões e aproveitamentos, deixar o Vaticano e as vestes pontificias. Como fará, estou convencido disso, o Papa Francisco, se e quando resignar.

Sim, a palavra cisma deixou de se ouvir, pois, no meio desta calamidade que a todos atinge, quem quer ouvir falar nisso? É preciso ir ao essencial e acudir às pessoas em necessidade, também em necessidade espiritual.

**É uma discussão em quarentena?**

Mas não é impossível que, se não houver conversão ao núcleo da fé, esse discurso do cisma volte. Mas digo-lhe: uma Igreja sem conversão ao que é essencial e determinante da fé cristã — o determinante é Jesus Cristo, na vida e na morte —, e que não se recrie segundo esse determinante, na organização, na formulação da doutrina, na liturgia, será uma Igreja cada vez mais museu, que se irá tornando irrelevante, insignificante, no meio da sociedade e da História.

A Igreja assenta em três pilares fundamentais. Em primeiro lugar, a fé, essa entrega confiada a Deus, o Mistério último, Amor incondicional revelado em Jesus Cristo. Essa fé não pode ser irracional, não pode, muito menos, agredir a razão, tem de ser pensada e reflectida e ser capaz de dar razões dela e da esperança. A Igreja tem de ser a multinacional do sentido, do Sentido último. Depois, a fé vive-se na oração, certamente, mas não menos no amor, que se traduz no combate lúcido e corajoso pela justiça, pela dignidade divina de todos, pelos direitos humanos. Aqui, é preciso lembrar que o cristianismo operou várias revoluções, uma delas, essencial: ele transcende a confessionalidade; de facto, como diz o capítulo 25 do Evangelho segundo São Mateus, no Juízo Final, não se perguntará às pessoas, em ordem à salvação, por doutrinas e dogmas, por actos religiosos confessionais (isso não significa, de modo nenhum, menosprezo por eles), mas por aquilo que se fez na ordem aparentemente tão pouco espiritual, religiosa e confessional: “Tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber, estava nu e vestiste-me, estava no hospital, na cadeia, e foste ver-me.” E quem assim procedeu não sabia que o outro necessitado é Jesus, o que significa que alguém que até se confessa ateu, mas pratica a justiça e faz o bem, é realmente cristão, e isto é estrondoso. O terceiro pilar são liturgias belas, que celebram festiva e comunitariamente, com alegria, a vida vivida em Deus. Porque Deus não está fora; quem acredita sabe que é em Deus que nos encontramos sempre.

**Nos seus livros e ensaios existem preocupações filosóficas, científicas e metafísicas que se debatiam com o mundo como o conhecíamos. Até que ponto esta pandemia o vai obrigar a rever certos pressupostos em que acreditava?**



Desculpe talvez a vaidade, mas não me sinto na necessidade de revisões. De facto, nestas circunstâncias que atiram para um sofrimento incrível, a impotência, a morte, talvez o abalo maior possa vir daquele famoso dilema, que já vem de Epicuro: Deus deve ser onipotente e infinitamente bom. Então porque é que nos abandona e nada faz? Eu já tinha reflectido muitas vezes nisso, mostrando que é falso o pressuposto de que é possível um mundo finito ser infinito, em processo evolutivo e sem choques; não se pode querer a autonomia das realidades terrestres e cósmicas e ao mesmo tempo um Deus intervencionista; nem é compaginável querer a liberdade e ao mesmo tempo um Deus manipulador.

Deus é onipotente, não no sentido de dominar, mas enquanto Força infinita de criar. Ele é o criador, não se afastou do mundo, está infinitamente presente ao mundo, impulsionando ao bem e como anti-mal, mas respeitando a sua autonomia e a nossa liberdade. E a História está em processo e lê-se do fim para o princípio e o crente espera, com razões, que a última palavra, que ainda não foi dita, será dita por Deus e será uma palavra de misericórdia e salvação para a vida eterna. Evidentemente, o crente não pode dizer que sabe que Deus existe e que há vida para lá da morte. E entende o não crente, concretamente por causa do mal no mundo. Mas o não crente também não pode dizer que sabe que não há Deus e que com a morte acaba tudo. Ele não sabe, crê, e eu entendo as suas razões. Mas o crente também crê, com razões. Pessoalmente, penso que é mais razoável acreditar em Deus e na vida eterna. No próprio acto em que o crente ousa entregar-se, em confiança radical racional, a Deus, o mundo, que se apresenta tão ambíguo, ambivalente e tantas vezes sem sentido, ilumina-se e torna-se mais razoável, pleno de sentido.

### **Já releu livros de colegas teólogos em que certas questões de que divergia parecem agora ter algum significado?**

Não. Mas, salvaguardando sempre o pluralismo na Igreja, pois, como disse São Paulo, “onde está o Espírito de Cristo aí está a liberdade”, e o princípio de que as pessoas estão antes e acima do Código de Direito Canónico, estou de acordo em que, no meio de algum descalabro moral das nossas sociedades, se impõe evitar o perigo de que agora, dentro da infinita misericórdia divina, vale tudo. Como é igualmente necessário prevenir contra a ameaça de alguma anarquia institucional na Igreja.

É preciso manter sempre o equilíbrio racional, também na análise política, incluindo a economia política e a geoestratégia. É evidente que é necessário denunciar o capitalismo desregrado, que não serve de modo nenhum e que mata, mas também não se pode, depois, de modo nenhum, ser ingénuo quanto às soluções.

Lá está sempre a aliança da bondade e da razão.

### **Acredita que a humanidade ficará diferente após esta crise mundial ou retiraremos poucos ensinamentos?**

Esta crise vem cheia de ensinamentos. Vamos aproveitá-los? Temo que estejamos agora unidos mais pelo medo comum face ao incontrolável (“o indisponível”, de que fala o filósofo Hartmut Rosa) do que pelas lições que esta crise nos traz e que tanto precisávamos de aprender.

Alguns exemplos. Andávamos distraídos do essencial, apressados, pensando que estava tudo sob o nosso controlo, que éramos onipotentes. De repente, ficámos desorientados e perdidos na nossa fragilidade, expostos ao medo, à morte, caíram sobre nós perguntas essenciais, como: o que é que verdadeiramente vale? qual o sentido da vida? quem somos, o que somos? Os nossos planos caíram, ficámos com imenso tempo, um tempo estranho, parado, vazio, num silêncio de breu. Egoístas, cultores de um individualismo soberano e arrogante, demo-nos de repente conta de que dependemos uns dos outros, que nos podemos contagiar uns aos outros, mas também só uns com os outros nos podemos salvar. E, presos num consumismo voraz e alarve, reparamos agora que precisamos de muito menos para viver bem, é possível viver com menos. E que precisamos de pensar e de meditar. E não somos onipotentes, não somos Deus, não somos deuses, como lembrava há dias Paulo Rangel, citando o cardeal alemão Reinhard Marx.

### **Pouco mudará, então?**

Ficaremos com estes ensinamentos vitais ou, terminada a crise, esqueceremos tudo e voltaremos à vertigem da corrida e da competição, fechando-nos outra vez no individualismo, no consumismo, esquecendo todas as vítimas: por exemplo, todos os dias morrem de fome 24 mil pessoas no mundo e há 215 milhões de crianças no mundo que são vítimas de escravatura, continuarão as guerras, a violência, a exploração, o primado do deus Dinheiro? Tanto mais quanto já está presente e aumentará uma crise terrível económica, social, política. E precisávamos de unir-nos na solidariedade global, mas será que os nacionalismos, populismos, imperialismos invadirão o mundo? Tínhamos tomado consciência de que, por causa do confinamento, o ar era mais puro, havia menos poluição, mas estaremos dispostos a uma real conversão também neste domínio vital da salvaguarda da mãe Terra e da casa comum?

### **Que atitudes sugere?**

**Precisaríamos de parar, de meditar, de rezar, de ter tempo para nós, para a família, para a beleza, para a contemplação, para a música, para pura e simplesmente fruir do milagre de viver e estar vivo... Mas vamos esquecer e voltar à vertigem da aceleração alienada? Para onde queremos ir, afinal, até que venha outro vírus?**

O ser humano é terrivelmente complexo e carente. É por isso que não se aquieta no essencial do ser, e deslumbra-se com o ter. Chamo permanentemente a atenção para a escola, essa palavra mágica que vem do grego *scholê*, que significa ócio, não o ócio da preguiça, mas o tempo livre para homens e mulheres livres pensarem e governarem a polis. Mas há sempre o perigo do negócio (de *nec/otium*, negação do ócio), de tudo se tornar negócio, incluindo a política. Esse perigo está aí concretizado e operante. Ora, para os negócios e a técnica, não se pensa – o filósofo Martin Heidegger preveniu: a técnica não pensa –, não se pensa, apenas se calcula, e fica tudo reduzido a cálculos.

### **Perigos não faltarão à humanidade nos próximos tempos?**

Sim, há uma série de problemas que são globais, como o armamento atómico, químico e biológico; as questões da ecologia; os mercados; os problemas levantados pelas NBIC (acrónimo de nanotecnologias, biotecnologias, inteligência artificial, ciências cognitivas, neurociências), como o transhumanismo, o pós-humanismo, o eugenismo; as migrações... Problemas globais, que precisam de soluções ético-jurídico-políticas globais, no quadro de uma Global Governance (não digo um governo mundial), uma governança global. Ora, de facto, a política é nacional ou, quando muito, regional. E a nova geoestratégia? E a China?

Aqui, a Igreja Católica, enquanto única instituição verdadeiramente global, poderá, como já ficou dito, em união com as outras Igrejas cristãs e as religiões mundiais, ter um papel decisivo numa Declaração ao mundo sobre as condições de possibilidade de futuro para a Humanidade. Apesar de tudo, pelo menos 80% da Humanidade ainda se confessa religiosa.

### **Em cem anos nunca Fátima fechou as portas aos peregrinos que vêm de todo o mundo para o 13 de Maio como irá verificar-se este ano. Será, finalmente, a vitória da legião anti-Fátima ou um fait-divers no meio de todo o pandemónio global?**

De maneira nenhuma. Não é nem será a vitória dessa legião. Pelo contrário. Para já, impunha-se evidentemente, até por uma questão de bom senso, fechar Fátima e anular a celebração pública do 13 de Maio. Mas, dentro da lógica de Fátima e do que leva milhões de peregrinos a Fátima — Maria é a mãe, a que ouve e entende —, logo que seja possível (quando, não se sabe), as pessoas irão lá em massa, para rezar, para agradecer, para pedir. Exactamente para aquilo que já fazem e independentemente da Igreja oficial. Fátima salta, de algum modo, para fora do controlo do clero. Nunca esqueço que, quando há anos se anunciou, num 13 de Maio, que ia ser “revelado” o terceiro segredo de Fátima, eu, diante da televisão, pensei que toda aquela gente iria ficar espçada a ouvir. Mas não. Os peregrinos continuaram na sua devoção e na sua fala íntima com a Mãe. A definição precisa de Fátima foi dada há muito tem-

po por Frei Bento Domingues: “Fátima é o cais de todas as lágrimas dos portugueses”.

### **Sabe como está a situação financeira dos padres nas paróquias que ficaram sem receber os peditórios?**

Não sei, porque não sou pároco. Pareceu-me, por aquilo que ouvi a um colega que é pároco, que vai haver algumas dificuldades, exactamente na medida em que não há os peditórios nem se deu a chamada “côngrua” no compasso da Páscoa. Penso serem essas as duas fontes de receita para o salário dos párocos e para pagar as despesas das igrejas.

De qualquer modo, as suas dificuldades não se assemelharão às de muitas famílias que suponho viverem já em autêntica miséria, inclusivamente queixando-se da falta de possibilidade de alimentar os filhos.

### **Como estão a conviver as outras religiões com estes novos tempos?**

Tanto quanto me é dado saber, concretamente os protestantes, os judeus e os muçulmanos têm utilizado também as novas tecnologias para se unir e rezar.

E parece-me que as dificuldades terríveis por que todos passamos têm unido a todos inter-religiosamente. Afinal, indo mais fundo, é mais o que nos une do que o que nos separa. O que nos une é o Mistério, o Sagrado, referente comum de todas as religiões que saibam o que isso quer dizer, e o mandamento de amar o próximo como a nós mesmos, concretamente e sobretudo quando está mais fragilizado e em maior dificuldade. O que nos une é, antes de tudo, a humanidade comum de todos numa casa comum, sabendo que nos salvamos juntos ou nos perdemos todos.

E, dado o prestígio do Papa Francisco, penso que as várias religiões deveriam ser associadas à Declaração comum à Humanidade, atrás referida.

### **Como está a decorrer a sua quarentena?**

Normal. Eu sou um privilegiado. Por vários motivos. Depois de suspender uma série de aulas, conferências e palestras em agenda, continuo a fazer o meu trabalho, de que gosto e que não me falta: ler, estudar, escrever, dar entrevistas. Depois, o Seminário onde vivo tem uma quinta, podendo eu dar passeios, arejar, pensar peripateticamente (a andar...). Três colegas concelebramos todos os dias, mantendo as devidas distâncias sociais, segundo as regras. Há um colega, padre Zacarias Pinho, que é um autêntico provedor e que prevê e provê, não faltando nada do que é essencial. E tenho muitos amigos e amigas que me telefonam ou escrevem (dá-me particular alegria ouvir antigos alunos que, espalhados por muitos lados, até nas ilhas, até em Nova Iorque, que me telefonam a perguntar e a animar) e se oferecem para, se algo for necessário: “Saiba: eu estou aqui, nós estamos aqui”. Também procuro dar ânimo, esperança, confiança, e ouço confidências incríveis.

Durante este tempo já me aconteceu ter de andar em hospitais e fazer na Quinta-Feira Santa, na minha terra (Paus, Resende), o funeral do meu irmão mais velho que faleceu canceroso. É a lei da vida. E oportunidade para a aprofundar a ela e à fé. E perceber melhor e mais intensa e dramaticamente aqueles e aquelas que não puderam sequer despedir-se dos seus entes queridos entretanto falecidos. Por isso é que tenho aconselhado vivamente os párocos e agentes pastorais a comprometerem-se a fazer, quando for possível, uma celebração condigna de homenagem aos que, entretanto, faleceram, também porque é necessário ajudar no luto ainda mais difícil.

### **O que mais o surpreendeu nos últimos dias entre os que o rodeiam ou daquilo que sabe pelas notícias?**

Por um lado, a imensa generosidade e criatividade, de tantos no apoio, de todas as maneiras, a quem mais precisa, material ou espiritualmente. Fico comovido.

Por outro, tornou-se-me ainda mais claro que à frente das instituições, também religiosas, não se pode colocar incompetentes, hesitantes, temerosos.

Evidentemente, como já ficou subentendido, não tenho palavras para agradecer a tantos que arriscam até a saúde e a vida para cuidar dos outros em necessidade: médicos, enfermeiros, auxiliares, bombeiros, e todos aqueles e aquelas que anonimamente trabalham para que o país funcione minimamente... Os verdadeiros heróis e “santos da porta ao lado”, como diz o Papa Francisco.



# O futuro já não será o mesmo que antes pensávamos

Abílio Francisco Conde

O homem sonha o futuro numa perspectiva positiva para si ou para toda a humanidade. Esse sonho está presente em cada um de nós, seja coisa pequena ou grandiosa. O futuro vai ser diferente e cheio de incertezas com tanta opinião contraditória que não vai ser possível manter o que antes desejávamos. É um novo presente com um novo futuro. A pandemia mostrou-nos que os caminhos da humanidade estavam errados. São os casos da globalização e da deslocalização das empresas cujos efeitos perversos estão bem à vista de todos. Na Covid19 presente que vivemos o que muda de certeza é o que antes ambicionávamos e agora está suspenso. O futuro vai ser outro. Abundam catastrofistas de castigo divino e fatalistas. Uma coisa é certa muita coisa tem de mudar como sucedeu nas pandemias anteriores e das guerras mundiais. A realidade trazida pelo vírus altera tudo. Ela não vai ser igual para todos. Vai acentuar mais as diferenças sociais e políticas. Os impactos vão prolongar-se no tempo e na economia e surgirão novos factos que vão mudar os sonhos de muitas pessoas. O menor mal seria haver um reequilíbrio. O pior seria nada mudar, o salvar-se quem poder e alastrar a doença. As notícias recentes são optimistas mas toda a precaução é necessária para vencer esse inimigo invisível que rapidamente se espalhou por todo o mundo e é uma ameaça para toda a humanidade. Em Portugal, houve um combate competente à crise sanitária embora com falhas gravíssimas como a compra tardia de material de protecção, demora em montar o hospital de campanha de



Ovar, o desleixo do controle dos lares ou a questão das máscaras. Quanto às medidas de apoio às empresas e aos trabalhadores elas foram bem elaboradas mas revelam pouco apoio ao cidadão. É crónico. O auxílio financeiro não chega a quem precisa mais. Ainda há gente que espera pelos apoios prometidos aos incêndios dos anos anteriores. O bom senso vai ser preciso para vencer a pandemia e suas consequências. É preciso muito diálogo e entendimento com as diferentes forças políticas mas não vai ser fácil a partir das divergências ideológicas que se vão acentuar quando os temas não correrem favoráveis a cada partido. Um ponto positivo. Costa prometeu não ir pelo caminho da austeridade. O problema é que pode não haver outra alternativa, porque ele já a aplicou nestes últimos anos, embora disfarçada com optimismo e a sua máquina de propaganda bem afinada.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Abril 2020

# Olhar para a família como ela merece

Carlos Nuno

Uma das lições mais belas que esta crise pandémica nos está a dar é a de que são as famílias quem verdadeiramente está a sustentar Portugal e as outras nações nesta emergência.

Nestes tempos de confinamento, as famílias fizeram e estão a fazer um trabalho enorme: são escola, oficina, igreja, restaurante, mas sobretudo aliança entre géneros e gerações; lugar de guarda de afectos e de esperanças. Às vezes, confinadas em espaço demasiado estreito. Com alguns casos de explosão da violência, mas com a enorme maioria a ter uma atitude louvável a todos os títulos.

Foi a força da vida familiar que permitiu que elas aguentassem todas estas privações, se suportassem e fossem descobrindo a beleza do verdadeiro amor.

A grande lição desta crise é que a família é um recurso e não um problema. O problema é o ambiente que tenta minar a família e abalar os seus alicerces. É de toda a conveniência e urgência que as famílias ocupem o primeiro lugar nas prioridades da acção dos governos. E também na maneira como se tende a olhar para o que ela significa como célula fundamental da sociedade.

O culto do eu levado ao extremo sob pretexto de liberdade, que mais não é que uma reivindicação do despotismo do eu sobre o primado do outro que me interpela e me diz que todos so-

mos indispensáveis, esse culto tem de ser banido e fomentado o cuidado para que se criem condições de vida digna para todos, a começar pela habitação, o respeito pela natureza, o trabalho, a responsabilidade cívica, enfim, tudo aquilo que, de facto, nos faz crescer como humanos que mutuamente se necessitam e se enriquecem.

Com a retoma das actividades, não podemos embarcar novamente na despreocupação com a família, como se fosse um fantasma. Temos de criar condições que incentivem os jovens a não terem medo de constituir famílias estáveis e com filhos. Sem elas, a sociedade desaparecerá.

A política, tendo como centro a família, tem de ser algo ordinário e estrutural, porque a família é um ponto de síntese, uma encruzilhada de questões cruciais para um país que se queira avançado: desde o trabalho à saúde, à educação e ao meio ambiente.

É hora de fazer da família o ponto de partida concreto e integral para desenvolver um novo olhar que, não só não travará a retoma, mas lhe poderá dar o verdadeiro e consistente impulso.

As famílias foram autêntica escola de resiliência e criatividade nesta emergência pandémica. Partamos daqui, porque as famílias, reconhecidas na sua dignidade e função insubstituível, apoiadas como o devem ser, aguentarão e farão avançar e progredir Portugal.

## PASSATEMPO

### PALAVRAS CRUZADAS


**Horizontais:** 1. Semblante, Remover; 2. Que tem asas, Enorme; 3. Segunda pessoa, Taxa que pagavam os eclesiásticos, Símbolo químico alumínio; 4. Companhia, Senhor, Aínda; 5. Mamífero ruminante, Levantar; 6. Pequena argola, governanta; 7. Pequeno tumor, Duro, Ave de rapina; 8. Ferro combinado com carbono, Acontecer, círculo; 9. Símbolo Químico de berílio; 10. Campeão, Outra coisa, Nota sical, oferece; 11. Espécie de escumilha, Nota Musical, Consoante dobrada, Atmosfera.

**Verticais:** 1. Pesquisa, Pleno; 2. Sulfato duplo de alumina, Inflamado; 3. Batráquio, Aspiração; 4. Partida, Para barlavento, tempero; 5. Porção de círculo entre duas cordas paralelas, Coiro curtido; 6. Senhor, doçura; 7. Coisa inacreditável, folhagem; 8. Unidade, Ministro Religião Muçulmana, Grande curso água; 9. Oferece, Espécie bolo arroz; 10. Taxa que pagavam as autoridades eclesiásticas, Aradura; 11. Ler novamente, arrulhar.

### SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras escrever em qualquer sentido a expressão:

“O segredo melhor guardado é o que a ninguém é revelado”

Q	W	E	R	O	A	S	D	F	E
S	F	O	D	A	D	R	A	U	G
E	G	C	F	G	H	J	K	Ç	O
G	V	E	A	M	E	L	H	O	R
R	B	F	G	L	P	C	V	B	B
E	X	D	V	A	V	B	Q	U	E
D	R	A	S	D	F	G	H	J	A
O	G	O	D	A	L	E	V	E	R
F	E	X	F	G	H	J	K	L	F
N	I	N	G	U	E	M	A	O	H

### CHARADAS

#### Saltitantes

- \_\_\_+ELO = Cristaceo isópode de água doce
- \_\_\_+SEO = Ervilha grossa
- \_\_\_+LIO = Apoio

#### Quadrado

- |  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
- = Serpente venenosa da América
  - = Molusco gastropole
  - = Versejar
  - = Mesquinha
  - = Barrote que se coloca madeiramente

### PROBLEMA

Nos tracejados indicar nomes de “Animais Répteis”

A	_____	_____	R	_____	
_____	N	__	_____	E	_____
_____	I	_____	_____	P	_____
_____	M	_____	_____	T	_____
_____	A	_____	_____	E	_____
_____	I	_____	_____	I	_____
_____	S	_____	_____	S	_____

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo, Porto

H	Q	V	M	E	U	G	N	I	N											11
F	L	K	J	H	G	F	X	E	F											10
R	E	L	E	V	A	L	O	G	O											9
A	J	H	G	F	S	D	R	A	D											8
E	X	D	V	A	V	B	Q	U	E											7
R	B	F	G	L	P	C	V	B	B											6
R	H	O	R	E	L	H	O	R	E											5
O	Ç	O	D	A	L	E	V	E	R											4
G	U	D	R	A	L	E	V	E	R											3
E	S	D	F	G	H	J	K	L	F											2
																				1

S O L U Ç Õ E S



# Indonésia | 2

M. J. Lobo



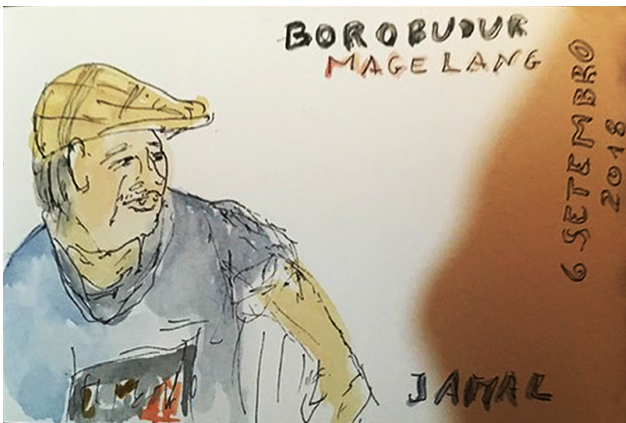
Campos de arroz nos arredores de Boroboudour



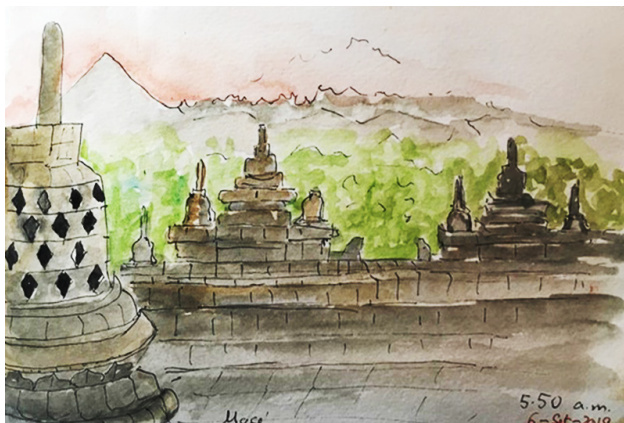
Na secção de roupas das galerias do mercado em Java



A trabalhar em batik, uma técnica de séculos...



Em Magelan, um Indonésia que tentava conversar connosco



Boroboudour ao nascer do Sol



Em Boroboudour cada stupa destas tem dentro uma escultura de Buda em posição de meditação... são muitas dezenas!



Mercado do peixe, na ilha de Java



As crianças que encontrávamos pelos campos



Escultura dentro dos templos são imensas...



Conhecer vivências reais do dia dia. Os campos cultivados

## A ILHA DE JAVA Sempre a surpreender

A Ilha de Java contém uma herança civilizacional notável e nestas nossas viagens incluímos a vertente dos costumes de quem vive no país e, por isso, há sempre tempo para uma volta pelos mercados locais: uma amostra do modo de vida real das populações, quer da sua forma de se alimentarem, quer das suas modas e costumes que nestas viagens nos faz aceder a aspectos diários da cultura local. Ao princípio da tarde seguiu-se esse imprescindível momento... Seguem apenas três imagens: uma do característico peixe seco e outras de modas cheias de côr.

### Ainda o infundável Prambanan

A tarde foi surpreendentemente preenchida a percorrer ainda muitos outros templos hindus do conjunto de Prambanan, que parecem não ter fim, espalhados

por uma enorme extensão através dos campos. As silhuetas lindíssimas, em contraluz, sob um céu nublado coando a luz, gerava uma paisagem surreal. São 240 templos distribuídos por uma enormíssima extensão e que foram construídos entre os séc. VIII e X.

O violento terramoto de 27 de Maio de 2006 causou enormes estragos cuja reparação se torna difícil e dispendiosa. Grandes apoios e mão de obra neste Património da Unesco tentaram consolidar estruturas entre 2009-2015.

Algumas fotografias dão uma ideia mas a vivência é de sucessivo espanto. Na verdade é surpreendente: trata-se do maior conjunto de templos dedicados à religião hindu fora da Índia. Fotografamos alguns por dentro onde imagens várias e baixos relevos dão identidade a narrativas do "Ramayana", sempre uma referência presente no hinduísmo, e na verdade uma das maiores e mais antigas narrativas épicas da literatura mundial: escrito em sânscrito e atribuído ao poeta Valmiki.

## A caminho de Borobudur... encontramos o Batik

Poucas dezenas de km nos separavam de Borobudur e saímos do hotel numa carrinha com as nossas bagagens. Na forma de surpresa, ainda antes de chegar ao destino, a carrinha abrandou e encostou. Uma surpresa à beira da estrada...

Encostou na berma da estrada junto de uma casa em tijolo onde na parede lateral um letreiro esclarecia: "RUMAH BATIK" BOROBUDUR. Chegámos a uma oficina familiar de pintura em Batik sobre tecidos, uma tradição de séculos na Ilha de Java, de grande perícia e técnicas muito próprias, sempre na moda por estas paragens e exportada para o mundo inteiro.

Se quiserem uma explicação validada podem consultar o vídeo: "The Batik Guide", que tem a vantagem de ser falado em inglês. Pelo menos abre caminho para mais informações.

Continua na pág. seguinte



Esta pequena oficina, de carácter familiar, seguia as técnicas ancestrais. As crianças pequenas já começam a querer aprender.

Convidaram-nos a experimentar e a maior parte de nós tentou a sua aptidão para estes trabalhos manuais... Há padrões lindíssimos e podem-se mandar fazer como o cliente pedir.

É um fascínio. Na internet encontram-se muitos padrões e muita informação.

Cobre-se o tecido com cera de abelha derretida e é sobre a cera solidificada que se traça o desenho com um estilete, abrindo sulcos na cera o que vai dar possibilidade que por esse sulco a tinta passe bem controlada para o tecido. As várias cores usadas são todas extraídas de plantas ou produtos naturais e preparadas sobre pequenos fogareiros no chão. Técnicas que têm séculos. É inacreditável a perícia e a sabedoria. Há efeitos lindíssimos. Basta ir à internet e procurar, introduzindo a palavra Batik que é inconfundível. Divirtam-se... é muito interessante pelo menos conhecer.

Usam só produtos naturais: algodão, cera de abelhas, corantes todos extraídos de plantas... Ecológico, não é verdade?

Tem séculos de tradição! Desenvolveu-se no centro da Ilha de Java, junto a Yogyakarta e Solo, sob o patro-



Pelos campos em Borobudur, arrozais

### Borobudur ao nascer do Sol, a magia inesquecível

No dia seguinte tocou a alvorada e preparámo-nos com armas e bagagens para ir numa carrinha até Borobudur, a tempo de sentir com os olhos o surgir na escuridão da noite as fantásticas silhuetas dos Budas, a recortarem-se num céu côr de fogo que se capta numa foto, mas aí sem o captar da evolução da atmosfera, a ficar transparente e iluminada, e sem ouvir os ruídos do despertar da Natureza... das aves, das rãs talvez, dos insectos, não sei identificar.

A luz do sol a nascer por trás da linha do horizonte ia-nos revelando e definindo as silhuetas perante os nossos olhos. No silêncio da iluminação estas surpreendentes construções dedicadas a Buda, infindáveis, surgiram da insondável escuridão... Quase surreal. Há momentos que ficam especialmente gravados em todas as viagens! As magias da cor, da serenidade do ar envolvem-nos de forma indescritível. Falamos baixinho, é mágico...

Todo este fantástico conjunto, construído no século IX, foi reconhecido e classificado como Património da Humanidade pela Unesco, o que exige também cuidados especiais e protecção.



Templos hindus em Prabanam. Não se vê o fim...

### Uma final surreal... a subida ao vulcão Bromo

Uma odisseia que é melhor não contar a pessoas que tenham inquietações em sonhos. Este vulcão não é um vulcão qualquer porque lança umas fumarolas que cheiram a enxofre, pequeninas mas quase em contínuo. Apresenta um ar meio domesticado porque é pequeno e está instalado num canto da cratera consolidada de um outro vulcão enorme e já adormecido há muito tempo... Este vulcão pequeno é como se fosse o nariz do grande e deita fumarolas o tempo todo.. Para irmos até lá, que ainda é bastante distante de Borobudur, aluga-se um jipe, sim, um jipe com boa tracção às quatro rodas, pois a inclinação das subidas é acentuada e tem de se subir bastante, trepar toda a montanha de lava consolidada do grande vulcão Bromo.

Partimos de madrugada, bem de noite, e toda a viagem foi de noite... Com agasalhos que lá em cima com o frio das 5 da manhã temos uma surpresa com a temperatura que faz tiritar: compra-se por ali um carapuço de lã, cabeça e orelhas agradecem. Ninguém diria que estamos próximos do Equador... Para arrumar o jipe foi um sarilho, eram dezenas. Na verdade o vulcão Bromo deve ser um "must" por aqui. Na verdade há também muitos indonésios.

Sai-se ainda de noite porque é mais giro ver lá dentro a luz da matéria em brasa. Como? consegue subindo



Um infindável conjunto de templos



Esculturas em pedra em número infindável



Junto ao maior templo do mundo, dedicado a Buda. Em Borobudur



Prabanam... conjunto infindável de templos integrados no hinduísmo

cínio do sultão e da sua corte. E as roupas assim preparadas eram usadas apenas em ocasiões especiais. A família real usava desenhos próprios, exclusivos... Algumas fotos publicadas completam um pouco a informação. Segue também a foto que identifica este "atelier" à beira da estrada. Portanto, já sabem...

### Pelos campos fora, uma tarde campestre

Nesta zona à volta de Borobudur os campos de dimensão familiar seguem-se uns aos outros, mostrando uma forma de cultivo muito idêntica a outras que conhecemos perto de nós. A água aqui é muita, as culturas sucedem-se. Percorremos caminhos entre talhões lavrados, encontrámos frutos exóticos. As crianças andavam por lá, se eram meninas tinham a cabeça tapada. Olhavam-nos entre o envergonhado e o desconfiado, mas iam sorrindo... A tranquilidade era grande apesar de Java ser uma Ilha superpovoada. As fotos ajudam a imaginar. O percurso foi muito interessante. Assemelham-se às nossas culturas e parece falarem a mesma língua.

### O maior templo budista do mundo

O templo é formado por nove plataformas sobre estacas, seis quadradas e três circulares, encimadas por um abóbada central. Está decorado com 2.672 painéis em relevo, e 504 estátuas de Buda. Talvez a fotografia dê uma ideia, de qualquer modo encontram-se facilmente na internet um conjunto enorme de fotos sobre esta maravilha. O "duomo" central está rodeado por 72 estátuas de Buda, cada uma colocada dentro de uma "stupa" com orifícios. Os degraus são muitos, como se pode calcular, mas vão-se subindo bem.

Algumas fotografias legendadas ajudam a visualizar o conjunto.

As estátuas de Buda protegidas individualmente, cada uma dentro de sua "stupa" há tantos séculos parecem conservadas. Os baixos relevos são sempre sucessões de histórias que precisam de uma explicação...

A imponência e a proporção pode adivinhar-se nas fotografias que abranjam todo o templo e ao mesmo tempo incluem um minúsculo turista que esteja por perto!

uma escada de degraus em madeira, das grandes, encostada à parede do vulcão pequeno, um bocadinho maior do que aquelas com que se vai à fruta nas árvores, e espreitar lá para dentro no intervalo das fumarolas que são fraquinhas, mas cheiram muito a enxofre. Devem vir lá das profundezas. Eu não levei nada para deitar lá dentro, mas era costume levar qualquer coisa, às vezes uma flor ou qualquer outra coisa. Não me apeteceu contaminar o ambiente... Mas espreitei! O calor e as cores de algo meio em brasa, tudo em ponto pequeno, a parecer inofensivo!

Como voltamos sãos e salvos fomos no dia seguinte de manhã num voo interno para a Ilha Celebes (em indonésio: Sulawesi), onde as descobertas de costumes ancestrais vivenciados no local também foram uma experiência irrepetível e inesquecível.

A Indonésia, com as suas múltiplas identidades, línguas e vivências próprias de cada ilha, acumuladas especificamente durante séculos, torna-se uma surpresa para reflexão e apreciação das capacidades humanas de adaptação e inteligência ambiental.



# 25 anos de Festa do Alvarinho e do Fumeiro em tempos de pandemia

João Martinho

*“Este ano celebramos 25 anos da Festa do Alvarinho e do Fumeiro, não comemoramos como desejamos, mas não perderemos o espírito e a união entre todos. É também tempo de celebrar o nosso território! Os nossos produtores merecem o reconhecimento do seu trabalho!”, recordou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.*

Em virtude da situação pandémica que o país e o mundo atravessam, Melgaço celebrou os 25 anos da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço na casa de todos os portugueses entusiastas do alvarinho e da boa gastronomia.

A autarquia preparou um programa adaptado às atuais circunstâncias, mas mantendo durante os três dias agendados para a festa, de 1 a 3 de Maio, diversos momentos de degustação e animação através da página de facebook Festa do Alvarinho e do Fumeiro e também das redes sociais da autarquia.

Uma surpresa da Torre de Menagem, uma Prova de Alvarinho comentada, um momento musical com Augusto Canário, showcooking com o Chef Vitor Matos

– Estrela Michelin e um brinde de alvarinho à janela, foram algumas para celebrar os 25 anos à distância.

Mesmo sem o ‘stand’ físico do evento, que incentiva milhares de visitantes a provar e adquirir o vinho em contexto de festa, são muitos os produtores que estão a fazer vendas online, levando Melgaço a vários cantos do país e do mundo. Nas redes sociais da autarquia e da Festa estão disponíveis os contactos dos produtores que estariam presentes no evento.

## 25 ANOS DE FESTA DO ALVARINHO E DO FUMEIRO

A Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço começou, em 1995, por se apresentar como uma mostra de produtos locais para as populações locais. Com o passar dos anos tornou-se numa festa reconhecida a nível nacional e em 2009 o Turismo de Portugal reconheceu também o seu Interesse para o Turismo.

A Festa do Alvarinho e do Fumeiro é hoje um evento incontornável no roteiro de festas gastronómicas do país, atraindo pessoas dos diversos pontos do território nacional e também um grande número de espanhóis, sobretudo da vizinha Galiza.



Em 2015, o fumeiro que complementa a festa foi distinguido pela Comissão Europeia, através da integração do presunto e da chouriça de carne na lista dos produtos com Indicação Geográfica Protegida (IGP), juntando-se assim ao salpicão e à chouriça de sangue.

Estes produtos são o resultado do saber-fazer das populações de Melgaço, que conhecem as técnicas de fabrico tradicionalmente utilizadas e que foram transmitidas de geração em geração.

# Pandemia adiou projectos e intervenções de Juntas de Freguesia

João Martinho

*Algumas das obras com início previsto no primeiro semestre de 2020 em várias Freguesias do concelho tiveram de ser adiadas devido ao surto pandémico. Fiães, Penso e Paderne deram nota das melhorias no património edificado e/ou viário que será realizado posteriormente.*

## PENSO

A finalização e apresentação do **projecto de reabilitação da antiga Escola Primária das Meninas [Escola de Baixo, na foto]**, que compreende a reabilitação total do edifício e área envolvente, desenvolvido pelo gabinete de arquitectura, engenharia e design de interiores de Davide Domingues estava inicialmente prevista para meados de Maio.

Os constrangimentos provocados pelo COVID-19 atrasaram a apresentação desta intervenção para “finais do primeiro semestre” de 2020, informa o presidente da Junta de Freguesia de Penso, Edgar Rodrigues.

**Pavimentação do acesso Escola/Bastida:** “Um dos principais objectivos deste executivo era que esta pavimentação fosse realizada até ao início do Verão, contudo, devido às contingências, provavelmente só se irá realizar durante o segundo semestre”, justifica o presidente da Junta.

**Composição, impressão e distribuição do Boletim Informativo Nº3:** A Junta de Freguesia adoptou a prática de “prestar contas” aos seus fregueses, através de um boletim informativo, distribuído pela freguesia a meio e no final de cada mandato.

“A edição Nº3, que correspondia aos trabalhos realizados até meio do mandato, estava pronta para composição e impressão e seria distribuída por altura da Páscoa. Esperamos distribuir durante o mês de Agosto”, explicou ainda o autarca.

## PADERNE

Devido ao plano de contingência adoptado, a Junta de Freguesia de Paderne suspendeu essencialmente três obras de recuperação de património edificado, nomeadamente:

**Requalificação do telhado da Sede da Junta**, por falta de material por parte do empreiteiro; **requalificação do Cemitério Velho de Paderne**, “devido a funeral de uma vítima de Covid-19 que obrigou ao fecho do mesmo” e ainda a **requalificação da Eira de Sante**, cuja intervenção está a cargo da Câmara Municipal de Melgaço, que orientou o efectivo “para intervenções urgentes”, esclareceu o presidente da Junta de Freguesia, Amado Rodrigues Dias.

“Estas são as obras mais relevantes, mas toda a gestão diária da Freguesia está limitada a dar resposta às situações mais urgentes, não podendo agendar intervenções que se sabem necessárias, como é o caso da limpeza das valetas”, indica Amado Dias.

A Junta suspendeu também, temporariamente, o projecto “Gabinete de Saúde”.

## FIÃES

Apesar de alguns constrangimentos, **o plano de obras “está em execução”**, garante o presidente da Junta, José Luís Douteiro.

Assim prosseguem as obras de abastecimento de água e saneamento do Lugar de Alcobaca, e está contratualizada a obra para o saneamento do lugar de Vila do Conde.



Construíram-se muros de suporte das estradas de Pousafoles, Souto Mendo de Baixo, Souto Mendo de Cima e Adedela.

“Colocou -se nova cobertura na garagem da Junta e procedeu-se à limpeza de parte dos baldios e bermas das estradas, bem como o aproveitamento das sobras da água do abastecimento público para a construção de novos tanques para prevenção dos fogos”, destacou o autarca.

No rol de obras futuras, está prevista a abertura de um estradão – alargamento de um caminho – para o Lugar de Jugaria a partir da estrada Mosteiro-Roussas e a abertura de estradão de Souto Mendo de Baixo - Balsada.

Relativamente ao plano de contingência, a Junta de Freguesia procedeu ao bloqueio, com blocos de granito de grandes dimensões, as quatro passagens de ligação a Espanha, cumprindo assim o fecho das fronteiras e à distribuição de luvas e mascarar a toda a população da Freguesia. “Está prevista segunda distribuição em Maio”, avança José Luís Douteiro.